REVISTA DA SEMANA

N. 49 4-12-54 Cr$ 5,00 em todo o Brasil

NO RASTRO DOS DISCOS VOADORES



A MATURIDADE DOS "TENENTES"

ILDE GARAVAGLIA,
«Glamour Girl» de 1954.





O SRTA. ILDE GARAVAGLIA RECEBE AS JÓIAS DAS MÃOS DO CRONISTA IBRAHIM SUED, SOB O SORRISO DA SRA. LEA DUVIVIER.

ILDE (GLAMOUR) GARAVAGLIA (GIRL)

UMA DAS TRADICIONAIS FESTAS DA SOCIEDADE (DA «GLAMOUR GIRL») TEVE LUGAR COM 424 PESSOAS, ONDAS DE FOTÓGRAFOS E AS MAIS BONITAS MOÇAS ★ ABSOLUTO SUCESSO ★ 848 MÃOS BATERAM MUITAS PALMAS

Fotos de ARNALDO VIEIRA

Reportagem de PETER

"Glamour-Girl"



A srta. Sônia Carneiro olhou sorridente para o fotógrafo. E' a confiança da mulher bonita.

ASSIM que entramos no "Golden-Room" do Copacabana Palace, ficamos maravilhados com a beleza do aranjo. No salão, que já é o mais bonito da cidade, estavam as mesas muito bem dispostas, com candelabros, velas acesas e flôres, fazendo um dos mais simpáticos e civilizados ambientes. Aquela foi, sem dúvida, a noite feliz. Feliz o Copa, que arrumou o ambiente, felizes as "patronesses" e os srs. Jacinto de Thormes e Ibrahim Sued que foram os organizadores. Mas, as mais felizes de tôdas foram as srtas. Ilde Garavaglia (130 votos), Maria Lúcia Mauriti (98) e Baby Vignoli, colocadas em primeiro, segundo e terceiro lugares.

Logo que terminou a votação, a comissão de apuração, presidida pelo sr. ministro Cândido Lobo e integrada pelos srs. Jorge Guinle, Cláudio Silveira, Harry Stone, Ro-



A sra. Dolores Guinle, com um belo colar, ajuda a distribuir os presentes.



As sras. Robert Singery e J.G. Silveira ouvem o sr. Carlos E.S. Campos.

bert Singery, Eduardo Duvivier, Otacílio Gualberto, Chico Paula Machado, Álvaro Catão, Carlos Eduardo de Souza Campos, Cláudio Graça Couto e Vinicius Valadares, comunicou à sala a vitória da srta. Ilde Garavaglia.

Penteada por Renaud, vestindo um belo vestido azul que terminava com flôres no ombro, Ilde ficou numa grande alegria, abraçando todos os presentes que recebeu: uma passagem aérea para a Argentina, uma blusa da Casa Canadá, um par de sapatos da Iencareli, jóias Tolipan, mala de viagem da Elizabeth Arden, cortes de tecidos Bangu e mais uma quantidade de embrulhos. Imediatamente, os fotógrafos começaram a bombardeá-la com "flashes", os cinegrafistas de televisão puxavam-na para um lado (Al Neto queria entrevistá-la), os fotógrafos queriam uma pose para a capa, os repórteres (sociais ou não) queriam saber o que pretendia fazer no futuro. Ilde respondia coisas engraçadas, enquanto ia atendendo a uma e a outro.



A «Glamour Girl» de 1954 descansa um pouco, depois de responder a perguntas. Vê-se a srta. Sônia Possolo.



A sra. Lourdes Catão usava elegante vestido branco. Fêz grande sucesso.

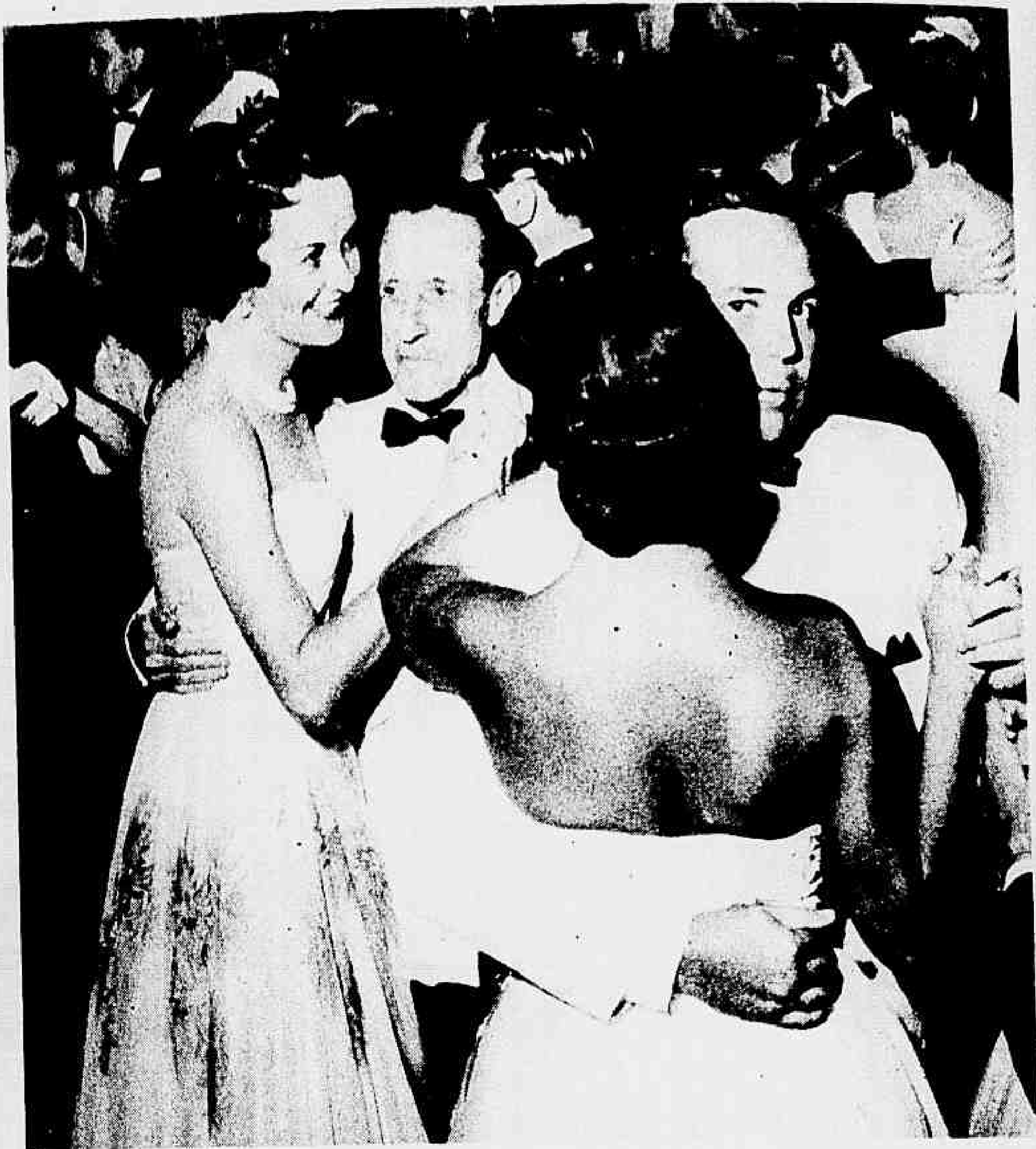


O diretor da «Revista da Semana» e sra. gostaram da noite da «Glamour».

"Glamour-Girl"



A sra. Teresa Campos e o sr. Jorge Guinle dançam esperando o resultado.



A sra. Joaquim Monteiro de Carvalho dança com o sr. Otávio Guinle.

Foi filmada, posou para fotografia, gravou entrevistas no rádio, respondeu a mais de cem perguntas. No dia seguinte, estaria em todos os jornais e revistas.

É preciso ainda acrescentar que, além de bater um recorde de presença, a festa foi essencialmente jovem.

Na sala superlotada, havia bem uma centena de nomes dos mais destacados do nosso "Café Society". Citaremos alguns: sr. e sra. Valder Sarmalho, sr. e sra. Robert Singery, sr. e sra. Elmano Cardim, sr. e sra. Jorge Guinle, sr. e sra. Horácio Klabin, sr. e sra. Álvaro Catão, sr. e sra. Carlos Eduardo de Souza Campos, sr. e sra. Gratuliano Brito, sr. e sra. Joaquim Monteiro de Carvalho, sr. e sra. Antônio Garavaglia, sr. e sra. Sílvio Schiller, sr. e sra. Carlos Vignoli, sra. Nicole Hime, sr. e sra. Eduardo Duvivier, srtas. Carmem Sallem, Maria Pia Vidau, Gilda Robichez e os cronistas João Rezende e Fernando Augusto de Carvalho.



A noite transcorreu alegre, mas em algumas fisionomias havia tristeza...



Expectativa, ansiedade — todos indagavam quem seria a bela eleita.



A srta. Sônia Carneiro (Miss Bangu de 1954) auxilia Ibrahim Sued a entregar os presentes.



O sr. Tony Mairynk Veiga e a sra. Baronesa de Wrede dançaram muito.



A senhorita Gilda Rubichez comenta algo com o cronista desta revista.

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestável que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutível factor de êxito: Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos. tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, **Ventre-Livre** é largamente usado pelas mães-experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais paises onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curarme inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDEREÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Qual o sábio que possuía maior número de patentes registradas:
— **Edison?**
— **Grahan Bell?**
— **Marconi?**

2—Em que oceano se situa a ilha Maho:
— **No Atlântico?**
— **No Pacífico?**
— **No Índico?**

3—De que cidade a tradição considera Licurgo como legislador:
— **De Roma?**
— **De Esparta?**
— **De Atenas?**

4—Quem é o autor de «O Atheneu»:
— **Machado de Assis?**
— **Raul Pompéia?**
— **Lima Barreto?**

5—Que era Bacon, o filósofo inglês:
— **Frade?**
— **Marinheiro?**
— **Músico?**

6—Que é o «Ahura Mazda»:
— **Vulcão?**
— **Deus hindu?**
— **Costume africano?**

7—Em que época se estendeu pelo mundo a denominação de «mouros» aos povos berberes:
— **Na Renascença?**
— **Na Antiguidade?**
— **Na Idade Média?**

8—Que significa na língua indígena a palavra Coréia:
— **Império da manhã serena?**
— **Lua de prata?**
— **Terra perfumada?**

9—Que veneravam os antigos na deusa Diana:
— **A fé?**
— **O pudor?**
— **A castidade?**

10—Qual o país do mundo que mais produz cerveja:
— **A Itália?**
— **A Inglaterra?**
— **A Alemanha?**

11—Stephenson inventou:
— **A locomotiva?**
— **A televisão?**
— **A máquina a vapor?**

12—Quem descobriu o meio de se ver através dos corpos opacos:
— **Morse?**
— **Roentgen?**
— **Davis?**

13—Em que século viveu Mlle. de Scudery:
— **Dezoito?**
— **Quinze?**
— **Dezessete?**

14—Qual é o máximo de ovos que uma galinha produz em sua existência:
— **300?**
— **600?**
— **150?**

15—Quem compôs a ópera «La Fosca»:
— **Verdi?**
— **Rossini?**
— **Carlos Gomes?**

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS — 1 — Edison; 2 — Índico; 3 — Esparta; 4 — Raul Pompéia; 5 — Frade; 6 — Deus hindu; 7 — Na Idade Média; 8 — Império da manhã serena; 9 — A castidade; 10 — A Inglaterra; 11 — A locomotiva; 12 — Roentgen; 13 — Dezessete; 14 — 600; — 15 — Carlos Gomes.

ILDE GARAVAGLIA — GLAMOUR DE 54

HOMENAGENS AO EMBAIXADOR VASCO LEITÃO DA CUNHA

PETER


Em Hollywood, Barrymore.

AS 14 MOÇAS de nossa sociedade que patrocinaram a festa da «Glamour Girl», Jacinto de Thormes (menos amarelo), Ibrahim Sued e o público que compareceu estão de parabéns pela noite de grande categoria que culminou com a escolha da srta. Ilde Garavaglia para «Glamour Girl», de 1954. Sôbre o acontecimento, existe, neste mesmo número, reportagem a respeito.

★ ESTRÉIAS — Já estreou a peça de Clô Prado, «Virtude e Circunstância», no Teatro de Bôlso. Os 150 lugares do teatro de Silveira Sampaio ficaram completamente lotados. E já que estamos falando de estréias é bom lembrar «Êste Rio Moleque» (ou outro nome que tenha o bebê de muitos nomes, no Casablanca. O trabalho leva a assinatura de três nomes: Carlos Machado, Fernando Lobo e Pedro Block.

★ FATH & BARRYMORE — Esta coluna lamenta o desaparecimento dêstes dois grandes da Moda e do Teatro. Sumiram no mesmo mês. A elegância da mulher e a arte mundial perderam duas molas mestras.

★ FREDY DE VOLTA — Fredy, o antigo dono do bar «Maxim's», está sendo esperado no Rio de Janeiro pelos fins de novembro. Depois de 15 dias, voltará para seu pôsto no Waldorf.

★ «KISS ME KATE» — Quando esta revista estiver nas bancas, já terei ido assistir ao filme «Kiss Me Kate», no Teatro da Embaixada dos Estados Unidos. Sôbre o acontecimento, imaginação e realização do sr. Harry Stone, escreverei com detalhes.

★ O DIPLOMATA SE TRANSFERE — Dizem que um certo senhor, nomeado Embaixador num país asiático, ficou tanto tempo em Paris que o ministro Raul Fernandes, querendo tirá-lo do pôsto, teve dificuldade em fazê-lo, uma vez que o diplomata ainda não havia tomado posse.

★ A FILHA DO SENADOR — Em bonita solenidade na Candelária, casou-se a filha do Senador Caiado de Castro, Magali, com o capitão-tenente Thales de Aquino Coelho. Foram padrinhos a sra. Terezinha C. de Castro, e os srs. Almirante Guilhobel e Dulcídio Cardoso.

Os noivos, depois da recepção no Piraquê, foram para Guarujá.

★ O EMBAIXADOR SE DESPEDE — Num elegantíssimo terno marrom (Príncipe de Galles), estêve no Senado, agradecendo a aprovação do seu nome, o Embaixador Vasco Leitão da Cunha. À noite, seus amigos ofereceram um jantar, a fim de se despedirem do diplomata que já está com um pé na Bélgica.

★ RENATO NAO TEM BANDEIRA — Nós imaginamos o exagêro que não deve ter sido a nota, recebida pelo sr. Renato Bandeira, no «Beguin», para que êle estrilasse daquela maneira. Dizem que o sr. Bandeira ficou por conta.

★ RAQUEL DE QUEIROZ — A cronista, moradora e propagandista da ilha do Governador, aniversariou. Alérgica a qualquer homenagem, saiu de casa cedo e só voltou bem tarde.

★ BEATRIZ CONTINUA «DANDO SORTE» — Já dissemos uma vez, mas nunca é demais repetir a sorte que a srta. Beatriz Galembeck anda dando. Agora, quase a totalidade da quipe de pólo de São Paulo encontra-se prêsa pela auréola de Beatriz.


Em Paris, Fath

★ ELISETE E PAULINHO — Está pràticamente acertada a volta de Elisete Cardoso para o «Vogue», o que é muito bom para aquela casa. Mas, não é certa a colaboração de Paulo Soledad na organização de um «show» miniatura para o barão. O sr. Stuckart precisa (e muito) aprimorar o «Vogue».

★ MARTA ROCHA — Já estava pronto a dar o namôro de Marta Rocha com o sr. Tácito Silveira, quando vejo a notícia do seu namôro com Bené. Concluam, leitores.

★ CASINO DA URCA, NOVAMENTE — O Casino da Urca está sendo reformado e preparado para ser palco da Televisão Tupi. Esta organização espera gastar perto de cinco milhões de cruzeiros. As salas que dão para a praia (onde funcionavam as mesas de jôgo), serão local de um formidável restaurante, onde funcionará uma boa orquestra. O lugar é bonito, com vista para o mar. Esperemos.

★ DARQUINHO DE MATOS E «MEUS AMÔRES» — Já estão quase prontas as velas para o barco do jovem Darque de Matos que foram mandadas fazer em São Paulo. «Meus amôres», nome de embarcação, promete entrar a «história» e as velas terão dois grandes corações vermelhos.

★ MONIQUE NAO ESTA NOIVA — O muito anunciado noivado da bela modêlo do Canadá, Monique, já não existe. Fui informado, com segurança, a êste respeito.

★ SÓ PARA SENHORAS — Na sua moderna residência, a sra. Válter Moreira Sales ofereceu um almôço, só para senhoras, em homenagem à sra. Monique de Plats. Compareceram, entre outras, as sras. Princesa Fátima, Sofia Bernardes, Oscar Viana, Lourdes Heilborn e Maria Luiza Melo. Depois do almôço (perfeito) houve algumas partidas de biriba.

★ O SR. SCHILLER TEM ARGUMENTO — O sr. Valdemar Schiller comprou um potro, no último leilão do Jockey Club. Filho de Alibi e Juventa, recebeu o nome de Argumento. Dentro de meses, estará na pista. O sr. Schiller passará a «torcer» dobrado.

★ FANTASIA E FEIJOADA — O sr. Caribé da Rocha, diretor artístico do Copa, autor de «Fantasia e Fantasias», num gesto simpático de confraternização, convidou todos os componentes de seu «show» para uma feijoada no seu sítio. A turma compareceu em massa.

★ O SR. PINOTTI E O DDT — O ministro Mário Pinotti ofereceu um jantar (black-tie), em sua residência, homenageando o descobridor do DDT que se encontrava de passagem pelo Rio.

ECCO I PIANI RUSSI PER A

A PSICOSE DOS "DISCOS VOADORES"

PARIS, 17 (F.P.) — A "psicose dos discos voadores" foi ontem evocada na Academia de Medicina por ocasião da leitura de uma carta do sr. Huyer sôbre as "psicoses coletivas".

O cientista insiste no fato de que as multidões são mais fortemente impressionáveis pelo lado "misterioso" dos fenômenos ou pela idéia de "perigo" que êstes podem provocar do que por explicações fundadas no raciocínio ... conhecimento ... que os as- ... fe-

Depoi... tronom... nomer... cessão... lumir... mando ... nas ... sua origem nas ... condições dos grupo...

voyageurs de l'espace

A FLYING SAUCER

LE MYSTÈRE DES SOUCOUPES par Raymond Cartier

QUESTION I

Existe-t-il un nombre de témoignages véridiques suffisant pour que le phénomène dit des soucoupes volantes mérite d'être pris au sérieux?

RÉPONSE : OUI



Os cientistas dizem que da lua não é possível vir nenhum disco voador: trata-se de uma crosta fria e sem vida.

ARRIVARE PRIMI NELLA LUNA

SIX FLYING SAUCERS, ONE MOTHER SHIP

Flying saucers leave the moth ship. . . This photograph, mair the book, was taken by Adar March 5, 1951. On the r similar giant carrier . identical to the one th scout ship six mor was when the Ve

LES SOUCOUPES VOLANTES

J'ai voyagé en soucoupe

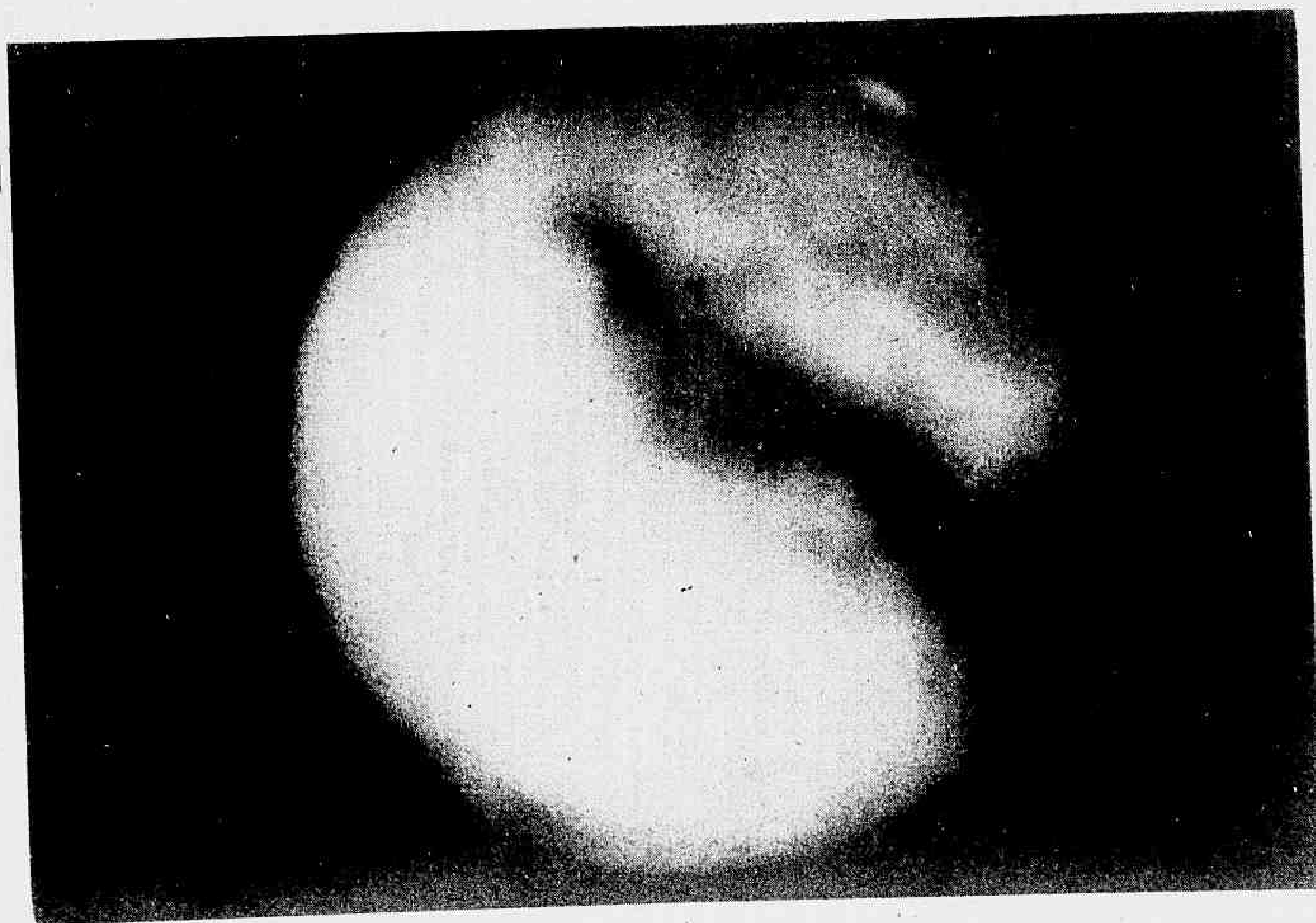
Surge Um Inventor de Disco Voador...

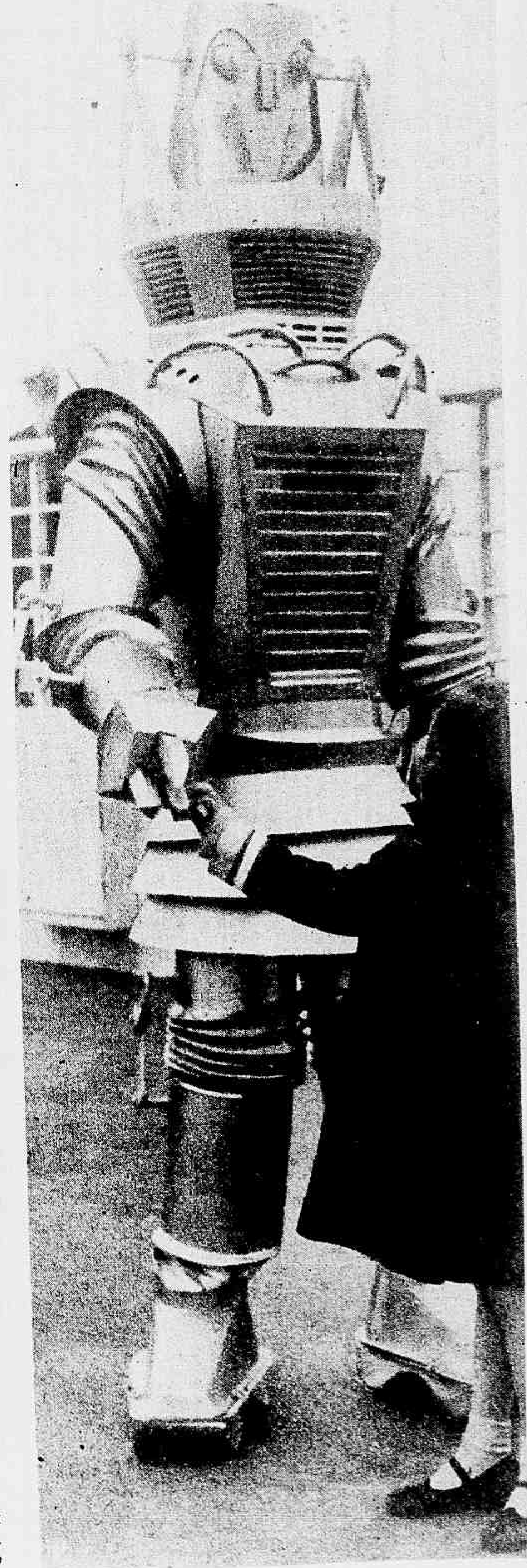
Federal. Nesses últimos tempos as visitas dos incômodos engenhos transferiram-se para o Rio Grande do Sul, onde foram claramente observados, segundo declaração de homens da Aeronáutica, oficiais e soldados. Lembrou-se um fato acontecido não há muito, de um pilôto de avião comercial, que se viu seguido durante duas horas por um facho luminoso — provàvelmente um objeto extremamente incandescente, e que também observava o nosso avião. Não há dúvida portanto que o disco voador existe, mas, como poderemos saber de recurso se trata, e como intendificá-lo através dessas rápidas aparições?

● O RELATÓRIO DA FAB — O coronel João Adil de Oliveira foi encarregado de redigir um relatório sôbre êsses misteriosos aparecimentos. Provàvelmente, para êle, como para todo mundo sensato, o disco voador existe, e não se trata de uma psicose coletiva, como a Rússia parece querer fazer crer ao mundo. Existe, e é um mistério provàvelmente militar, que só o tempo se encarregará de elucidar.

● SERÃO ENVIADOS DE OUTRO PLANÊTA? — Dizem os sábios que não há vida na lua, se bem que americanos e russos (êstes últimos segundo denúncia de uma revista italiana, cujos dados principais transmitimos nesta reportagem) desde já disputem a primazia de chegar a êsses páramos gelados. Não há dúvida, não serão da lua os discos voadores. Mas, segundo a revista italiana, que prevê zonas de abastecimento aéreo, para os navegadores inter-planetários, não seria possível que fôssem estudos para essas viagens? Não há resposta para isto.

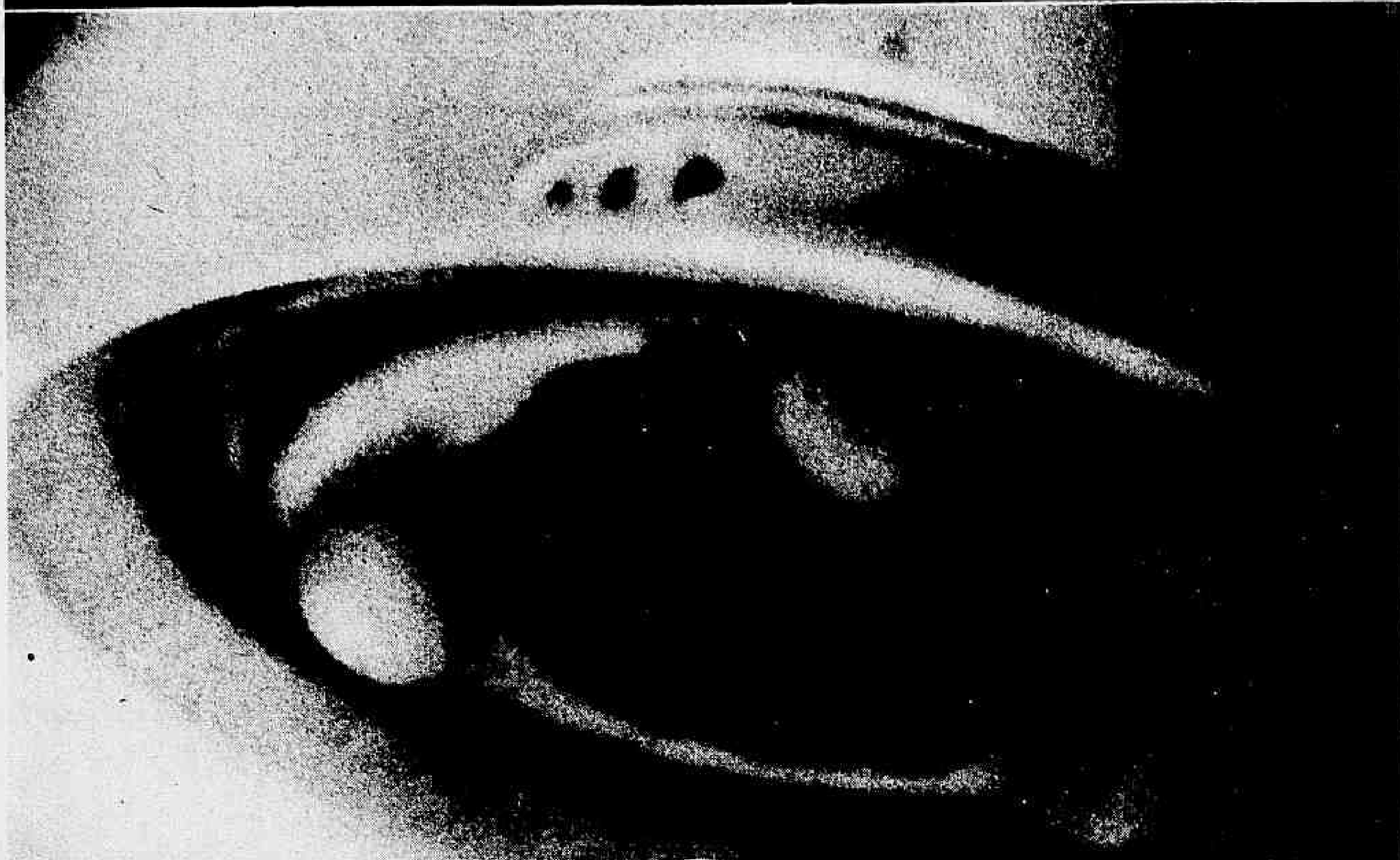
Resta a possibilidade de virem de Marte, que há tantos milhares de anos ocupa a fantasia humana. Em Paris, recentemente, duas belas marcianas desceram de um avião-foguete, mas tal fato não pode ser levado a sério, pois evidentemente trata-se de um mero caso de publi-





Marte, em compensação, desafia a curiosidade dos tempos: sua atmosfera é quase igual à da terra... Essa curiosidade tem inventado tôda série de fantasia: à direita, vê-se um «robot» imaginado como um vivente do planêta Marte... Serão êles os responsáveis pelos discos?

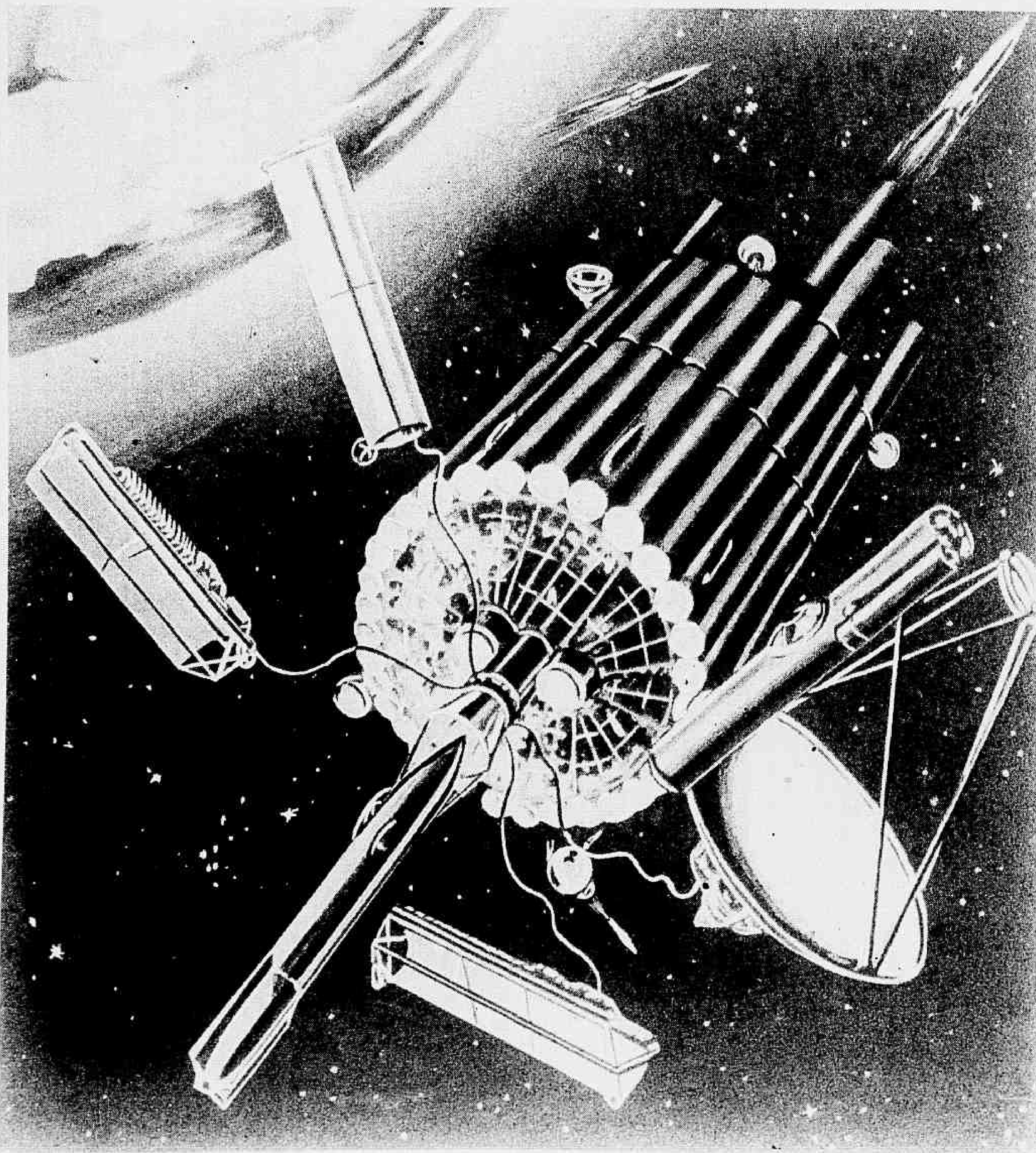
NO RASTRO DOS DISCOS VOADORES



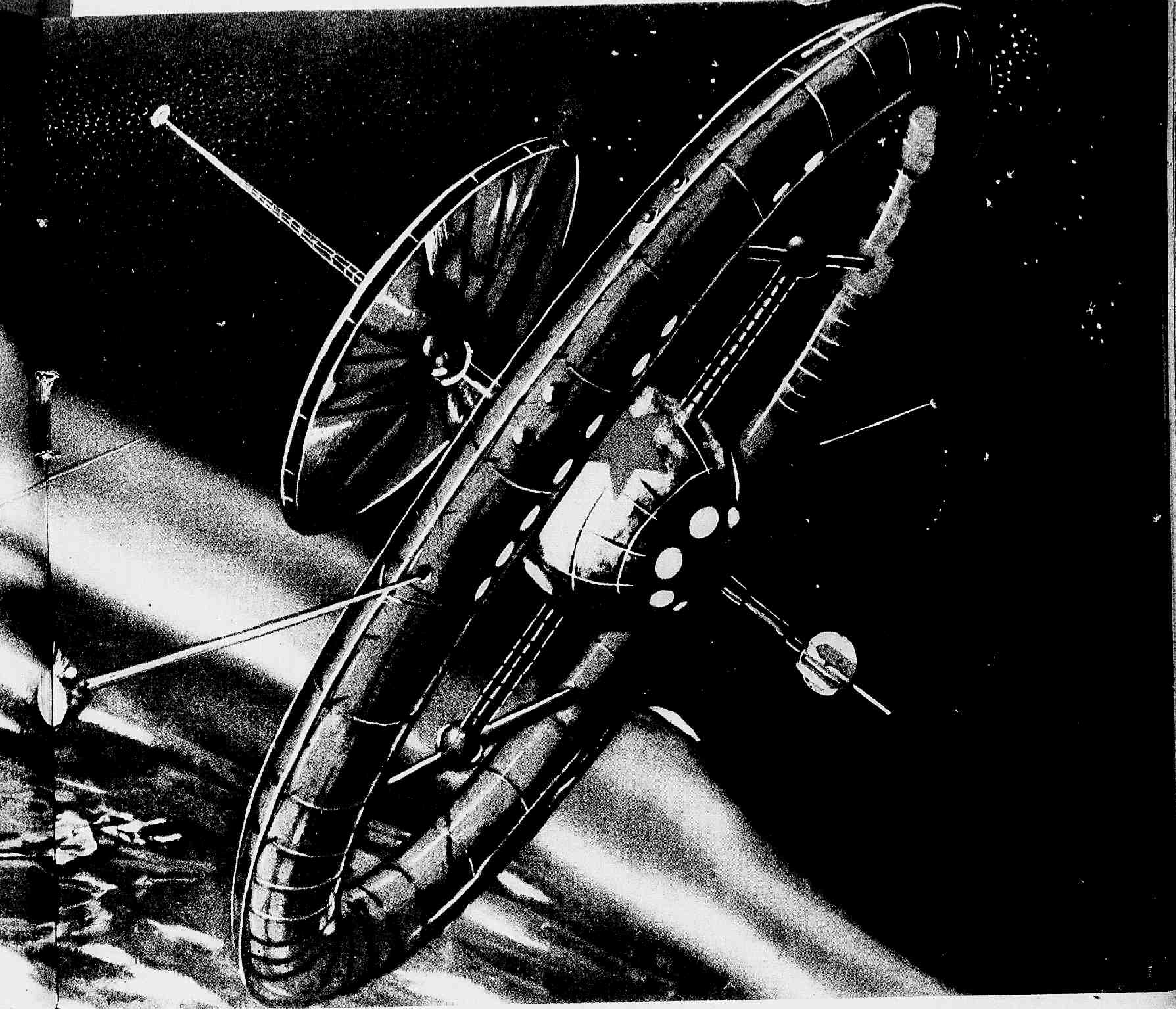
Imaginação? Realidade? Formas diversas foram emprestadas pelas testemunhas do novo engenho.

cidade. Resta-nos considerar que a temperatura de Marte, ligeiramente mais úmida do que a nossa, pode muito bem ser o «habitat» de criaturas mais ou menos idênticas às que habitam à terra. Mas, por enquanto, convenhamos, os discos voadores como enviados de Marte não passam de uma hipótese.

● OS DISCOS NO RIO — No Rio, recentemente foram vistos objetos luminosos vagando pelos céus. Até hoje, conforme comprova o trabalho do nosso fotógrafo, há quem ande de nariz no ar, à procura de sintomas da vinda de marcianos. Aliás, o assunto é tentador: basta a gente se deter um pouco numa esquina e perguntar, para ver logo que todo mundo se acha a par do mistério, e ninguém foge a uma conversinha sôbre o assunto. Fizemos uma rápida enquête, no meio da rua, e três pessoas nos responderam que não acreditam na existência dos discos. Razão, aliás, muito plausível — nada viram até agora. Mas uma quarta, convicta, apontando-nos a baía de Guanabara, afirmou, jurou mesmo que tinha visto qualquer coisa rodando em direção do mar . . .



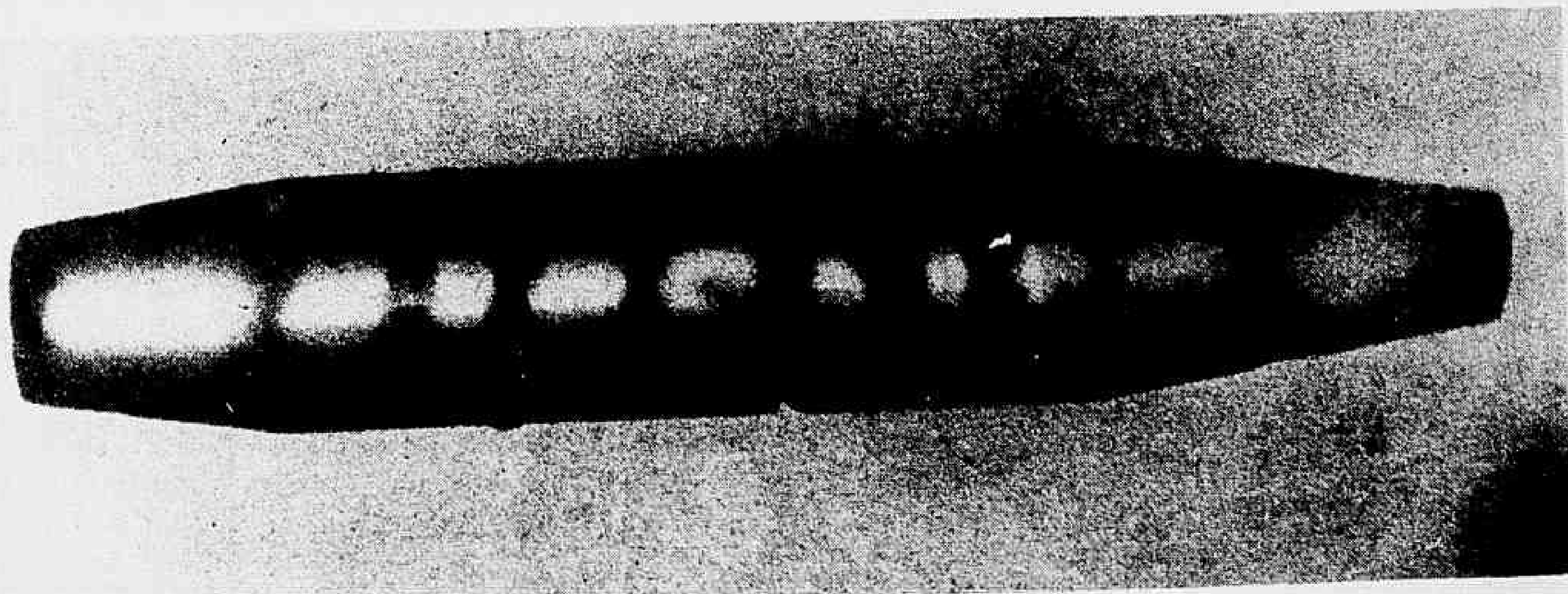
● FORMA DOS DISCOS VOADORES — Não tem sido possível, até agora, uniformizar o tipo dos engenhos vistos. O tenente Gorman e o capitão Mantell, são, na Europa, as principais testemunhas do aparecimento de discos voadores. Apenas puderam declarar que viram «qualquer coisa» luminosa, e a tal velocidade, que não puderam distinguir perfeitamente do que se tratava. O nome de «discos» vem do fato de que a maioria das pessoas que presenciaram o fenômeno, descreveram o objeto como circular, na forma exata de um grande disco. Mas exis-



tem os que afirmam que a forma é alongada, como a de um grande charuto. Diversas outras formas já foram emprestadas a êsse velocíssimo objeto desde o cachimbo, até o de estrêla, triângulo e mesmo o aspecto de um simples foguete. O irlandês McLaughlin também viu o disco voador, calculando-o num diâmetro de 35 metros. Todos êsses testemunhos, porém, não conseguem dar uma noção exata do aparelho: apenas num ponto concordam — que êle gira, e atravessa o céu em excessiva velocidade.

● RESULTADO — Como se vê, ainda estão bem atrasados os estudos sôbre o disco voador. No entanto, o fenômeno, à fôrça de se repetir, já se vai tornando um fato comum, e perdendo suas características de terror. Talvez, em breve, como conclusão, vejamos um disco qualquer, girando numa hora qualquer, em plenos céus da Guanabara, e isso nos parecerá banal. Pode ser, e nesse caso, é o que desejamos ao leitor: um disco luminoso para seu divertimento.

Uma revista italiana denunciou assim o mistério dos discos voadores: formidáveis engenhos russos, criados no afã de chegar primeiro que os americanos à lua. Segundo essa publicação, haviam êles inventado o espantoso anel giratório que se vê ao lado, além de uma espécie de estação aérea, que serviria de abastecimento para os navegadores interplanetários. As fotografias são cópias de revistas russas, que estampam as possíveis formas dessa criação — não de guerra, como dizem êles, mas de formidável impulso ao conhecimento e às possibilidades humanas. Pode-se ver que há nisto muita fantasia, mas neste terreno de disco voadores é lícito se pensar tudo e podemos indagar: até onde não iria realmente o engenho do homem, na luta para dominar o único elemento que lhe escapa ao jugo, isto é, a estratosfera?



Eis um disco voador de baixo, segundo uma concepção norte-americana. Fantasiosa, sim, mas que não podemos adivinhas por trás desta tensão que nos parece reviver sonhos fantásticos de J. Verne?

Ouça os melhores cantores do Brasil exclusivos da

RÁDIO RECORD

- Carlos Galhardo
- Carlos Galindo
- Dorival Caymmi
- Luiz Vieira
- Maurici Moura
- Nelson Gonçalves
- Osvaldo Rodrigues
- Roberto Amaral

RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas 19 — 25 — 31 e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Flash Paulista

HÉLIO ABREU


CANROBERT


PRESTES MAIA


JANIO

● SÃO PAULO E A SUCESSÃO — Pelo rumo que as coisas vão tomando, no terreno da sucessão presidencial, está evidenciado o propósito de alguns políticos no sentido de deixar São Paulo à margem da competição. Nada mais errado e mais injusto, uma vez que os dois milhões de paulistas em condição de voto (temos certeza) não ficarão indiferentes ao ludíbrio que se quer fazer. Vão mal e ficarão pior aquêles que julgarem estar Piratininga distante do grande certame. As derrotas do sr. Ademar de Barros (eleitoral e judicial) e as muitas interrogações sôbre o futuro govêrno do sr. Jânio Quadros não poderão servir de pretexto ao trama sinistro.

São Paulo não quer, não pode e não deve ficar ausente do problema sucessório e, se não puder dar o Presidente tem todo o direito de reivindicar para si a Vice-Presidência, pois a exemplo do grande Estado montanhês, encontra-se há mais de 20 anos no lado externo do Catete, na vigília ansiosa da oportunidade que ora se lhe apresenta.

● ADEMAR PRETENDE LANÇAR Canrobert às próximas eleições presidenciais, é o que nos informa pessoa de intimidade do ex-governador paulista. Segundo o mesmo informante, o apoio do chefe do PSP ao ex-Ministro da Guerra do govêrno Dutra é compromisso antigo, que vem de 1950.

● CAIO DIAS BATISTA E MOURA ANDRADE são os representantes do sr. Jânio Quadros junto ao governador Lucas Nogueira Garcez. Assim, quando da visita do sr. Amaral Peixoto (como presidente do PSD) a São Paulo, foi o mesmo levado a presença de ambos pelo governador paulista.

● PRESTES MAIA PARA A VIAÇÃO. Jânio convidou mesmo o sr. Prestes Maia para o Secretariado. O candidato coligado irá ocupar a pasta da Viação.

● NADA ANTES DO REGRESSO de Jânio, foi o que deliberaram as fôrças políticas de São Paulo, diante da sucessão. Isto se deve às reiteradas declarações do governador eleito, nas quais reafirmou o propósito de não candidatar-se à Presidência da República. Ora, quaisquer acordos ou simples ajustes poderiam vir abaixo caso com êles não concordasse o sr. Jânio Quadros que, apesar de ter delegado poderes aos srs. Caio Dias Batista e Auro Moura Andrade para representá-lo, é um homem repleto de surprêsas e cada dia que passa revela uma nova facêta de sua personalidade aos meios políticos de São Paulo.

● PORFÍRIO FICARÁ na Prefeitura de São Paulo, se isto fôr legalmente possível, tendo a respeito manifestado sua decisão a vários amigos. O gesto do companheiro de chapa do sr. Jânio Quadros levará os paulistas (outra vez) às urnas para eleger outro vice.

● O FILME SÔBRE as Usinas Elétricas de Paranapanema (Salto Grande) que tanta admiração causou pela maneira hábil com que focalizou o grande empreendimento do govêrno Garcez, foi dirigido, produzido e interpretado (cena das mãos) pelo dr. Armando Laydner, diretor-gerente das referidas Usinas. Os bons resultados obtidos pela película, no terreno da propaganda, fizeram com que os muitos funcionários das ditas Usinas passassem a chamar o dr. Laydner de «o Alfred Hitchckok brasileiro».

● HISTÓRIA PARA LER NA CAMA. Conta-nos o deputado Luís Carlos Pujol o drama vivido pelo sr. Lino de Matos (dado a ler novelas policiais) que, depois de saborear um livro inteiro de Edgard Wallace, acordou em meio à noite aos gritos de «cuidado, cuidado, chefe! Olha o Plínio Cavalcânti!» — Socorrido por familiares (é ainda Pujol quem conta) e após ingerir um copo dágua, o senador por São Paulo teria dito: «Diabo, depois dêsse negócio dos Chevrolets já nem posso dormir direito...»

O PREÇO DE UMA IDÉIA

PAULO SOLEDADE

● Ainda não estamos acostumados com o sistema de remunerar devidamente as pessoas que apresentam sugestões para nossas realizações. É muito comum acercar-se um indivíduo, proprietário de um bar, uma buate, ou mesmo um produtor de teatro e pedir sugestões para o ambiente de sua casa, ou para o seu espetáculo.

Há mesmo os que convidam para a sua mesa durante a estréia, quando não nos ensaios, e esmolam angustiosamente uma sugestão ou crítica para tirarem proveito delas mais tarde gratuitamente. E o que é pior, depois de algum tempo assumem a paternidade das boas idéias e ninguém consegue convencê-los do contrário. Isso me faz lembrar a história daquele advogado que simulou uma versão nova de um crime praticado por seu cliente e no dia do julgamento, depois de constantes ensaios, verificou estar o réu absolutamente convencido de sua inocência. Há muitas pessoas assim. Depois que se lhes entrega uma boa sugestão êles se sentem donos da mesma e passam a viver das glórias que por ventura a mesma lhes traga. É pior isso que nos dias que correm não anda muito fácil se apanhar no ar boas idéias, principalmente por êste preço. E depois eu pergunto: Se o figurinista Balmain pode pedir por um vestido a importância de cem mil cruzeiros ou mais, não haveríamos de encontrar justificativa para tal se não se computasse no mesmo o custo da idéia. O mesmo acontece com os chapéus de dez mil cruzeiros; o seu custo em material não ultrapassa dois ou três mil. Seria o caso de um bonito figurino para um «show». E porque haveremos de pegar apenas a mão de obra e o material? Se não pagarmos o preço do talento chegaremos ao resultado constantemente observado. O mesmo acontece com o coreógrafo. Uma boa idéia lança um belo quadro, sem ser necessário exigir-se muito dos bailarinos. Com a música e com todos os outros complementos de um «show» acontece o mesmo.



RUTH — Graciosa, dançando folclore em «No país dos cadillacs» da buate Beguin.

Quanto mais fácil de execução mais valor tem uma boa idéia. Aqui porém é diferente. Êles argumentam assim: Mas por uma idéia tão fácil, cobrar tão caro? Justamente por ser de fácil realização e ser boa é que custa tanto. É necessário se computar o tempo de experiência neste ou aquêle setor que tem um profissional, somá-lo ao talento para se avaliar até onde esta idéia tem mérito. Os homens da propaganda já entenderam isto e pagam fortunas por um «slogan» que multiplica suas vendas. E as frases são tão simples. «Fique rico», «E' melhor e não faz mal», «Isto faz um bem» e muitas outras. E por falar em propaganda, até nela os homens da noite pedem sugestões gratuitas, e por isso mesmo não tiram o partido que podiam. Idéias, no guarda-roupa, na coreografia, na música, enfim em todo o «script», na publicidade, no elenco. Muitas idéias e boas é o que todo mundo precisa. Mas não pelo preço que está sendo oferecido. De conversa os homens capazes já estão lotados, pois o que êles querem é mostrar que sabem, assumindo a responsabilidade do seu trabalho e por um preço que compense, a fim de que fiquemos livres de tanta mediocridade. O barato sai caro.

DIVERSAS



BADARÓ — Cômico da televisão Record, veio com Renata Fronzi, e está agradando na peça, de Haroldo Barbosa e César Ladeira. Tem estilo próprio, novo para nosso público

Há quem ainda comente o fato de uma das bailarinas do Copacabana chegar tôdas as noites com um belo carro, guiado por «chauffeur», de propriedade de seu pai, para trabalhar no show «Fantasia e Fantasias». Será possível que uma criatura de formação artística, depois de haver dedicado os anos mais preciosos de sua juventude ao estudo da dança, apenas pelo fato de ser filha de um magistrado, não possa realizar o seu ideal? Se houve compreensão dos que a cercam, se em nada está afetada a sua dignidade, e se é justamente de elementos com êste nível moral e intelectual que o nosso meio artístico está necessitando? Olhemos um pouco para fora e vejamos filhos de presidentes e grandes nomes da política internacional abraçando a mesma carreira e deixemos um instantinho só de ser tupiniquins. Quem é bom já nasce feito.

Outro dia encontrei Grande Otelo. Era dia de seu aniversário mas êle não estava contente. Havia uma certa tristeza no seu olhar e na sua voz. Contou-me coisas, evocou o bom tempo em que vivíamos na Urca, jogando futebol na praia (êle era o ponta esquerda) e solicitou a minha discreção para suas palavras. Foi assim que fiquei sabendo a sua razão para cometer a leviandade que obrigou o fechamento do Carlos Gomes. Depois de um ano e meio de trabalho intenso, com dois espetáculos por noite no teatro e mais um de madrugada na buate, Otelo tomou uma carraspana e faltou. Foi internado e fizeram escândalo para justificar um fechamento que teria de vir mais cedo ou mais tarde. Encontraram uma maneira gloriosa culpando um artista que sempre foi o esteio do produtor da Praia Vermelha. Acostumado a ser jogado no palco de cabeça para baixo e a cair em pé não encontrou êle suficiente elevação de espírito no seu produtor para abafar o seu êrro. Pelo contrário, o escândalo seria uma boa saída. E todo mundo soube, prejudicando a reputação de um artista que apesar dos pesares é um dos mais queridos do nosso público. Não estou procurando justificar a falta do extraordinário cômico. Mas, porque não o internaram também nas outras vêzes em que procedeu assim? E com muito maior freqüência? Não era oportuno? Não precisavam dêle como bode expiatório? E se êle oferece estas desvantagens porque incluí-lo nos próximos espetáculos? Porque não podem prescindir dêle. E sendo assim nada mais justo que esconder os seus defeitos em vez de explorá-los tentando justificar um fracasso inevitável. Não foi por isso que o Carlos Gomes fechou e sim por razões que já foram ventiladas demais nesta página.

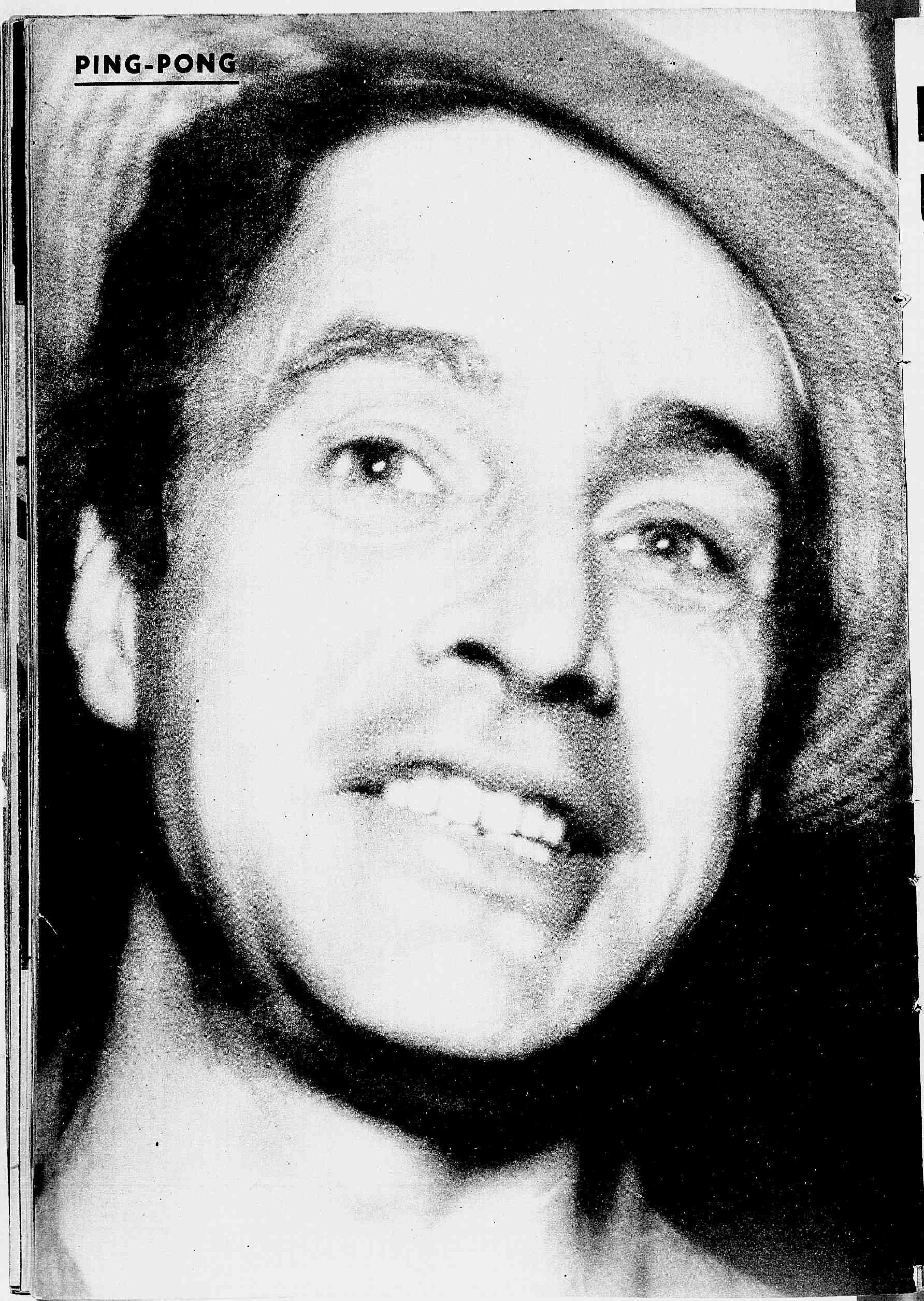


SONIA MAMED — Já foi mais gordinha e não falava quase. Está nesta forma e progredindo enormemente. E' uma das promessas que se anunciam. Defende boa parte de «Brasil 3.000».

Elizete Cardoso está fazendo uma curta temporada na buate «Oásis» em São Paulo. Virá depois para o «Vogue», onde ela se sente a vontade. Sílvio Caldas que terminou sua temporada na buate de Paulo Werneck apresentou-a antes de sua despedida. São bons amigos e têm muito em comum êstes dois grandes cantores da música popular brasileira.

— / / —

O Clube de Cinema ofereceu uma bonita festa ao Teatro Brasileiro de Comédia. Estiveram presentes Franco Zampari diretor-fundador do excelente grupo e realizador da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, Celi diretor artístico do setor do Rio, Cacilda Baker, Paulo Autran, Renato Consorte, Benedito Corsi, enfim, todo o elenco. Estavam também Lima Barreto e vários elementos do cinema nacional. Ivon Curi apresentou algumas canções e Badaró, cômico da televisão em São Paulo foi o número humorístico da noite.



Alberto Ruschel:

UM GAÚCHO ESTÁ SEMPRE DE BOTAS

SOU FRANCO ALEMÃO ★ SE EXISTIR ALGUMA TARA, A CULPA NÃO É MINHA ★ A COISA MAIS PROFUNDA É O ESTADO DE GRAÇA ★ PARA ALGUNS SOU APENAS UM ARTISTA DE CINEMA ★ ATOR É ALGUÉM DOTADO DE PERSONALIDADE QUE POSSA EMOCIONAR AS MASSAS

CARLOS MARIA DE ARAÚJO

Ping — Você se considera um cartaz?

Pong — Eu não me acho nada disso. Sou uma pessoa como outra qualquer.

Ping — Mas, como explica o seu êxito no cima?

Pong — Você faz perguntas muito chatas. Isso é quase psicanálise.

Ping — Insisto. Como explica o seu êxito, agora internacional?

Pong — A palavra «êxito» fica por sua conta.

Ping — Mas você é ou não é um ator?

Pong — Para uns, sou um ator «mesmo». Para outros, mais um artista do cinema nacional.

Ping — E para você próprio?

Pong — Gostaria de ser ator num papel que eu sentisse.

Ping — Qual?

Pong — «Um certo capitão Rodrigo», de Érico Veríssimo.

Ping — Para dar tiros?

Pong — Não. Por ser uma personagem nascida, criada e vivida no meu Rio Grande do Sul.

Ping — Afinal, o que é um ator?

Pong — E' alguém dotado de tal personalidade que possa emocionar a massa.

Ping — Mas o seu diretor no «Cangaceiro» diz que não há bons nem maus atores. Atores não existem. Existem sim, diretores.

Pong — Duvido que êle pudesse fazer um filme (que não fôsse um documentário) sem o ATOR, utilizando apenas árvores, prédios, riachos, nuvens e cartucheiras.

Ping — A propósito de cartucheiras: você se sentiu mesmo um cangaceiro?

Pong — Eu, na verdade, sou um colono alemão do sul do país. Mas estou agora impresso tal como fui no filme: um tipo do nordeste.

Ping — Você, cangaceiro, quando odeia uma mulher sente vontade de beijá-la ou de esbofeteá-la?

Pong — Primeiro, o beijo mesmo. Depois, dependendo da mulher, carícia ou «guascaço».

Ping — Mas será que um beijo não é uma carícia?

Pong — Beijo é carícia. Guascaço (chibatada) também. Assim sentem os gaúchos.

Ping — Você agora me trouxe à memória o ditado português: «quanto mais me bates mais gosto de ti».

Pong — E' a única afinidade dos gaúchos com os homens da «santa terrinha».

Ping — Então, os gaúchos foram, também, inventores da mulata?

Pong — Eu diria que não. Mas inventamos a «chinoca»: a filha do branco de botas e da índia descalça.

Ping — Confesse: você, como bom gaúcho, alguma vez foi branco de botas?

Pong — Um gaúcho está sempre de botas.

Ping — Pronto para tudo...

Pong — Não esqueça minha ascendência. Sou franco-alemão.

Ping — E é também franco atirador?

Pong — Se existir alguma tara, a culpa não é minha.

Ping — Então, de quem é?

Pong — Como diria Mário Quintana, o grande poeta da minha admiração: «Vamos fechar os olhos e pensar em outras coisas. Vamos ouvir o ruído arrastado e cantado das correntes no algibe, trazendo água fresca e profunda».

Ping — Seja. Qual é a coisa mais profunda, para você?

Pong — O estado de graça.

Ping — E você se acha, agora, em estado de graça?

Pong — Não. O estado de graça só existe no momento em que os homens se sentem deuses.

Ping — E quando é que você se sente um deus?

Pong — Jamais me senti um deus. Mas tenho sempre uma humilde satisfação em emocionar as criaturas.

Ping — Então, aí você é um ator. E ao ator pergunto: com quem gostaria você de contracenar?

Pong — Apesar de ela ter morrido, com Falconetti. Você viu a «Paixão de Joana d'Arc»?

Ping — Uma última pergunta: e como vamos de mulheres?

Pong — Telefone para o I.B.G.E.





Do pampa à caatinga foi um passo cinematográfico. O peão gaúcho (autêntico) não convenceu a alguns críticos nacionais como cangaceiro nordestino (fictício). Mas os europeus foram de opinião contrária, e, por causa disso, Alberto Ruschel filmou «El Rio» na Espanha, mais precisamente, na Galízia do senhor Francisco Franco y Bahamonde. Logo depois, foi para Viena, a terra do delírio de valsas. Depois o México... e viva Zapata.

LOTERIA FEDERAL de NATAL

22 de DEZEMBRO

PREMIOS MAIORES:

1 PREMIO DE CR$ 30 MILHÕES
1 Premio de Cr$10 Milhões
1 Premio de Cr$5 Milhões
1 Premio de Cr$4 Milhões
1 Premio de Cr$2 Milhões

Total dos Premios:

112 MILHÕES de CRUZEIROS

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 4 E 10 DE DEZEMBRO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Comece a semana ouvindo os conselhos e as ponderações das pessoas amigas e de sua confiança. Reaja contra as primeiras impressões, pois estará sujeito a enganos os mais prejudiciais, notadamente nos dias 4 e 8.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — O leitor não terá necessidade de expender grandes esforços nem de andar muito para resolver o problema financeiro em que se verá envolvido no curso da semana. A solução virá providencial e inesperadamente, no momento devido.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Não pretenda ser o primeiro ou um dêles, nos casos em que tomar parte, durante a semana. Há desfavorabilidades muito fortes, muito perigosas mesmo, no setor dos opostos complementares do seu horóscopo. Seja comedido e razoável, para conseguir alguma coisa.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Seu melhor documento e mais forte elemento de persuassão, na semana entrante, será sua própria palavra. Não recorra a outros meios, para dominar e vencer.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — O leitor terá possibilidades, em vários dos dias constantes da semana em pauta, para fazer ótimas relações. Conhecimentos proveitosíssimos serão iniciados. Não se esconda, insinue-se, parta a rua. ... ...

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — O leitor terá necessidade de atuar com a maior atenção nas suas ocupações costumeiras. O hábito, no curso da semana, poderá ocasionar sérios prejuízos, afetando bens de terceiros, confiados a sua guarda e aos seus cuidados.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Seu magnetismo pessoal atravessará uma fase de intensa irradiação. Aproveite o período para dar solução aos casos pendentes de acôrdo com seus interêsses e com sua vontade.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Os ventos mudarão, passando a soprar de outro quadrante, desfavorável, por sinal, no seu caso. Não se iluda a respeito das propostas e promessas que lhe forem feitas, inconsistentes e mirabolantes como terão de ser. Os negócios terão andamento demorado.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — A semana será muito boa no tocante aos apoios, aos concursos de que o leitor tiver mais premente necessidade. No lar e na repartição, no local do seu trabalho, tudo correrá satisfatòriamente.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Reflita bem em tudo o que fizer e no que pretender fazer no terreno sentimental, a fim de evitar malentendidos, sempre possíveis, no curso da semana. Vênus ocupa uma posição hostil em relação ao seu destino.

★ AQUARIO (23/9 — 21/8) — A situação apresentar-se-á muito favorável aos seus negócios e às suas pretenções sociais. O meio lhe facilitará a realização dos desejos e das suas justas ambições. Seja comedido, porém.

★ PEIXES (21/8 — 20/9) — Não haverá qualquer possibilidade de fracasso ou de prejuízo, no curso da semana, nas atividades do leitor. Sua chance será completa nos negócios normais e até mesmo nas especulações.

OS NOMES DA SEMANA

Dezembro,	4	—	Suetônio	—	Norma
"	5	—	Valdívio	—	Egídia
"	6	—	Edson	—	Valéria
"	7	—	Rogério	—	Vicentina
"	8	—	Januário	—	Edna
"	9	—	Romão	—	Flávia
"	10	—	Eutrópio	—	Arcília

EFEMÉRIDE DA SEMANA
Marcha e posição do sol ao meio-dia de Greenwich

Dezembro,	4	—	11º - 48' - 28"	(Signo do Sagitário)
"	5	—	12º - 49' - 21"	(" " ")
"	6	—	13º - 50' - 15"	(" " ")
"	7	—	14º - 51' - 09"	(" " ")
"	8	—	15º - 52' - 04"	(" " ")
"	9	—	16º - 53' - 00"	(" " ")
"	10	—	17º - 53' - 57"	(" " ")

OS AMERICANOS NÃO QUEREM PERDER...

TEDDY DE OLIVEIRA

● Quando mais se fala no decréscimo de qualidade nos filmes americanos, Hollywood nos dá uma irrefutável prova de vitalidade com seu magnífico espetáculo «A um passo da eternidade». E' nesse ponto que tôda a questão de supremacia no campo da arte volta à estaca zero, por que não temos ao mesmo tempo um grande filme americano a competir com um grande filme italiano, para falar das produções européias.

Já iam bem longe os aplausos destinados a «Pão, amor e fantasia» quando o filme de Zinemann chegou às nossas telas. Lollobrigida e De Sica estavam, sem dúvida, muito bons nos seus desempenhos, porém Monty Clift e Frank Sinatra estão ainda melhores nos tipos criados e apresentados em «A um passo da eternidade». Mesmo que se tenha qualquer prevenção contra o cinema de Hollywood (é possível que muita gente possa ter), a paz é restabelecida com um filme assim, tão excepcionalmente humano, arrasador mesmo, que choca a todos com sua linguagem crua, sem concessões à bilheteria.

Queremos crer que vai ser difícil êste ano escolher os dez melhores, pois a luta renhida entre americanos e europeus é um fato, e os cronistas custarão a se decidir entre «Roma, às onze horas» e «A um passo da eternidade», sem falarmos em «Salário do mêdo», que é outro espetáculo de primorosa linguagem cinematográfica.

Certo em tudo isso é que os americanos não se darão por vencidos na disputa por uma supremacia na indústria dos filmes. Hollywood tem reagido de maneira brilhante aos maiores triunfos de outros centros produtores. A cada novo êxito do cinema italiano ou francês, Hollywood lança um filme ou uma «estrêla» capaz de prender tôdas as atenções.

«A um passo da eternidade» é a sua grande amostra nesse final de temporada e um concorrente mais do que poderoso ao título de «Melhor do Ano». Se não conseguir o primeiríssimo lugar, estará entre o segundo e terceiro, porém fica desde já em bom conceito na opinião dêste cronista e de milhares que o assistiram com lágrimas nos olhos, saindo após a exibição, com uma impressão duradoura que sòmente os grandes espetáculos de cinema podem deixar em nossa alma!

Isso bastaria para consagrar «A um passo da eternidade» o filme mais impressionante do ano de 54!



● RITA, A EXPLOSIVA! — Tal como Maria Montez, Rita Moreno trás no sangue a chama andaluza e explosiva... Breve a veremos em «Jardim do Pecado», com Gary Cooper e Susan Hayward. Um bom comêço para uma atriz mexicana que chegou a Hollywood discretamente.

FLAGRANTES DO CINEMA

William Holden tanto reclamou que os produtores resolveram conceder-lhe algumas semanas de férias que o astro pretende passar na Europa. Com êle seguirão a espôsa e os filhos. Brenda Marshall foi quem influenciou a Bill para que êste exigisse descanço. Realmente Bill tem trabalhado demasiado nesses últimos anos em Hollywood e apesar do Oscar, merece ficar longe dos estúdios durante algumas semanas... Quando voltar estará bem mais disposto e quem sabe não pensará em outro Oscar?

—— / / ——

Felicíssimo, John Wayne (esquecido inteiramente das «chatices» de Esperanza Bauer), casou-se com Pillar Palette em Honolulu, onde encontra-se filmando «The Sea Chase». Por falar nesse filme, Lana sofre o terrível calor do lugar e o próprio Wayne não está muito bem, com uma ligeira infecção no ouvido. O filme corre sem maiores novidades, isto é, a grande novidade é o novo casamento de John, mas êle não gosta de falar sôbre o assunto, preferindo discuti-lo em particular com a sua linda espôsa Pillar, que o adora...

CINEMA BRASILEIRO

● Luís de Baros terminou as filmagens de «Trabalhou Bem, Genival» a comédia musicada de que participa como «galã» e produtor, Ronaldo Lupo, e vai iniciar seu filme de carnaval ainda sem título escolhido. O argumento é de Gita de Barros que já escreveu para o cinema, entre outros, os enredos de «E' pra Casar», «Pra Lá de Boa» e «Malandros em Quarta Dimensão».

● O «galã» do cinema nacional, John Herbert que teve boa atuação em «O Petróleo E' Nosso» e «Matar ou Correr», deverá desposar dentro de dois meses a estrelinha paulista da TV e teatro, Eva Wilma que participou de alguns filmes da Multifilmes na fase de Mário Civelli.

● Maurício de Barros, que por mais boa vontade que se tenha, não pode ser aceito como artista de cinema, coordena uma nova produção nacional após «Capricho de Amor». Êle pretende realizar, inclusive, «Lampião».

● O produtor Jaime Nori que nos deu «Da Terra Nasce o Ódio», planeja no momento outro filme para a Cinematográfica Santa Rita. Foram escolhidos para o elenco F. M. Garcia e Vera Nunes.

● Watson Macedo encontra-se em Friburgo juntamente com Alinor Azevedo, escrevendo o argumento de sua nova comédia musical cujo título provisório é «Carnaval em Marte». Leon Eliachar colaborará no filme com suas incríveis piadas...

● Hélio Souto foi convidado para um dos papéis principais de «A Noiva da Colina», filme brasileiro a ser rodado em São Paulo.

● «Angu de Caroço» é o título de um filme nacional que estaria sendo rodado nos estúdios cariocas. Sôbre a fita há muito mistério...

● O cronista Salviano Cavalcânti de Paiva, de «Manchete», está escrevendo para o teatro uma peça baseada no seu originalíssimo poema «Delirium Tremus» e talvez aceite a proposta que recebeu para cenarizar a mesma peça para o cinema.



● SERA ROMANCE? — Em Las Vegas, onde se encontra dançando de modo espetacular a «Dança do Ventre» e fazendo um sucesso tremendo, Debra Paget recebeu a visita de seu colega de estúdio (Fox) Robert Wagner. Há quem diga que Bob não é apenas colega de Debra, mas como essa gente é maldosa!...

FALA-SE EM HOLLYWOOD...

● Como sua carreira no cinema tem seus dias contados, Betty Grable está entusiasmadíssima com uma nova ocupação: comprar cavalos de corrida e fazê-lo atuar nos hipódromos americanos. Harry James ajuda a espôsa nessa tarefa e os dois têm conseguido brilhantes vitórias nas pistas com os seus animais...

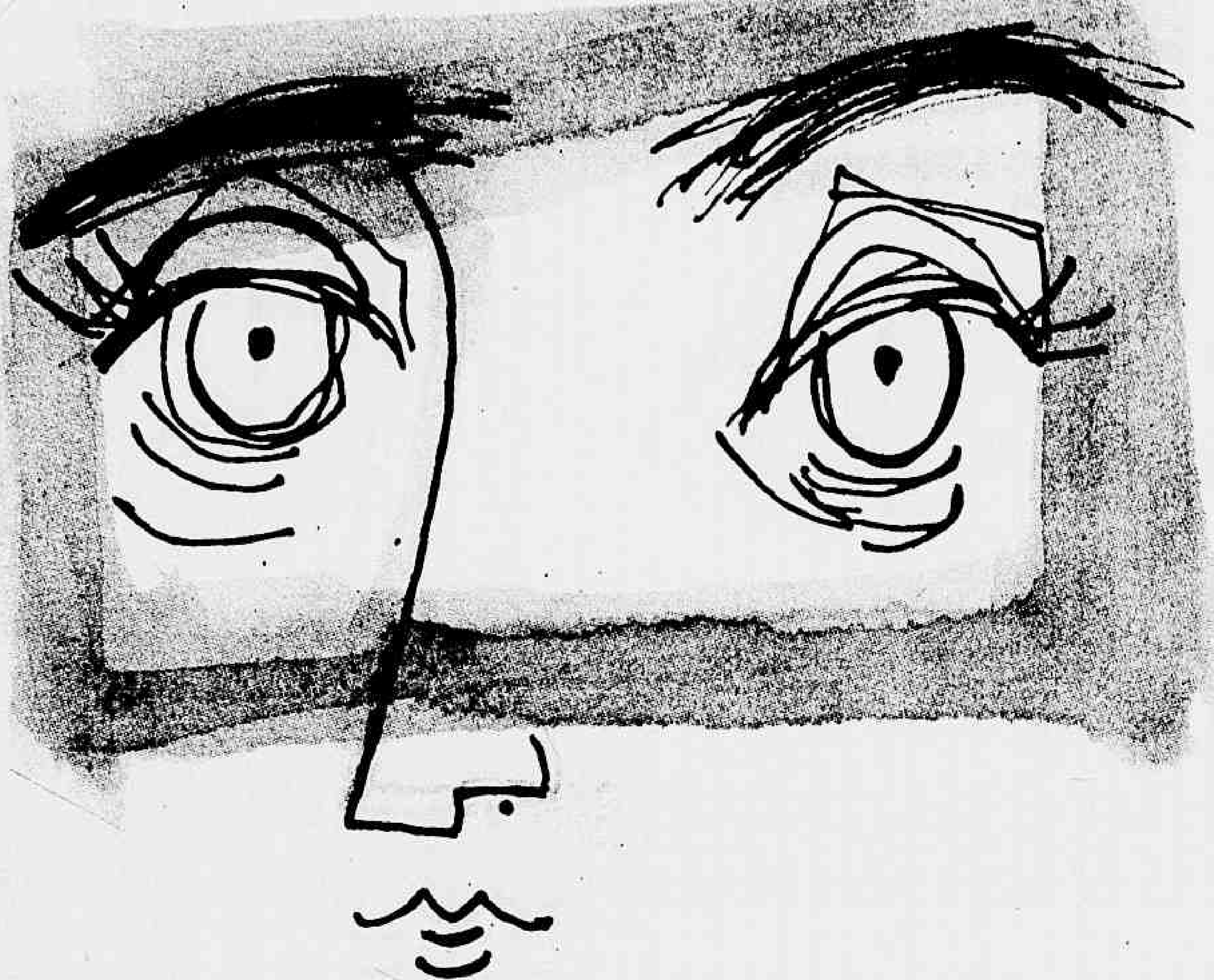
● Ann Blyth que vem aí em «O Príncipe Estudante», cujo astro é o novato e já famoso Edmundo Purdon, declarou aos amigos que gostaria muito de interpretar um filme religioso. Ann voltará a trabalhar com Joan Crawford muito breve nos estúdios da Columbia. Da primeira vez, Ann fêz a filha de Joan em «Alma em Suplício», na Warner e agora fará o papel de sobrinha. Joan interpreta uma mulher má nesse filme.

● A senhora Jack Palance é muito ciumenta e por isso mesmo o famoso astro não aparece muitas vêzes em clubes noturnos de Hollywood. Outra conhecida ciumenta é a senhora Robert Mitchum que tem um «ódio» mortal à Simone Silva por envolver-se com o astro da RKO naquele escândalo de Cannes...

● Tyrone Power não se mostra muito abatido com o seu divórcio de Linda Christian. Continua eufórico pensando nas suas produções. Não se sabe com certeza se realmente filmará no Brasil, mas é possível que o faça dentro de dois meses...

● Clark Gable estaria amando outra vez, apesar de seus desmentidos. Êle tem sido visto muito carinhoso ao lado da beldade Kay Spreckels. Os dois parecem figuras de romance nas noites de Hollywood...

● Vanessa Brown está muito triste por não haver conseguido bons papéis em Hollywood. Ela apelou sèriamente para o «glamour» e lembrou aos produtores seu fulminante êxito nos palcos da Broadway. Mas não conseguiu um bom contrato. Venessa pensa até em desistir de sua carreira no cinema...



As grades dos nossos olhos

Conto de LUIZ SANTA-CRUZ

Desenho de DAREL

LIA, Lia, nossos olhos não são portas nem janelas, nossos olhos são grades. E amamos e contemplamos a vida através dessas grades com nossos olhos.

Lia, não sòmente os pobres de que falava o poeta «chegam nus, chegam famintos, — à grade dos nossos olhos» (1). Mas, o nosso próximo e aquêles mesmo que chamamos de entes queridos só os vemos para além dessas grades, através das grades dos seus olhos.

Lia, que são mãe e filho senão sêres que se conhecem um pouco mais por trás dessas grades?! Que é a espôsa e que é o espôso, senão criaturas entre as grades do corpo, emparedada em carne e sangue que em vão se conhecem e se completam?!

Pois, a história que aqui venho lhe contar — uma entre bilhões — em tôda a sua trama de intimidade e desencontros, é apenas uma dessas tragi-comédias entre pessoas que em vão tentaram se conhecer por trás das grades de seus olhos.

Ela começou precisamente por trás das grades de um portão: um casal de namorados, à luz da lua, sob a ramagem e o perfume dos jasmineiros em flor, ali se encontrava diàriamente e ali se desejava por trás dos ferros. Suas mãos acarinhavam-nos, a ferrugem aqui e acolá se desprendera, algumas barras haviam vergado sem contudo jamais se quebrar.

Com o tempo as janelas se abriram de par em par e ante elas se falavam, mas, sempre entre ambos as grades, que haviam se mudado para os seus olhos.

Em breve, viriam as bodas e ainda mesmo na alcova conjugal, lá estavam as grades, mais que nas barras do leito comum, Lia, nos olhos do amor comum.

Vieram os filhos e outras grades se interpuseram entre ambos, pequeninos e buliçosos gradis, a princípio, misteriosos e insondáveis portões de ferro, com o passar dos anos e o aprofundar do tempo.

No entanto, quando os conheci, certa manhã premaveril, em sua esplêndida mansão senhorial, num subúrbio distante, era o casal e era tôda a família para mim então a pequena comunidade de entes humanos mais unida, mais compreensiva e mais afetuosa que eu jamais havia conhecido.

Lia, o pai se fazia criança com as crianças, rapaz com os rapazes e a mãe, moça com as moças, fazendo-se todos tudo para com todos de modo tão perfeito e verdadeiro que dificilmente se diria quem era um e quem era o outro, se pudéssemos vê-los sem as grades dos nossos olhos.

Até os bichos ali se diria que fôssem humanos, ou sem grades nos olhos, — sem as miseráveis grades da sua espécie. A cadelinha que fazia à luz do sol a serventia da casa, como se fôsse a hospedeira — hospedeira de certo, às vêzes, irreverente com os irreverentes, mas leal e afabilíssima com os entes, pessoas ou bichos cordatos; até a cadelinha partilhava da intimidade perfeita e sem jaça da família.

Lia, até o papagaio, até os passarinhos em suas gaiolas no terraço; até o piano, o velho e rouco piano, tão comunicativo e simpático ao lhe vibrar as teclas como às cordas dalma a filha mais velha ou a filha mais nova da casa. Até o fanhoso mas cordato violino, quando lhe tocavam as tênues grades de suas cordas, como se fôsse as dos seus próprios olhos.

E eu, que tivera infância e mocidade em lar feliz e abastado, em intimidade perfeita entre as criaturas e entre estas e os bichos e as plantas do jardim e as árvores do pomar, eu, que então era sòzinho, ali me sentia bem e como de volta à meninice e à juventude da abundância de bens e felicidade, ao partilhar aquela paz e comunicabilidade da bela vivenda suburbana.

Ali eu passava nortes enluaradas com a família, os animais e as plantas, sob o caramanchão, irmanados todos à lua e às estrêlas, como se entre nós não houvesse mais distância, nem espaço e nem tempo.

E, uma noite, Lia — era o aniversário de uma das moças — bebera-se mais um pouco, se já não pouquíssimo ali se bebesse, mesmo em aniversários.

E lá fôra eu com o meu presente debaixo do braço, a minha gaiola de passarinho; lá me abraçaram as meninas e me conduziram pelo braço, como um prisioneiro da família em festa.

Comemos, bebemos, brincamos e dançamos como nunca, em familiaridade maior que nunca.

Jamais o velho e rouco piano, que a filha mais velha tocava, nem o fanhoso violino, que a filha do meio fazia vibrar, foram mais comunicativos do que naquela noite. Os poucos convidados, além de mim, que ali foram, em poucos instantes se sentiam irmanados com todos e com tudo, como se fôssem irmãos de todos, das mocinhas, dos rapazes, dos velhos, ou donos da cadelinha mais festiva que nos outros dias ou do carneirinho que andava pelos corredores e salas, como o grande convidado do quintal naquela noite.

Que o pomar tinha lá as suas fôlhas de canela atapetando o chão de festa e o jardim, como se não bastassem as rosas, os cravos, as papoulas, os lírios e os jasmins perfumados, enviara também alguns galhos e brotos, alegres e risonhos, com essa alegria das coisas novas sempre a rir.

Comemos e bebemos, Lia, e, talvez mais do que comemos, bebemos e não pouco. Tanto que a madrugada nem se entremostrava ainda entre as árvores copadas e as ramagens do jardim e já as moças cochilavam pelos cantos das salas, elas que haviam tagarelado mais do que nunca, pelos divãs e canapés.

Lia, já os velhos se entreolhavam, estremunhados, por trás das grades dos seus olhos!

O carneirinho se recolhera, a cadelinha passara a vigilância da casa ao belo cão policial e êste, farejando pelo jardim, parecia desejar que viessem as trevas amigas que eram o seu quinhão na felicidade e na familiaridade do velho solar senhorial.

Um pouco para fazer sala e ajudar a família na recepção às visitas, eu me deixara ficar, um pouco mais, pois devia encontrar na cidade umas primas e trazê-las da «boite». O que fiz sentir aos velhos ao me despedir. Mas, com que surprêsa para mim não me disseram êles que queriam me acompanhar?!

Procurei dominar o meu espanto, ou meu comêço de escândalo, pois, talvez, desejassem apenas conhecer um dêsses ambientes de vida noturna, para, mais tarde, melhor orientar os próprios filhos. Demais, nunca os conhecera muito puritanos e se bem morigerados e simples, não eram católicos praticantes, senão dessas criaturas que Péguy chamaria «naturalmente cristãos e católicos».

Mas, Lia, embora eu mesmo tivesse bebido um pouco mais, inquietava-me por verificar que o velho casal andava, como dizemos na gíria boêmia, «um pouco alegre». Tomaria, porém, as devidas precauções para que não se expusessem em demasia.

Já no táxi confesso que me surpreendeu um pouco aquela espécie de arrufo entre os dois velhos e amigos cônjuges. Consolava-me ver porém que ainda se tratavam com muita cortesia e talvez, o álcool, além de eurorizá-los, houvesse também exacerbado um pouco os sentimentos de cordialidade que sempre vira entre ambos.

— «Minha senhora», — «Cavalheiro», — O sr. permite», — «A senhora bem sabe», eram expressões que lhes afloravam constantemente aos lábios, se bem um pouco babosas lhes saíssem as palavras, os gestos lhes fôssem caricatamente obsequiosos e corteses.

Mas, na «boite» foi que as coisas se esclareceram: o casal de fato se estranhava completamente. Comportavam-se marido e mulher como dois desconhecidos, que se hou-

vessem sentado à mesma mesa e que alguém, distraída ou inadvertidamente houvesse esquecido de apresentar um ao outro, teimando muito em esperar pela apresentação.

No entanto, com as demais pessoas — tôdas elas desconhecidas do casal — eram ambos afabilíssimos. Em poucos instantes, tanto o velho como a velha conheciam a todos e conversavam com todo mundo, nessa familiaridade exagerada que as «boites» geralmente desfrutam ao chegar a madrugada.

E quatro ou cinco vêzes, durante tôda a alegre noitada, lá vieram êles sentar-se à nossa mesa, onde ficavam, como amuados, contemplando-se de soslaio, à espera da clássica apresentação. Que, aliás, tinha vindo, por três ou quatro vêzes e, por coincidência, apresentados pela mesma senhora com que haviam travado relações amistosas.

— «Muito prazer em conhecê-la», dizia o marido, levantando-se como um perfeito cavalheiro.

— «O prazer é todo meu», respondia sua mulher, mais cerimoniosa ainda.

A princípio, cuidei tratar-se de um dêsses «trotes» que comumente se pregam as pessoas que bebem e se euforizam um pouco mais. Mas, Lia, logo me convenci que o casal de fato se estranhava. E por tôda noite, marido e mulher se desconheceriam.

Apenas, não sei explicar por que instinto matrimonial, telúrico ou primitivo, vieram os dois comigo no mesmo táxi, forçando outra apresentação, no meio da viagem, por uma de minhas primas.

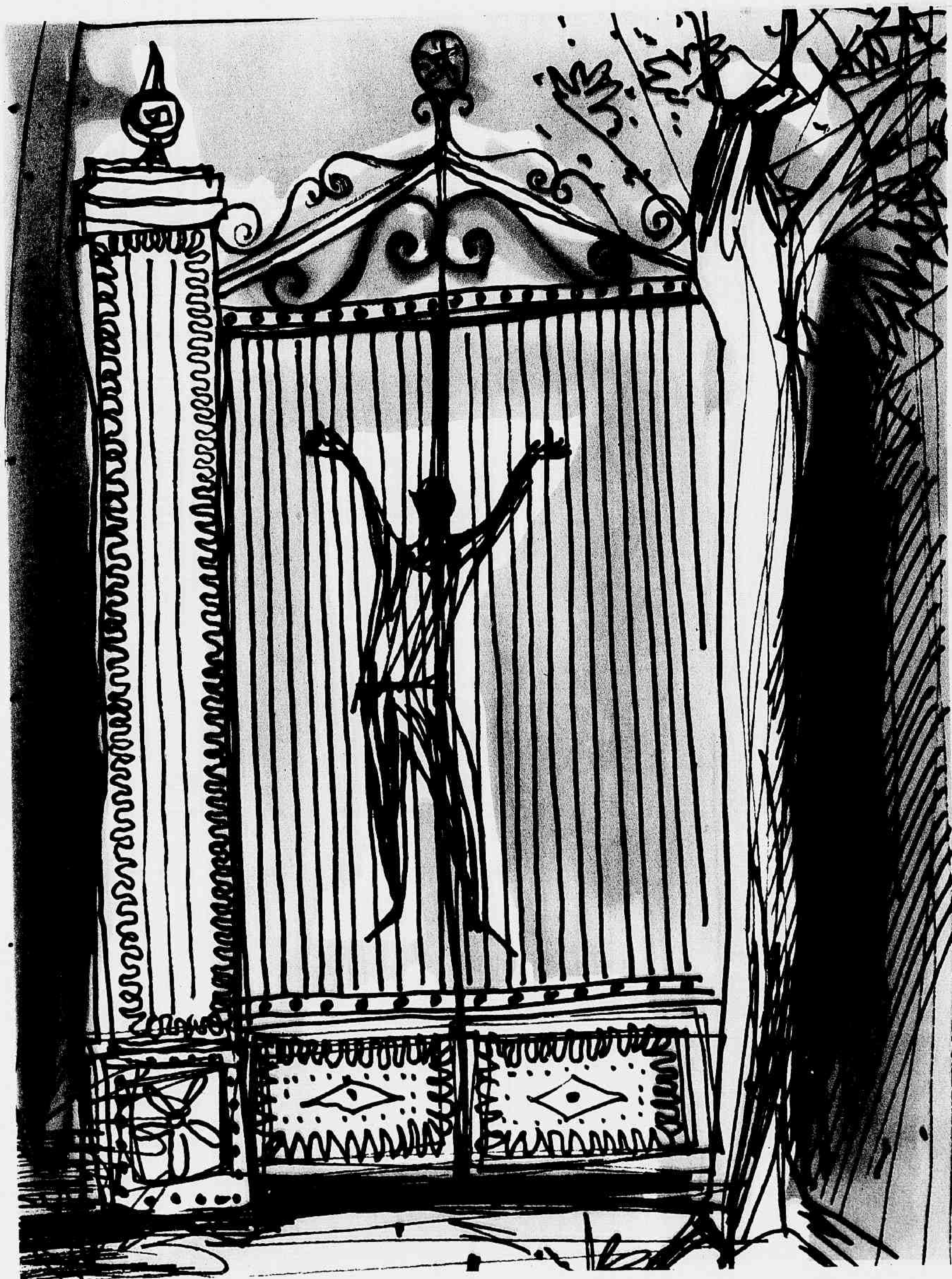
Ao saltar, ajudaram-se cerimoniosamente a abrir a mesma porta — a porta do seu lar que rangia à luz da lua e que os via entrar como dois desconhecidos, após se fechar, durante tantos anos, sôbre o casal mais amigo e compreensivo que eu jamais conhecera!

Por trás dêles lá estavam as grades do portão, mais comunicativas de certo do que aquelas que então conduziam ante seus olhos.

E julgue Deus se era o trigo da Fé ou o joio da «ressaca» que me fazia pensar naquela hora: só Aquêle que nos vê sem estas grades nos nossos olhos, só Êle que nos conhece e ama sem grilhões nem ferros, só Êle, no fim dos tempos, virá quebrar essas barras que nos separam. E enquanto O esperamos, esposos e esposas, pais e filhos, irmãos e irmãs, amigos e amigas conhecidos e desconhecidos, Lia, somos todos prisioneiros dos nossos próprios olhos, que não são portas nem janelas, mas são grades.

Hosanna, pois, Aquele que virá quebrar as grades dos nossos olhos!

(1) — Poema de Murilo Mendes, no livro «As Metamorfoses».





Êste chapèuzinho, lançado com grande sucesso em Paris, por Givenchy, acompanhará maravilhosamente os vestidos desta estação.

- *Vestido em organdi ou musseline, corpo franzido diretamente ornado com pequenas pérolas.* (7 *m x* 90)

OS TECIDOS MODERNOS ABREM NOVOS HORIZONTES

● Os novos tecidos exercem na moda uma importância capital. Estampados sôbre fundo de sêda, organdi de nylon ou tafetá, sugerem-nos encantadores vestidos de tarde, com decotes amplos e saias rodadas, armadas por anáguas de «faille» ou de «tulle». Estão de parabéns nossas fábricas de tecidos, pelos lindos e variados padrões de estampados que produzem, dentre os quais cumpre ressaltar, os criados pela artista Fayga Ostrower, e que tivemos o prazer de apreciar em recente exposição, nos salões da A.B.I.

Em Paris, a estatura alta persiste, valorizada pelos panejamentos franzidos, armando a parte superior da blusa, e a saia na altura dos quadris. A forma «sweater» domina nos arranjos de duas peças, mais ou menos cintadas, de estilos diversos, e mais ou menos longas. Os casacos apresentam um aspecto simples, de grandes golas flexíveis e debruadas, mangas três quartos, ligeiramente «bonffantes» no alto, dando um movimento novo, indicando a linha do busto. (Desenhos de LAURITZEN BERN).



● *Corpo drapeado, com pregas profundas, drapeando a blusa, e prolongando-se pela saia* (4,50 *m x* 90)

● *Um bolerinho curto e bem justo, fechado por um broche, acompanha o modêlo precedente*. (1 m *x* 90)

FORTUNA (já recautchucado) APRESENTA:

PÉ NA TÁ

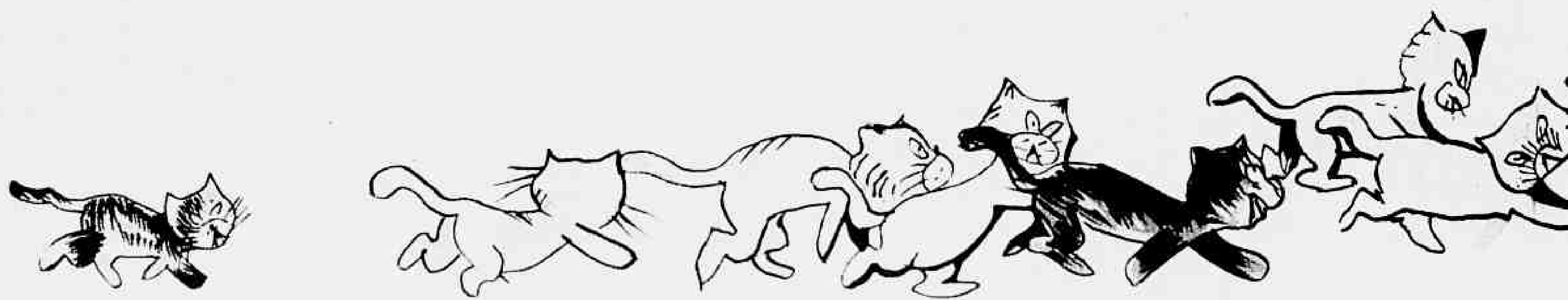


— Seu mecânico é bom, mas o meu não quer nada com o trabalho.

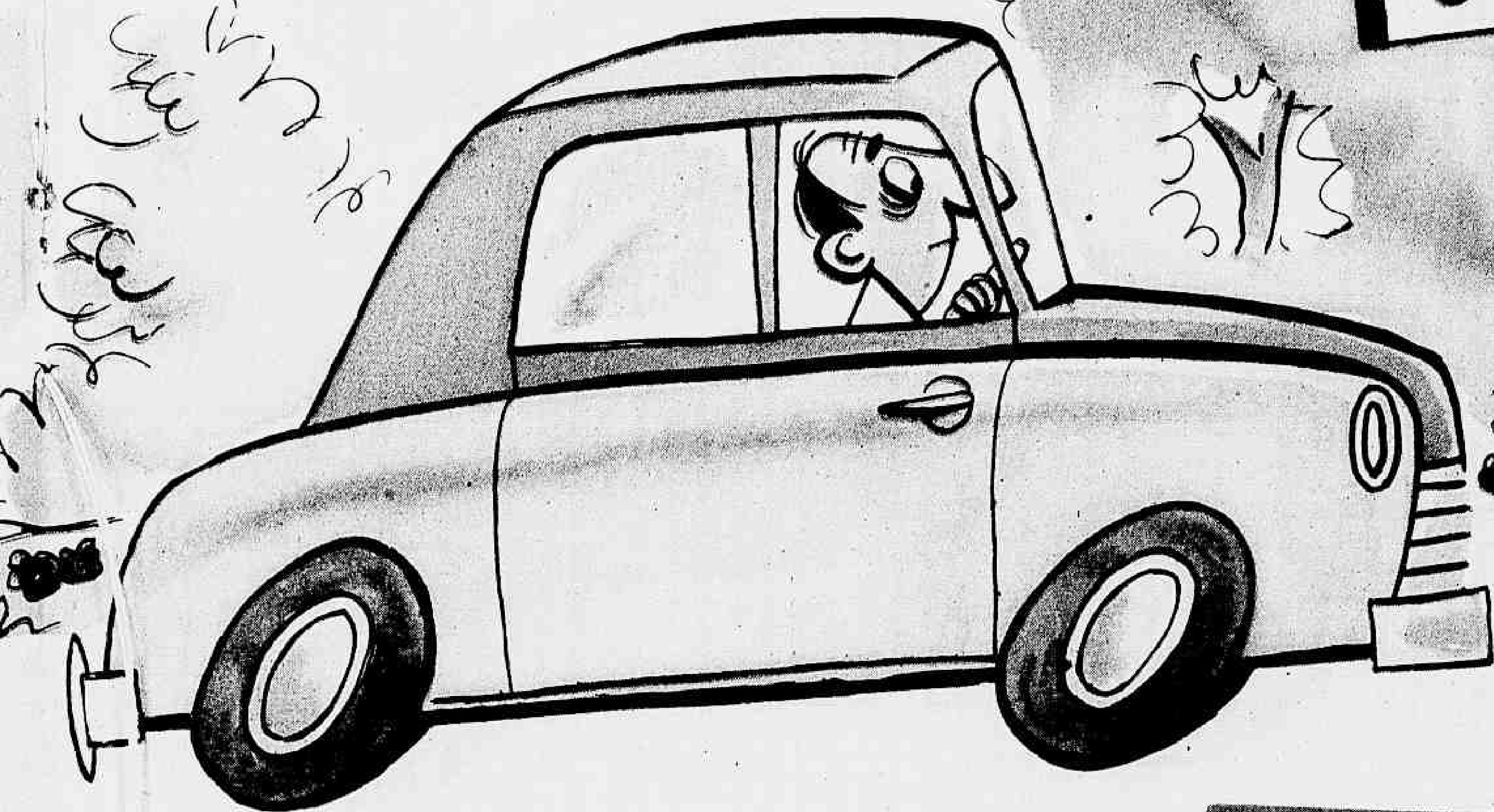


— Não, o sr. não serve para chofer de nossa emprêsa... O sr. tem a cara muito alegre!

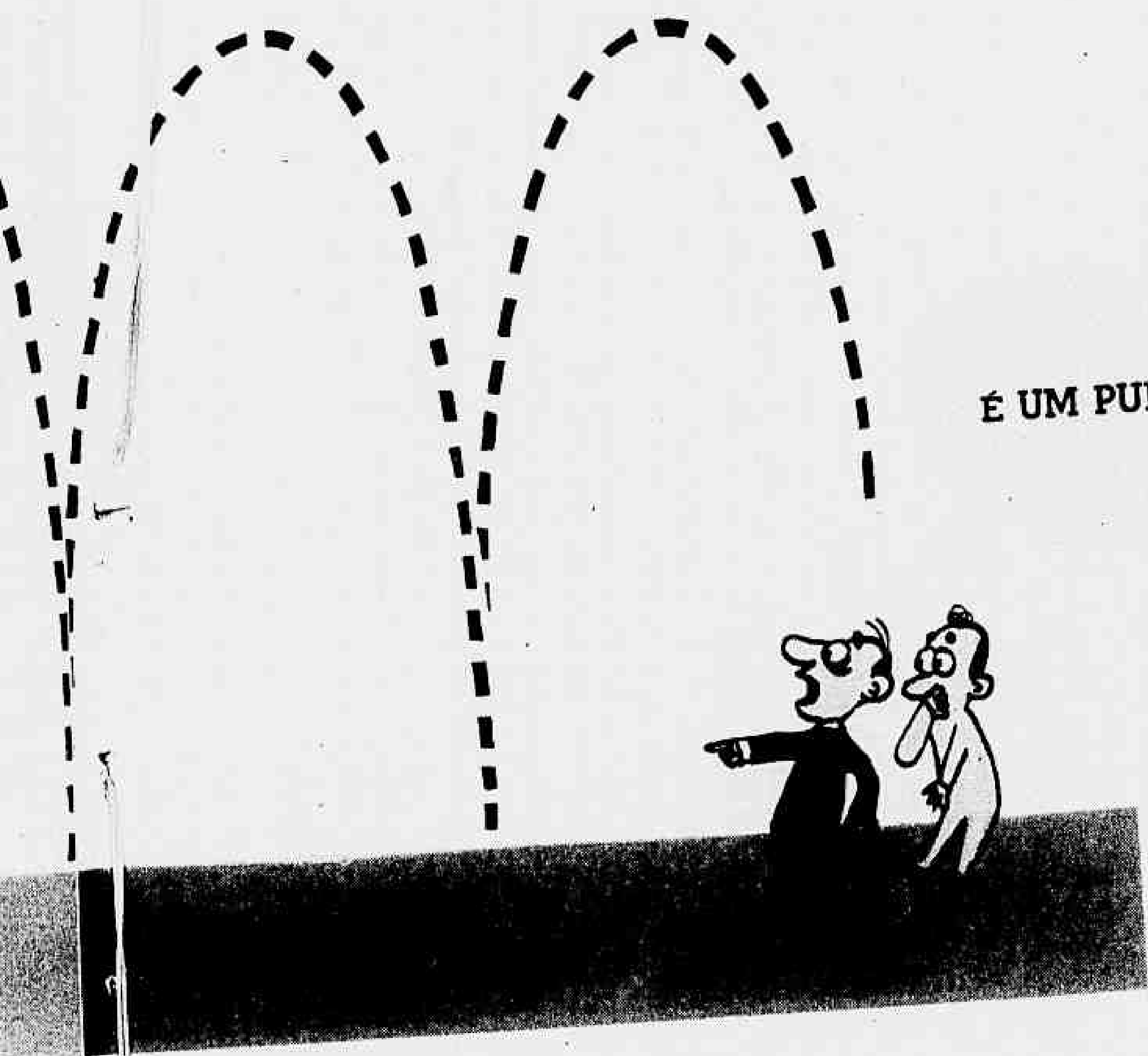




TÁBUA!



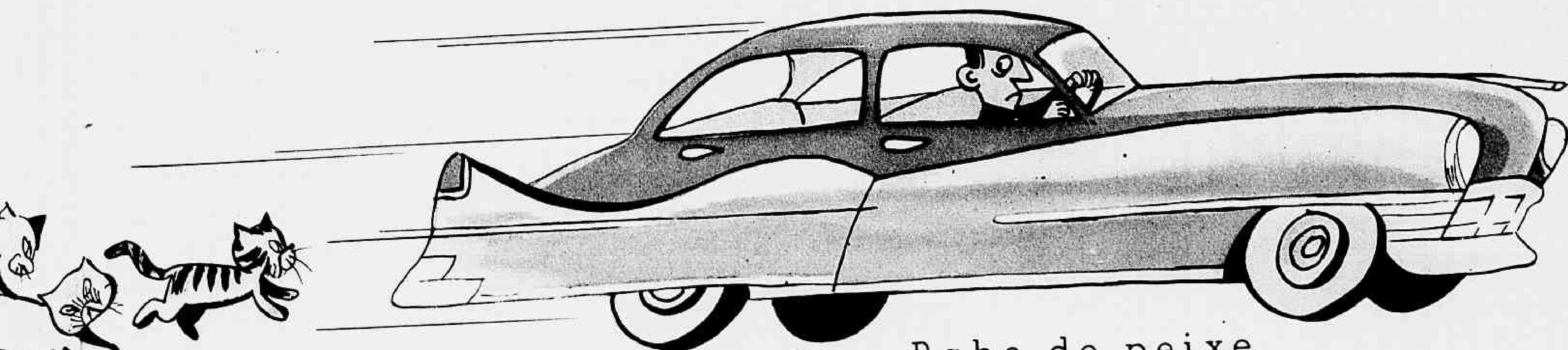




É UM PULGA!



— Então, srta., vai mudar a placa de praça pela de particular, hein!



Rabo de peixe

MARIA

Romance de JORGE ISAACS

Desenho de RAMÓN

ISSO era impossível: sempre me concede o que peço, e como desta vez roguei tanto, estava certa de que me ouviria. Mamãe vai-se, acrescentou e Ema está dormindo. Já, não?

— Você também quer ir-se?

— Que é que vou fazer? Também amanhã escreverão muito?

— Parece que sim.

— E quando Transito vier?

— A que horas vem?

— Mandou avisar que às doze.

— A esta hora teremos concluído. Até amanhã.

Respondeu à minha despedida com as mesmas palavras, porém admirando-se de que eu ficasse com o lenço que ela tinha na mão que me deu a apertar. Maria compreendia que êsse lenço perfumado era um tesouro para as minhas noites. Depois negou-se quase sempre a conceder-me aquêle bem, até que chegaram os dias em que tantas vêzes se misturaram nossas lágrimas.

XXX

Na manhã seguinte, meu pai ditava e eu escrevia, enquanto êle se aprontava, operação que nunca interrompia os trabalhos começados, não obstante o esmêro que sempre gastava. Sua cabeleira eriçada, abundante ainda na parte posterior da cabeça, e que deixava adivinhar como teria sido formosa sua cabeça na juventude, pareceu-lhe um pouco áspera. Entreabrindo a porta que dava para o corredor, chamou a irmã.

— Está na horta, respondeu Maria da sala de costura. Está precisando de alguma coisa?

— Vem cá, Maria, chamou ao mesmo tempo em que eu apresentei algumas cartas para que assinasse. Quer que desçamos amanhã? — indagou enquanto assinava.

— Como não.

— Será bom, porque há muito o que fazer: indo ambos, ficaremos desocupados mais cedo. Pode ser que o senhor A. escreva algo sôbre sua viagem neste correio. Já está demorando. Entra, filha, ajuntou, voltando-se para Maria, que esperava fora.

Ela entrou, dando-nos bons dias. Ou porque tivesse ouvido as últimas palavras de meu pai sôbre a viagem, ou porque não pudesse prescindir de sua timidez diante daquele, com maior razão desde que êle havia falado sôbre nosso amor, ficou muito pálida. Enquanto êle acabava de assinar, o olhar de Maria passeava pelas traves do quarto, depois de haver se encontrado furtivamente com o meu.

— Olha, disse o pai sorrindo ao mostrar-lhe os cabelos, não parece a você que estão muito compridos?

Ela sorriu também ao responder-lhe:

— Sim, senhor.

— Pos então venha apará-los um pouco. E tomou uma tesoura que se achava sôbre u'a mesa. Vou sentar-me para que você possa trabalhar melhor.

Dito isto acomodou-se, dando as costas para a janela.

— Cuidado, minha filha, ao tosquiar-me, disse quando ela ia começar. Está principiada a outra carta? — acrescentou dirigindo-se a mim.

— Sim, senhor.

Começando a ditar, falando com Maria enquanto eu escrevia.

— Então você não quer saber se eu já tive muitos cabelos?

— Não, senhor — respondeu, consultando-me com o olhar se a operação ia bem.

— Pois assim como está vendo, continuou meu pai, foram êles tão negros e abundantes como outros que eu conheço.

Maria soltou os que tinha naquele momento na mão.

— Que é? — perguntou êle, voltando a cabeça para vê-la.

— Vou penteá-los para cortar melhor.

— Sabe porque é que caíram e tão ràpidamente ficaram brancos? — perguntou depois de ditar-me uma frase.

— Não, senhor.

— Cuidado, menino, ao equivocar-se.

Maria sorriu, olhando-me dissimuladamente, como era necessário para que meu pai não o notasse no espelho que tinha defronte.

— Pois quando eu tinha vinte anos, prosseguiu, quer dizer, quando me casei, estava acostumado a banhar a cabeça todos os dias com Água de Colônia. Que disparate, não?

— Não muito, observou ela.

Meu pai riu com aquêle riso harmonioso e sonoro que era o seu.

Eu li o final da frase escrita e, ditada outra, êle continuou seu diálogo com Maria.

— Pronto?

— Creio que sim. Não? — ajuntou, consultando-me.

Quando Maria se inclinou a fim de sacudir os recortes de cabelo que haviam caído sôbre os ombros de meu pai, a rosa que levava numa das tranças caiu aos seus pés. Ia ela levantá-la, porém meu pai tomou-a. Meu pai voltou a ocupar seu pôsto atrás da cadeira, e êle disse depois de olhar-se ao espelho detidamente:

— Agora eu porei a flor onde se achava, para recompensá-la do bem que fêz. E aproximando-se, ajuntou colocando a flor com tanta graça como o teria feito Ema — agora podem me invejar.

Deteve Maria, que já se mostrava desejosa de retirar-se temendo o que êle pudesse acrescentar, beijou-lhe a fronte e disse em voz baixa:

— Hoje não será como ontem. Acabaremos cedo.

XXXI

Seriam onze horas. Terminado o trabalho, estava eu debruçado à janela do meu quarto.

Aquêles momentos de esquecimento de mim mesmo, em que meu pensamento se cingia em regiões que quase me eram desconhecidas, momentos em que as pombas que se achavam à sombra dos laranjais arrulhavam amorosamente; em que a voz de Maria, murmúrio doce, chegava aos meus ouvidos e tinha um encanto inefável.

A infância, que em sua insaciável curiosidade assombra-se de tudo o que a natureza, mestra divina, oferece de novo aos seus olhares; a adolescência, que adivinhando tudo, deleita-se involuntàriamente com castas visões de amor... pressentimento de uma felicidade tantas vêzes esperada em vão; só elas sabem trazer àquelas horas não medidas em que a alma parece esforçar-se para voltar às delícias de um Eden — sonho ou realidade — que ainda não esqueceu.

Não eram as ramas dos rosais, a que as ninfas do arroio arrancavam leves pétalas para fugitivamente engalanar-se; não era o vôo majestoso das águias negras sôbre os cimos próximos, não era nada disto que viam meus olhos, era o que não mais verei, o que meu espírito arrebatado por tristes realidades, não busca, ou admira ùnicamente em seus sonhos: o mundo que extasiado contemplei com os primeiros fulgores da vida.

Divisei no negro e tortuoso caminho, Transito e seu pai, que vinham cumprir o que haviam prometido a Maria. Cruzei o horto e subi a primeira colina para esperá-los na ponte, visível desde o salão de casa.

Perguntei por Bráulio a Transito.

— Ficou em casa aproveitando o sol para a colheita, sabe? E a Virgem da Cadeira?

Transito costumava perguntar-me assim por Maria, desde que notou a extraordinária semelhança entre o rosto da futura madrinha e o da bela Madona do oratório de minha mãe.

— Está boa e esperando você, pintada, iluminada, e cheia de flôres, para que a faça muito feliz.

Assim que nos aproximamos da casa, Maria e Ema saíram a fim de receber Transito, ao qual disseram, entre outras coisas, que era muito boa moça. O que era verdade, pois a felicidade a embelezava.

José recebeu, chapéu na mão, as carinhosas saudações das senhoritas, e retirando a mochila que trazia no ombro, cheia de legumes como presentes, entrou conosco, instado por mim, ao quarto de minha mãe. Ao passar pelo salão, Mayo, que dormia debaixo de uma das mesas, rosnou, e o montanhês disse rindo:

— Olá, avozinho. Você não quer nada? Acho que é porque estou tão velho quanto você.

— E Lúcia? — perguntou Maria a Transito, porque não quis vir com você?

— Disse que estava cansada. E' muito encabulada.

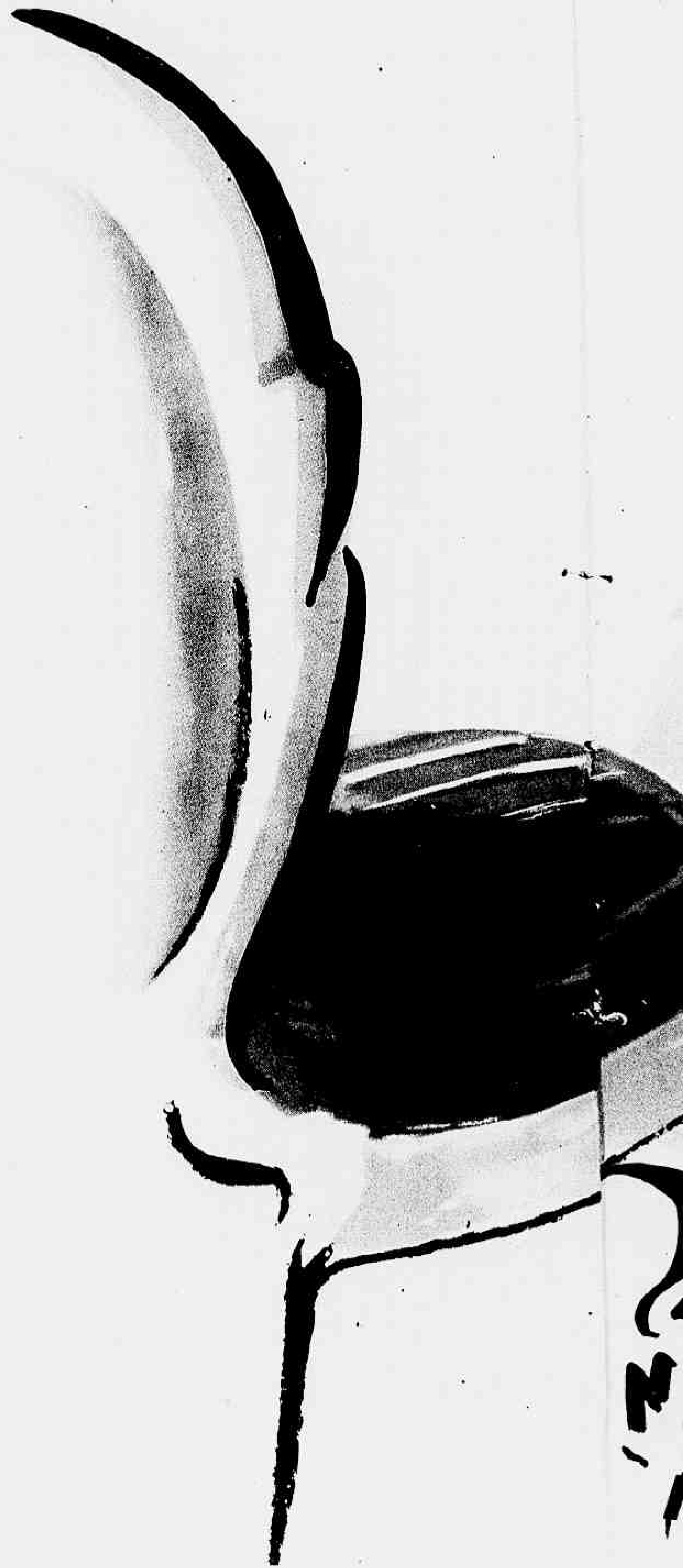
— Porém Efraim disse que...

Transito riu antes de responder.

— Com Efraim tem menos vergonha, porque êle vai lá muitas vêzes e ela já está perdendo o mêdo.

Procuramos saber em que dia se efetuaria o casamento. José, para tirar sua filha dos apuros disse:

(Cont. na página 50)



RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

● Efraim, ainda criança, fôra mandado pelos pais a um internato educacional, em Bogotá, capital de seu país. Além dos filhos, criava o casal uma menina de nome Maria, filha de um irmão do pai de Efraim. Efraim e Maria, criados como irmãos, embora não ignorassem a verdade. Quando Efraim voltou à casa paterna, surpreendeu-se com a beleza da irmã de criação e o mais intenso amor manifestou-se entre ambos. Nesse interim, o médico que estava tratando de Maria declarou que a moça sofria de ataques epilépticos, e que a vertigem que tivera fôra causada por tal doença. Efraim parte para caçar, matando um tigre. Após descansar, regressa, encontrando Carlos em sua casa, pretendendo a mão da moça. Debulhada em lágrimas, Maria é informada da pretensão. Recusa, no entanto, alegando que é doente e jamais pretende se casar. Numa conversa posterior, Carlos vem a saber que Efraim ama Maria. Retira-se Carlos, indo Maria informar a Efraim de tudo o que se passou. Efraim confessa que é amigo de Carlos e que lhe perdoa tudo. Maria pede-lhe então que jamais desfaçam aquela amizade.



Sugestão para o lar

● Uma jardineira com folhagens separa êste «living» do aposento que lhe fica contíguo. Sob a jardineira foi colocado um sofá para duas pessoas, ladeado por mesinhas — de formato muito original — com abajures. Completa o grupo uma mesa de centro, com prateleira para revistas, e uma poltrona com banquinho para descanso.

● A parede do fundo foi, em grande parte, aproveitada para o aparelho de TV e uma pequena biblioteca. À direita conseguiu-se uma parte fechada para um barzinho.

● A iluminação é embutida no fôrro, de um lado só da sala, e completa-se com os abajures baixos, e com lâmpada de braço junto à biblioteca.

LÍGIA JUNQUEIRA

NOTINHAS ÚTEIS

PARA CLAREAR A ROUPA — Uma colher das de sopa de terebentina posta na água em que lavar a roupa branca, a tornará muito mais alva. Empregue êsse processo quando tiver dificuldade em pôr a roupa no sol para clarear.

RENDAS — Para que as rendas fiquem com a aparência que tinham quando novas, depois de lavadas, enxagüe-as em água açucarada, antes de passá-las.

SÊDA BRANCA — Para que a sêda branca não fique amarelada, é conveniente que, antes de lavá-la, você a deixe mergulhada, durante algumas horas, em leite cru. Depois lave-a com água e sabão, e deixe secar à sombra.

GEMA DE ÔVO — A gema de ôvo se conservará muito bem durante alguns dias se você tiver o cuidado de pô-la numa vasilha funda, e recobrir a sua superfície com azeite, ou óleo de cozinha.

MÔFO — Para evitar a formação de môfo — muito comum em lugares úmidos como, as beiras de praia — vaporize, de tanto em tanto, um pouco de essência de terebentina, dentro dos armários.

MOLDURAS E ENFEITES DOURADOS — Para se limpar as molduras de quadros e os enfeites dourados dos móveis, pode-se usar um pouco de vinagre branco. Esfregue as partes reentrantes com uma escôvinha. Deixe secar ao ar livre.





Um pouco de beleza



Chegaram os dias quentes e com êles a época em que é necessário ter o máximo de cuidado com a pele e os cabelos, prejudicados com os banhos de mar e a demasiada exposição aos raios solares. Apresentamos algumas sugestões e conselhos úteis para que você neste verão pareça mais bela do que nunca.

●

Embora o calor seja muito, deve-se evitar ao máximo o abuso de líquidos que sobrecarregam o estômago e produzem a obesidade, sem nenhum resultado para o problema do calor pois sòmente tendem a aumentar a transpiração.

●

Os cabelos pouco oleosos, devem ser friccionados, principalmente nas pontas, com um bom óleo, para que não se tornem quebradiços em conseqüência da água do mar e sol em demasia.

●

Uma mistura em partes iguais de álcool e éter ainda constitui um dos melhores líquidos para a limpeza da pele.

●

As comidas pesadas e que fermentem, também devem ser evitadas durante o verão, para que a pele não seja prejudicada.

●

Os olhos, devido à luz muito forte e excesso de poeira, tendem a ficar congestionados. Compressas de água boricada, prontamente farão voltá-los ao normal.

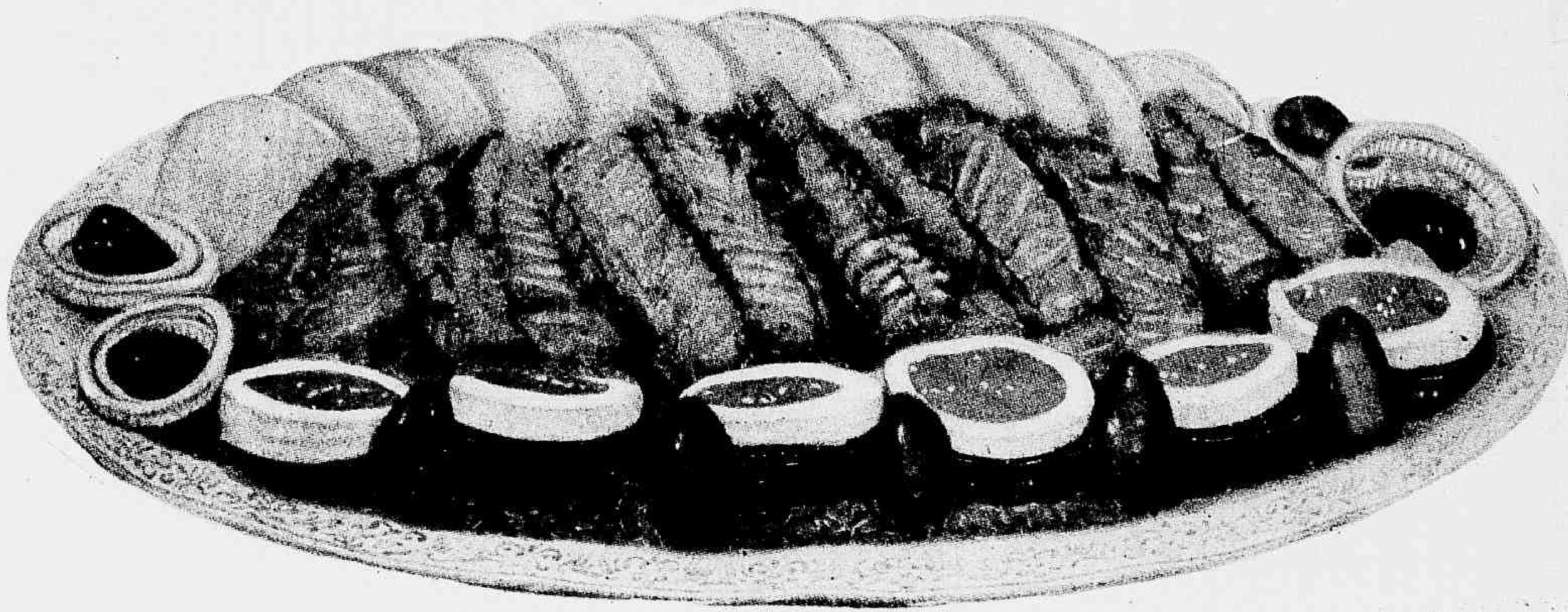


Week-end na cozinha

Pratos frios

● SALADA DE PEPINOS COM FRUTAS: — Deite de môlho, em ½ xícara de água fria, 8 fôlhas de gelatina branca. Depois derrame em cima 3½ xícaras de água fervendo, dissolva no fogo, junte 2 colheres rasas de açúcar, ½ colher de sal, 1 colher de caldo de limão, 3 colheres de vinho; coe e deixe esfriar na geladeira. Quando principiar a congelar junte 2 xícaras de rodelas de pepinos, sem sementes e picadas, e 2 colheres de pedacinhos de abacaxi ou de maçã, ou de pêssego. Despeje em forminhas altas untadas de azeite e guarde na geladeira. Se fizer de véspera fica melhor. Guarneça ao redor de uma travessa com fôlhas de alface crespa. Desenforme uma fôrminha sôbre cada fôlha e deite ao redor um môlho maionese. Também serve para guarnecer qualquer salada, dispensando o môlho.

● SANDUÍCHES DE GALINHA E GELÉIA: — Faça 1 galinha ou um frango e corte tôda a carne em pedacinhos de 1 cm. assim como 200 grs. de presunto. Misture os dois picados. Corte 2 pães de fôrma em rodelas, passe bastante manteiga, na metade e uma camada fina de geléia de fruta na outra. Deite o picado de galinha sôbre 1 de manteiga e cubra com 1 de geléia.





Por êsse Mundo de Deus

DEMOCRACIA CHINESA

Na Democracia popular chinesa, corta-se o cabelo raspado, mas o sorriso é obrigatório. Mao-Tse-Tung acaba de ser eleito presidente, depois do Primeiro Congresso dos Povos. Êle passeia entre seus eleitores, sorridente. Note-se a ausência de policiais, e até um raio de sol idílico ilumina esta cena de nova China. Como se vê, tudo muda neste mundo, até no Oriente.



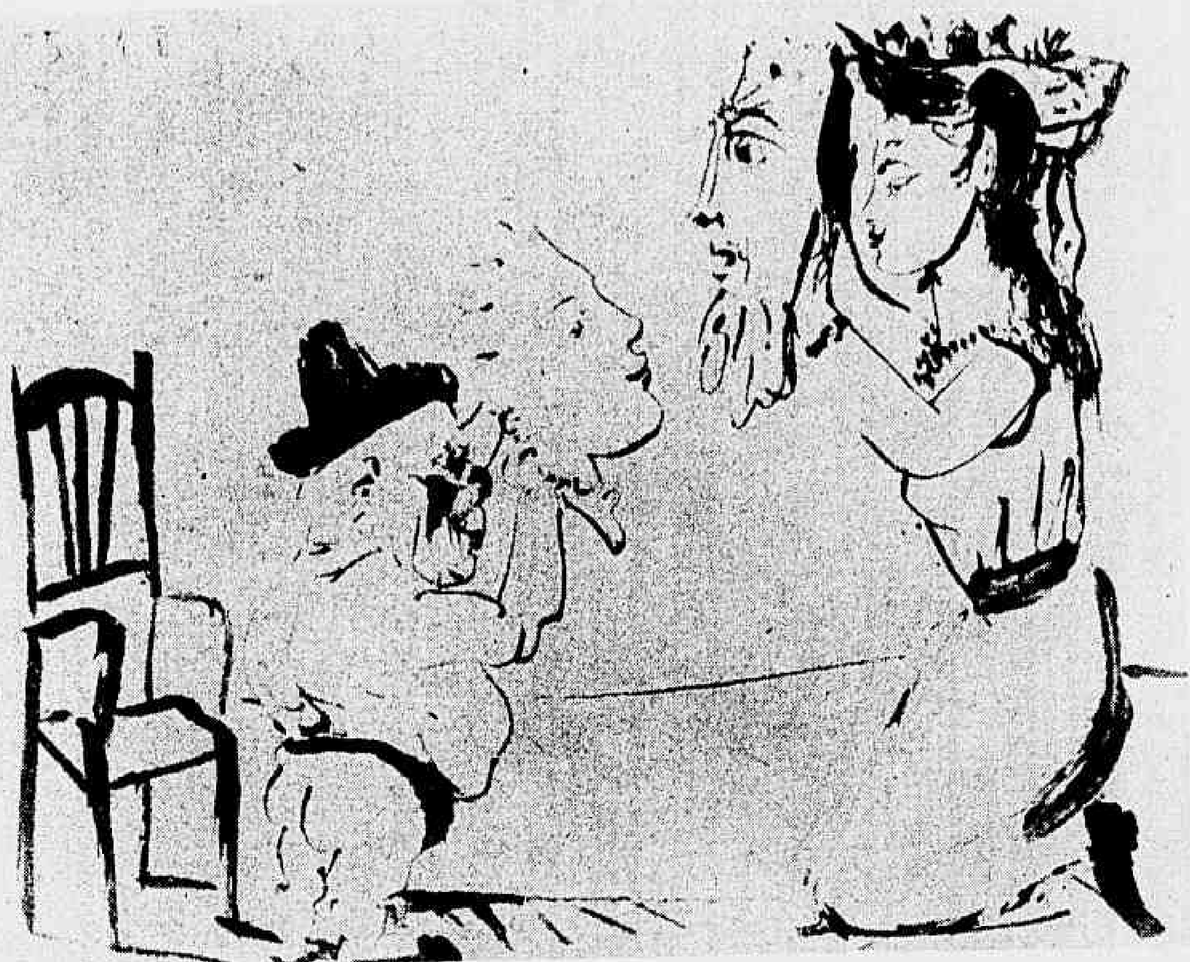


GINA YOGUI

Gina Lollobrigida, a absoluta, estêve nos Estados Unidos, onde aprendeu de Marilyn Monroe como conservar a linha. Ei-la, segundo os conselhos, praticando yogui, com ar severo de quem acha difícil aprender.

CHIHUAHUA

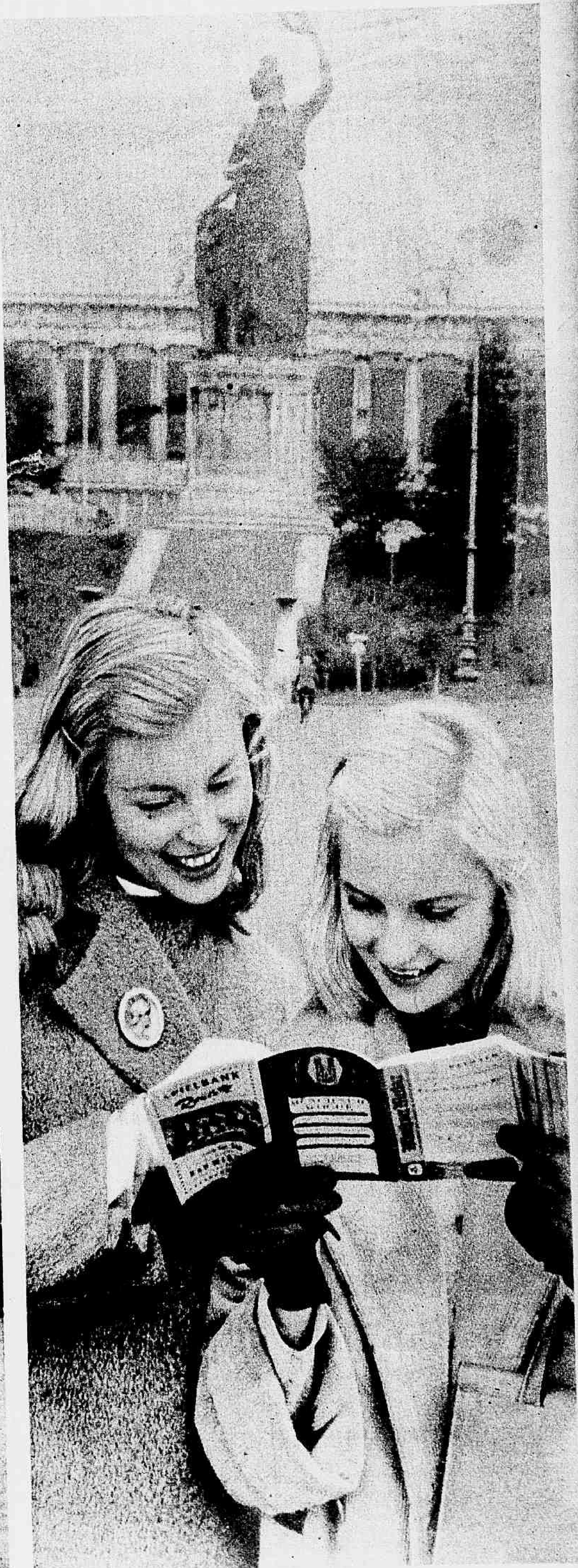
Êste é o menor cachorro do mundo, pois como vêem, cabe numa chícara de chá. Custou ao seu proprietário 100.000 dólares, o que é um prêço muito grande para cachorro tão pequeno, conforme vocês poderão verificar





PICASSO ESCREVE

Ao seu filho, e como para um pintor a imagem é a melhor coisa, eis um trecho dessas mensagens, ou melhor, um pedaço da carta que o grande pai dirigiu ao seu pequeno filho de apenas 5 anos.



NOVA ERA

Aqui estão duas jovens extremamente parecidas. São porém de países diferentes: uma é alemã, outra francesa. Ambas trabalham no filme dirigido por Julien Duvivier.

OUTRA NOVA ERA

Uma era nova começa nos Estados Unidos com a grande campanha contra os racistas. Eis um aspecto inédito das escolas: os brancos dão as mãos aos pretos. Não há mais a antiga divisão, e podemos assistir a cenas como esta no pátio de uma escola, quando crianças de tôdas as côres se divertem, esquecidas de preconceitos, num atestado do que será o futuro.





Agora, encontrei o meu cigarro...

hollywood

uma tradição de bom gôsto



Cada vez mais pessoas estão mudando para Hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.294

"NEGÓCIOS DE ESTADO"

BRUTUS PEDREIRA

● Grande noite, para o Teatro Brasileiro de Comédia, foi a da única récita de «Negócios de Estado», de Verneuil, oferecida aos assinantes da temporada de 1954. O Ginástico ficou abarrotado de espectadores; mais de sessenta cadeiras foram colocadas na platéia, junto à parede do fundo e, mesmo assim, a escada que desce do «hall» encheu-se de gente em pé. Uma belíssima casa, inegàvelmente, tanto em número quanto em qualidade. Além dos assinantes, a fina flor dos freqüentadores do bom teatro compareceu, em grande euforia. «Negócios de Estado», derradeira peça de Verneuil, grande êxito em Paris e fracasso total em Nova York, longe está de ser obra de responsabilidade. Comédia amável, vive do espírito dos diálogos e de algumas situações engraçadas, se bem que corriqueiras no teatro de bulevar. Apesar de seu longo treino de comediógrafo, Mestre Verneuil arranjou, nesta peça, motivações duma puerilidade de principiante. A certa altura, precisou tirar de cena Philip Russel, Secretário de Estado, a fim de que sua espôsa e o senador Henderson, amante dela, pudessem vender seu peixe e dar seguimento à intriga. Pois bem, Mestre Verneuil não teve dúvidas: fêz entrar o criado, o qual, dirigindo-se a Philip, diz, mais ou menos, isto: «O senhor Fulano de Tal está aí e deseja falar-lhe». Ao que Philip responde: «Faça-o entrar para a biblioteca. Fulano deseja consultar-me sôbre seu próximo casamento». E sai para atender o visitante. Acontece, porém, que o Fulano de Tal não mais é mencionado no decorrer da peça, seu casamento nada tem que ver com o enrêdo, nem exerce a menor influência, seja no que fôr. Esta motivação de cabo de esquadra faz-me lembrar outras, não menos simplistas, de certa senhora, contumaz autora de peças, muito conhecida e acatada nos círculos do subinteletualismo carioca. Nesse mesmo palco do Ginástico, assisti, não sei por que cargas d'água, a uma das elocubrações teatrais da referida dama. Durante três atos, a ação desenrolou-se numa série quase contínua de diálogos, na acepção exata do têrmo: fala entre duas pessoas, pois os personagens entravam em cena e dela saíam dois a dois. Terminada a conversa entre o dono da casa e um amigo, necessário era tirá-los de cena, para que a ela viessem o galã e a «galoa» tratar de seus particularíssimos assuntos. Tirá-los, sim, mas de que jeito? Muito simples: entra um criado (nesta espécie de motivações, os criados, como estamos vendo, funcionam tais quais verdadeiros «Di ex-machina») e entrega um telegrama ao dono da casa. Êste, ao recebê-lo, dirige-se ao amigo e diz-lhe: «Um telegrama. Vamos lê-lo na outra sala?» Vazia a cena, entram os namorados e, finda, também, a sua falação, devem ceder o lugar a dois outros personagens. Como? Do modo mais expedito. Propõe o galã à jovem: «Vamos lá fora, ver a paisagem?» Como é fácil a vida, para certos autores! Pois é verdade: Mestre Verneuil deu, também, as suas mancadinhas e a representação de «Negócios de Estado» pelo T.B.C. serviu, principalmente, para mostrar ao público carioca até que ponto um elenco de qualidade pode valorizar um têxto medíocre. A direção segura de Ziembinski; a marcação, apesar de, às vêzes, demasiado movimentada; o equilibradíssimo desempenho dos atores; o simpático cenário de Mauro Francini, tudo, enfim, concorreu para tornar o espetáculo tão agradável quanto possível. A satisfação do público, que se divertiu a bandeiras despregadas e muitas vêzes abafou, com suas gargalhadas, as falas dos atores, era visível nos comentários trocados à saída, nos olhos inchados de tanto rir e em todos aquêles rostos alegres, em que se refletiam outros tantos fígados desingurgitados pelo maravilhoso colagogo que é o riso franco e aberto. Eu já havia assistido à peça em São Paulo, onde fêz carreira boa, e pude verificar que o espetáculo ganhou muito, na sua edição do Rio. O cenário rendeu mais, talvez pelas dimensões da bôca do palco do Ginástico; certos móveis se avantajaram, em bom gôsto, aos congêneres utilizados em São Paulo; alguns vestidos de Tônia Carrero e Margarida Rey, as únicas atrizes da peça, substituídos por outros de requintada elegância contribuíram para melhor caracterizar a alta esfera política e social em que se moviam os personagens. Teremos, agora, o T.B.C. no Ginástico, durante dois anos. Êsse, o prazo do novo contrato firmado entre a direção do T.B.C. e a diretoria do Clube Ginástico Português. Provàvelmente, «Negócios de Estado» voltará à cena, em carreira normal. Se isso acontecer, o que desejamos, quem quiser libertar-se, por três horas, das agruras da vida e das amolações que são o pão nosso de cada dia, vá ao Ginástico. Lá, fará estoque de bom humor e armazenará nuanças côr-de-rosa, para enfeitar o cotidiano, nos dias subseqüentes.

NOTICIÁRIO

A ASSOCIAÇÃO Brasileira de Concertos já lançou sua programação para a temporada de 1955: Heifetz, Backhaus, Pierre Fournier, Christian Ferrás, um recital de canto e outro de bailado, êstes em negociações. A Associação, porém, precisa de sócios. Não é com o quadro atual e com a eventual renda dos concertos que se podem trazer artistas da qualidade dos referidos. D. Maria Amélia anda de sobrolho um tanto carregado, pelo pêso das preocupações. Por que não ajudamos a A.B.C. angariando-lhe sócios? Natal e Ano Bom vêm aí. Não é um ótimo presente a um amigo melômano uma assinatura para os concertos da A.B.C., na temporada de 1955? Aí fica a sugestão. Lembremo-nos de que, sem a A.B.C., a Cultura Artística, a Pró-Arte, estamos roubados, em matéria de bons concertos. Vamos deixar que, aos outros desertos já existentes nesta maravilhosa e barulhenta cidade, se agregue o deserto dos belos sons? Tenhamos juízo e prestigiemos as associações de concertos.



DURANTE MINHA estada em São Paulo, na primeira quinzena de novembro, assisti a três espetáculos de classe: «O Canto da Cotovia», de Anouilh, no Teatro Maria Della Costa, «Lampião», de Raquel de Queiroz, pela Companhia Nídia-Lícia-Sérgio Cardoso e «Cândida», de Bernard Shaw, pelo elenco do T.B.C., no teatro da Rua Major Diogo. Sôbre êles conversaremos nos próximos números desta revista.



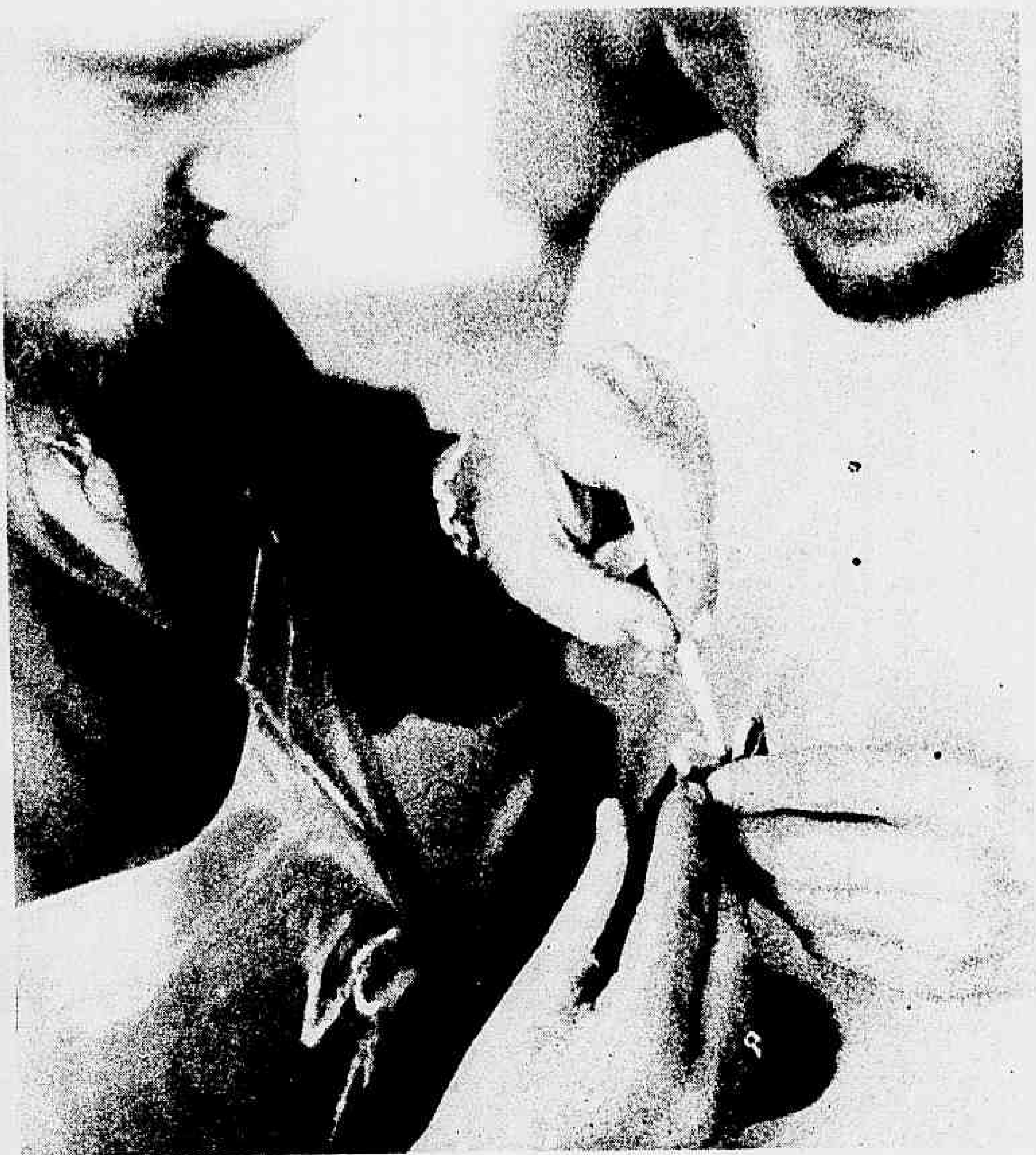
REALIZOU-SE no Teatro Colombo de São Paulo, o 1º Festival Paulista de Teatro Amador, organizado pelo Clube de Teatro e a Federação Paulista de Teatro Amador. Não há dúvida, São Paulo está dando-nos quinaus de todo jeito.



CACILDA BECKER em «Pega Fogo» (Poil de Carotte), de Jules Renard, uma de suas grandes criações, que será o 6º cartaz do Teatro Brasileiro de Comédia, em sua temporada no Ginástico.



Mergulhando diante da ilha de Lanzarotte (Canárias), Rainier fêz diversos filmes. Emérito mergulhador, torna-se um dos verdadeiros reis do mar.



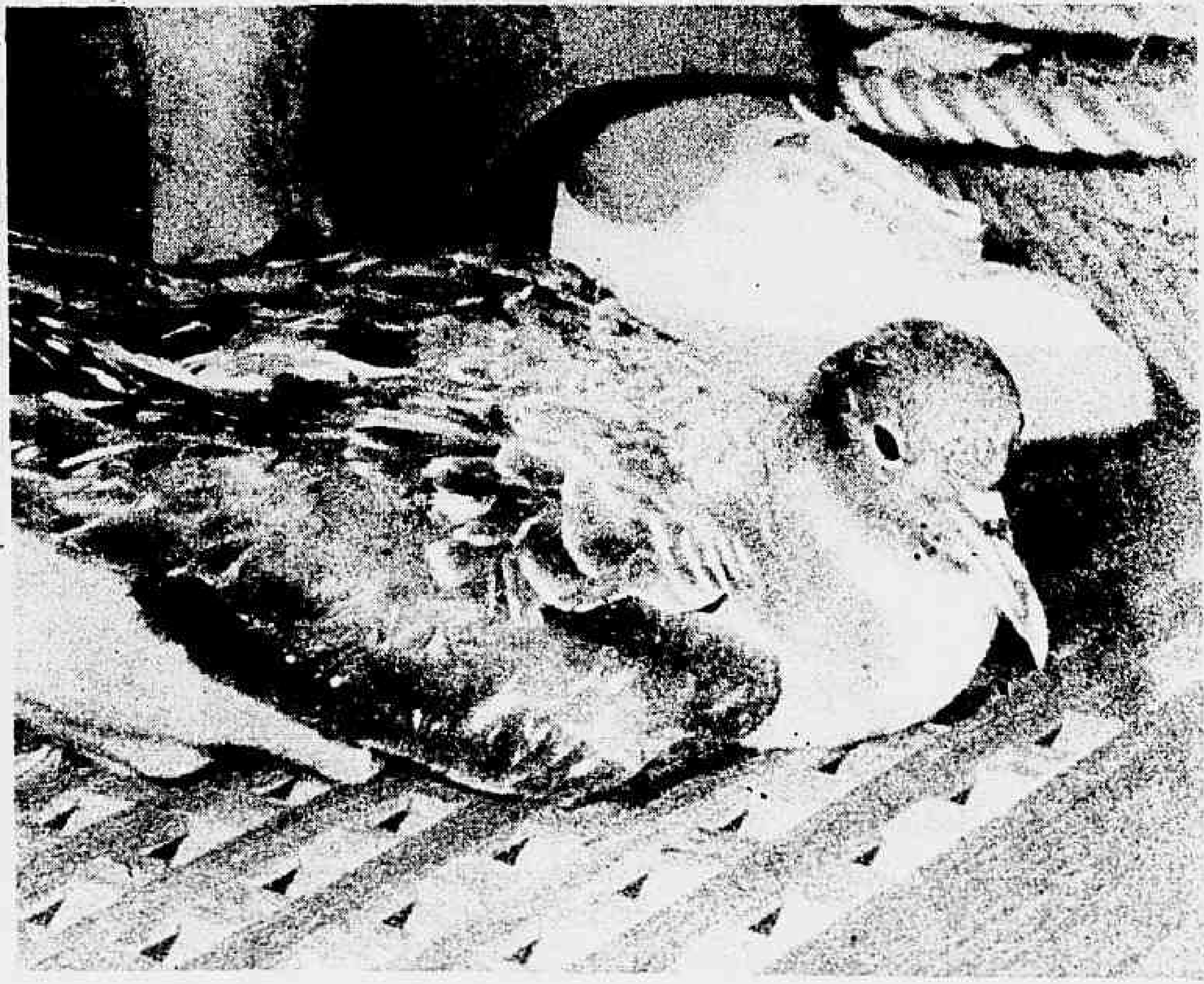
O príncipe tem suas extravagâncias. Da África trouxe uma serpente píton, que foi criada por suas mãos, que êle alimenta com carinho fraternal.

Rainier de Monaco

TRÊS MESES DE AVENTURAS COM UM JOVEM PRÍNCIPE

DIZEM QUE O PRÍNCIPE DE MÔNACO TRANSFORMOU SEU IATE NUM BELO JARDIM ZOOLÓGICO ★





O HERDEIRO DE MÔNACO VISITA A ÁFRICA ★ UM IATE TRANSFORMADO EM JARDIM ZOOLÓGICO ★ MIRAGENS DE UMA FORTUNA EUROPÉIA ★ BICHOS... E MAIS BICHOS...

TÔDAS as sereias de Mônaco saudaram, no dia 15 de outubro, a volta ao pôrto do mais célebre navegador do Principado, Rainier III. A bordo do «Deo Juvante II», êle acaba de efetuar em setenta dias um périplo de 10.500 quilômetros, da Côte D'Azur à África Ocidental. Retomou, sôbre os mares, a tradição de seu bisavô, o sábio Albert I, célebre no mundo inteiro pelos seus trabalhos oceanográficos. Rainier preferiu seu cruzeiro pessoal ao do «Agamemnon». «Havia muitas princesas para casar», disse êle Barco sem mulheres, o «Deo Juvante» pouco a pouco se transformou numa Arca de Noé.

Faltava um Zoo em Mônaco. Rainier inventou-o, trazendo do seu cruzeiro 1 piton, 3 chimpanzés, 2 antílipes, 1 gazela, 1 marabout, 1 pelicano, 2 avestruzes e várias espécies de macacos. Gibraltar causou-lhe a maior decepção da sua viagem: os peixes raros, pescados por êle a 25 metros de fundo, e que se despedaçaram contra as paredes do aquarium.

Sem brincadeira agora, Rainier é um dos herdeiros mais ricos da Europa, e é lícito que em tôrno dêle se congreguem os nomes mais famosos da Europa. Muito se tem contado a seu respeito, mas a verdade é que êle se tem subtraído a tôdas as aventuras, limitando-se a um número estrito de casos femininos, que não condiz, segundo cronistas e más línguas, nem à sua fortuna e nem à sua posição.

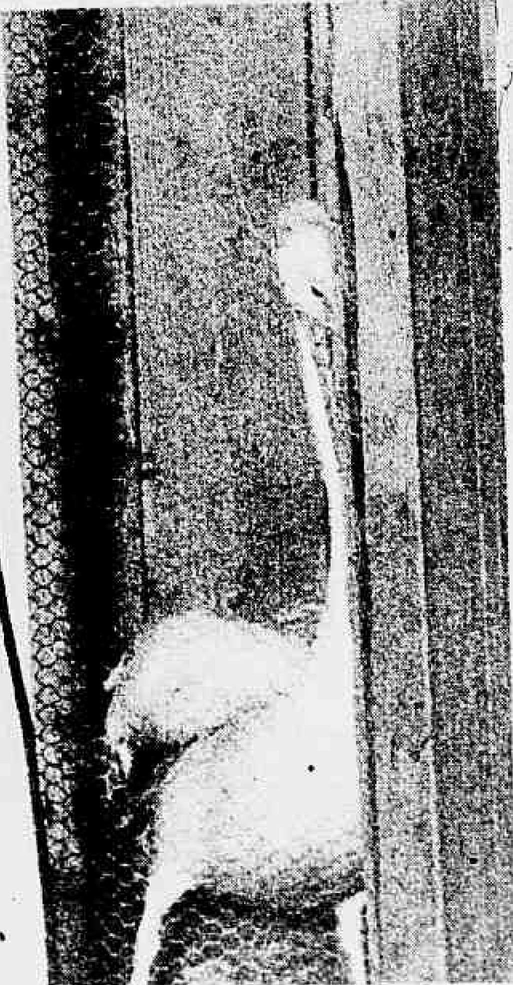
Sua recente viagem veio pôr a prova um caso que dizem secreto — e esperemos que seja verdade, já que êle recusou uma das mais maravilhosas viagens a bordo do «Agamemnon», e continua, para inveja de muitos e felicidade de tôdas as solteironas, um homem disponível.



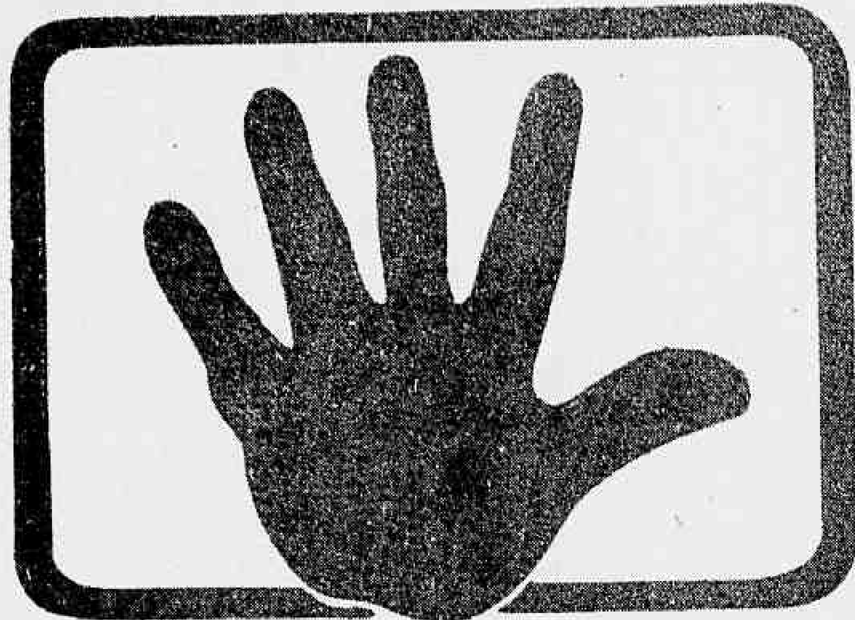
Rainier trouxe de seu cruzeiro, 3 chimpanzés: Youkou, Daka e Bella. Deixou crescer a barba, que raspou dias após.

VERDADE OU NÃO, EXISTEM LÁ BICHOS DE TÔDA ESPÉCIE ★ E PARECE QUE RAINIER ESTÁ CONTENTE









PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

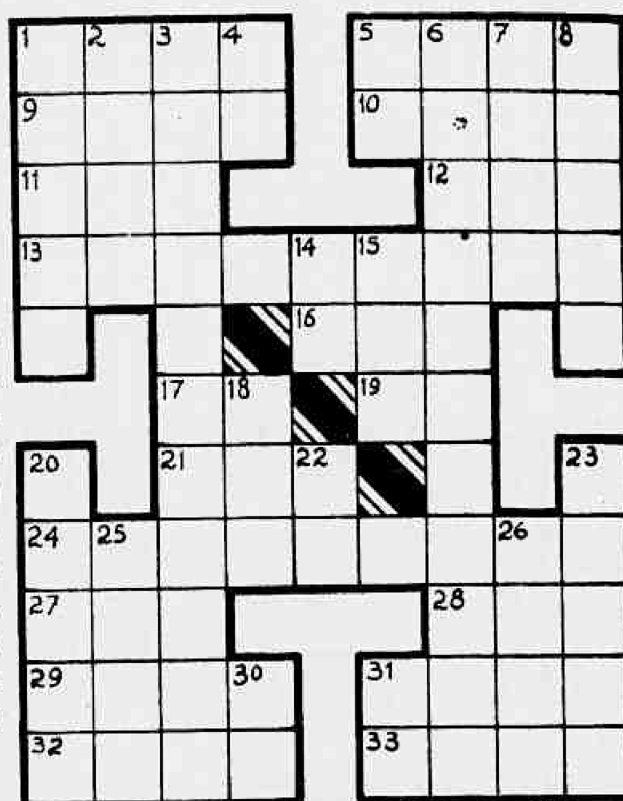
CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 43

PARA VETERANOS

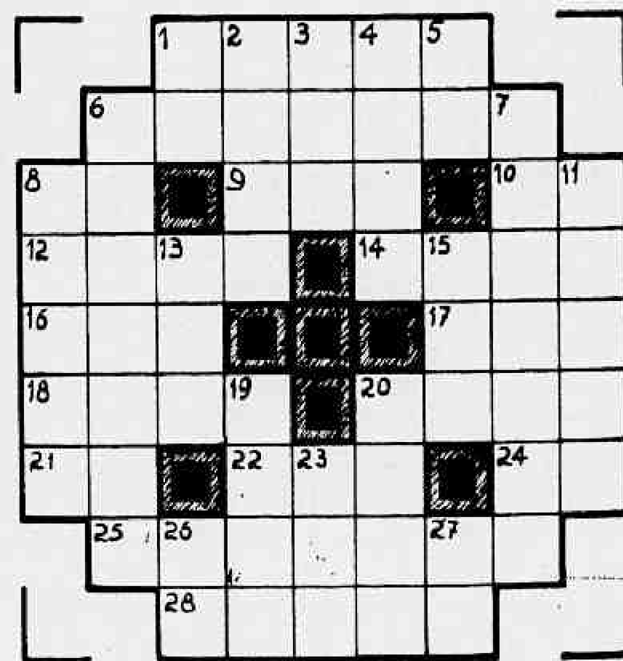
HORIZONTAIS: — 1. Indígenas dos rios Igatim, Escopil e Miamaia — 5. Labéu — 9. Antiga composição poética que se destinava a ser cantada à alvorada — 10. Assim seja — 11. Nome de homem — 12. Espécie de sapo — 13. Ave da família dos Psitacídeos (pl.) — 16. Rio da Rússia — 17. Desinência verbal — 19. Sufixo designativo de diminuição — 21. Afadiga-se — 24. Ricos — 27. Sufixo que designa «o que professa» — 28. Ave cuculídea — 29. Pôrto ou enseada — 31. Dificilmente — 32. Subúrbios de cidade — 33. Idiota.



VERTICAIS: — 1. Diploma — 2. Bebida refrigerante — 3. Que faleceu sem testamento — 4. Freguesia de Ponte de Lima (Portugal) — 5. Nota musical — 6. Delicadeza — 7. Simples — 8. Contrário às musas — 14. O alto da proa de uma fusta — 15. Nome de várias palmáceas — 18. Suma-se! — 20. Que não se altera ao fogo — 22. Símbolo do elemento radioativo de pêso atômico 227,00 — 23. Mesquinhez — 25. Pear — 26. Obrigação — 30. Labemol na nomenclatura alemã — 31. Sufixo que exprime coleção, natureza.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Rival, competidor — 6. O nosso Continente — 8. Mil e cinqüenta — 9. Espaço de 24 horas — 10. Símbolo do rádio — 12. Quebradiço — 14. Escarneciam — 16. Perverso — 17. Gosta — 18. Ligar — 20. Querer bem — 21. Seguir — 22. Andavam — 24. Concede — 25. Carinhoso — 28. Planta também chamada bacarija.



VERTICAIS: — 1. Preposição — 2. Temor — 3. Guri — 4. O mesmo que ligar — 5. Flecha usada pelos antigos turcos — 6. Lugar onde termina o fio do lombo do boi — 7. Gradeado com arame — 8. Sugai — 11. Amarga — 13. Via pública — 15. Partiam — 19. Curso de água natural (pl.) — 20. Afeição profunda — 23. Pedra do altar — 26. Ruim — 27. Isolado.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 40

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — arma — usar — paixoneta — ui — ira — ri — evo — tio — aranzel — ar — al — atassim — crê — ziv — ut — ata — re — belmandil — Ásia — almo.

VERTICAIS: — apué — raiva — mi — axi — una — Sé — atril — raio — Oran — orate — teliz — Ara — zás — artes — suta — mirim — cuba — velo — ama — Ana — li — DL.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — caiba — ias — Ubá — bananeira — ama — Sul — vê — ás — cai — ira — apaixonar — ais — bis — sábio.

VERTICAIS: — canaviais — asa — bué — abissínio — iam — aru — barca — nu — altar — Apa — ex — ras — Isa — Obi.

Cabêlo branco?

Orf-Léne

TINGE MELHOR
E NÃO MANCHA

ÓLEO DE VIOLÊTAS

POR SI SÓ!!
Limpa, amacia
e renova a cútis

Marca registrada. A venda nas Farmácias e Perfumarias AMÉRICO — 25-2837

suíço
e famoso no
mundo inteiro

RADO

o relógio de
confiança.

17 RUBIS
e fundo de aço
inoxidável.

A
CENA
MUDA

Uma revista ótima para os fãs do cinema.

PREÇO: Cr$ 4,00



NON PLUS ULTRA

finesse

a delicadeza transformada em cigarro

Na extensa faixa de areia branca:

NASCEU UMA CIDADE DE PEDRA:

COPACABANA

A origem do nome, segundo Laudelino Freire: observatório azul ★ «Não possui nem um cassino, nem um hotel balneário, nem uma hospedaria cômoda», dizia Gonzaga Duque ★ Um cargueiro enterrado ali no pôsto 2, sabia disso? ★ O mais antigo morador, a primeira pensão, o «Colégio Pitanga» e outros subsídios para a história da mais bela praia.

Reportagem de AÔR RIBEIRO

OPACABANA de hoje é radicalmente diferente da Copacabana de alguns anos atrás. Acabaram-se o silêncio, as pitangueiras e os cajueiros que dominavam àquela faixa de areia branca da zona sul. Da paisagem agreste e nativa, ficou, apenas, a parte mais próxima da praia. O restante foi ocupado por prédios de concreto. Os poéticos casebres de 1907 e 1910 desapareceram, dando lugar aos monstruosos arranha-céus. Assim, na larga faixa de areia branca, nasceu uma cidade de pedra. Cidade movimentadíssima, cheia de um colorido violentamente expressivo que o cimento armado não conseguiu apagar.

A ORIGEM DO NOME

Segundo mestre Laudelino Freire, Copacabana quer dizer observatório azul. «Copac», termo da língua quíchua, significa azul. «Cabana», expressão muito nossa, significa miradouro, observatório. Êsse curioso esclarecimento é digno de ser divulgado aqui porque muito pouca gente neste Brasil sabe a origem do nome.

HISTÓRIA VERÍDICA QUE O TEMPO NÃO APAGA

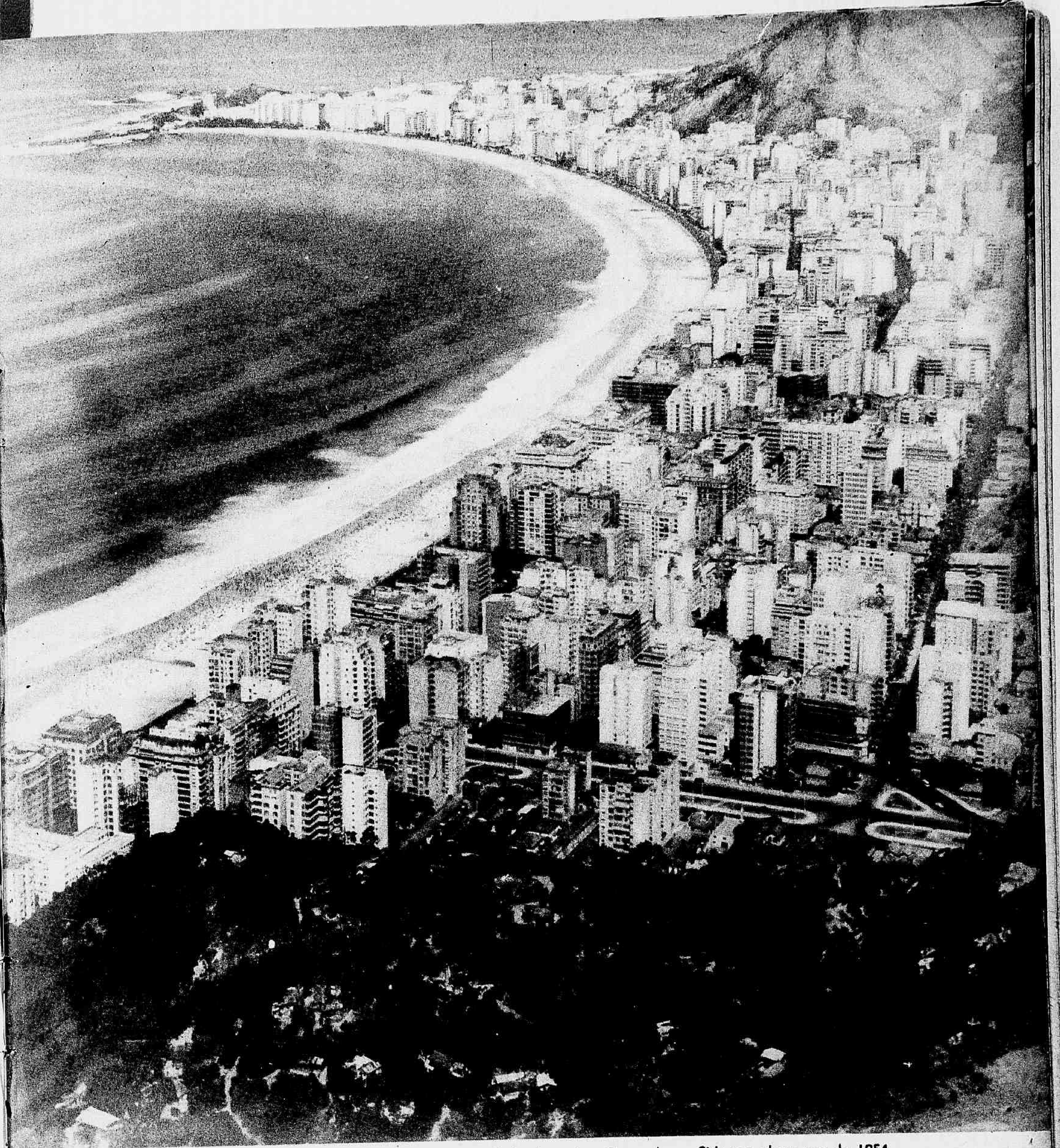
Na praia de Copacabana, em frente ao Pôsto 2, o mar, quando baixa, mostra aos curiosos um pedaço de roda de leme, restos de um veleiro inglês ali encalhado há cêrca de 35 anos.

A ponta enferrujada dessa relíquia impõe a presença do navio sossobrado que, recordam-se os moradores do Inhangá, ofereceu aos praieiros, com a sua lenta agonia, uma festa do espírito — o espetáculo da ressaca a rebentar mastros, vergas de estais, gurupés e querena. Transportava êsse barco, do sul para os portos do Setentrião, um pesado carregamento de milho. Êste espalhou-se pela orla da praia, bordou-a de caprichosos rendados de topázios, misturou-se com algas e apodreceu. Passaram-se os dias, passaram-se os anos. As vagas solaparam pouco a pouco a estrutura do navio, alargando-lhe as fendas. A areia procedeu a sua paciente tarefa de aniquilamento. Hoje, apenas resta um arcabouço atravancando na arrebentação e a sua roda de leme a surgir à flor das ondas, quando as águas retrocedem, na maré baixa.

Esta história, o repórter já havia escutado da bôca de Celestino Silveira em sua mesa de trabalho. Entre-



Copacabana de 1914 — Vista tirada do morro sobranceiro ao Pôsto 6 e ao Arpoador, recanto da Igrejinha. Começam a aparecer já os primeiros prédios de apartamentos.



Na extensa faixa de areia branca, nasceu uma cidade de pedra: Copacabana. Ei-la em pleno ano de 1954.

tanto, Celestino (que é carioca) aconselhou ao repórter a procurar um morador antigo de Copacabana para maiores detalhes. O repórter ouviu o romancista Théo Filho que ali mora há quase quarenta e cinco anos. A história verídica, que o tempo não apaga, narrada acima, foi precisamente como o romancista passou ao repórter.

GONZAGA DUQUE FALANDO DE COPACABANA NO PRINCÍPIO DO SÉCULO

«Os nossos patrícios — escrevia êle — citam com orgulho a Copacabana, sem dúvida afirmando que ela é a primeira praia do mundo. Mas até hoje ninguém pensou em fazer de Copacabana, distante uns trinta e tantos minutos do centro da cidade, uma praia de banhos (Se êle a visse hoje!). O que ela é, senhores, é um arrabalde à beira-mar, agradável; direi mais, um lindo arrabalde surgido das macegas, das restingas e da mata num abrir e fechar d'olhos e que, por ser naturalmente um encantador pedaço de terra carioca, pela barateza dos leilões dos seus terrenos, a Prefeitura Municipal concedeu a quem ali quizesse construir e pela crescente fama das águas oceânicas, se tornou cada vez mais povoado, graças à Companhia Jardim Botânico, que fêz trafegar para os melhores pontos da praia os seus carros americanos. Mas praia de banho na acepção particular dada a essa palavra, ela não é. Falta-lhe tudo e principalmente o caráter. Não possui nem um cassino, nem um hotel balneário, nem mesmo uma hospedaria cômoda».

Como lamentamos profundamente que Gonzaga Duque não esteja vivo para ver que a praia sem cômodos que êle criticava, hoje está muitos furos acima de «Palm Beach».

O COLÉGIO MAIS ANTIGO

É ainda o romancista Théo Filho quem afirma que o colégio mais antigo de Copacabana foi o «Colégio Pitanga», na Praça Serzedelo Correia, dirigido, quando da sua fundação, pelas irmãs Pitanga. Por êle passaram duas gerações de praieiros e muitos escritores e artistas de reputação nacional e internacional.

O repórter perguntou a Théo Filho, qual o edifício mais belo da antiga Copacabana. E o romancista num sorriso calmo explicou de pronto que um dos mais belos ali construídos já foi demolido há alguns anos. Ficava no Lido e nêle moravam os irmãos Bernardelli. Ao lado existia também o palacete de residência de Cláudio de Souza, e mais adiante a bela residência de Laudelino Freire. Convém lembrar — disse Théo — que quase no fim da praia, próximo a Igrejinha, possuia Edmundo Bittencourt uma bela casa há pouco também demolida.

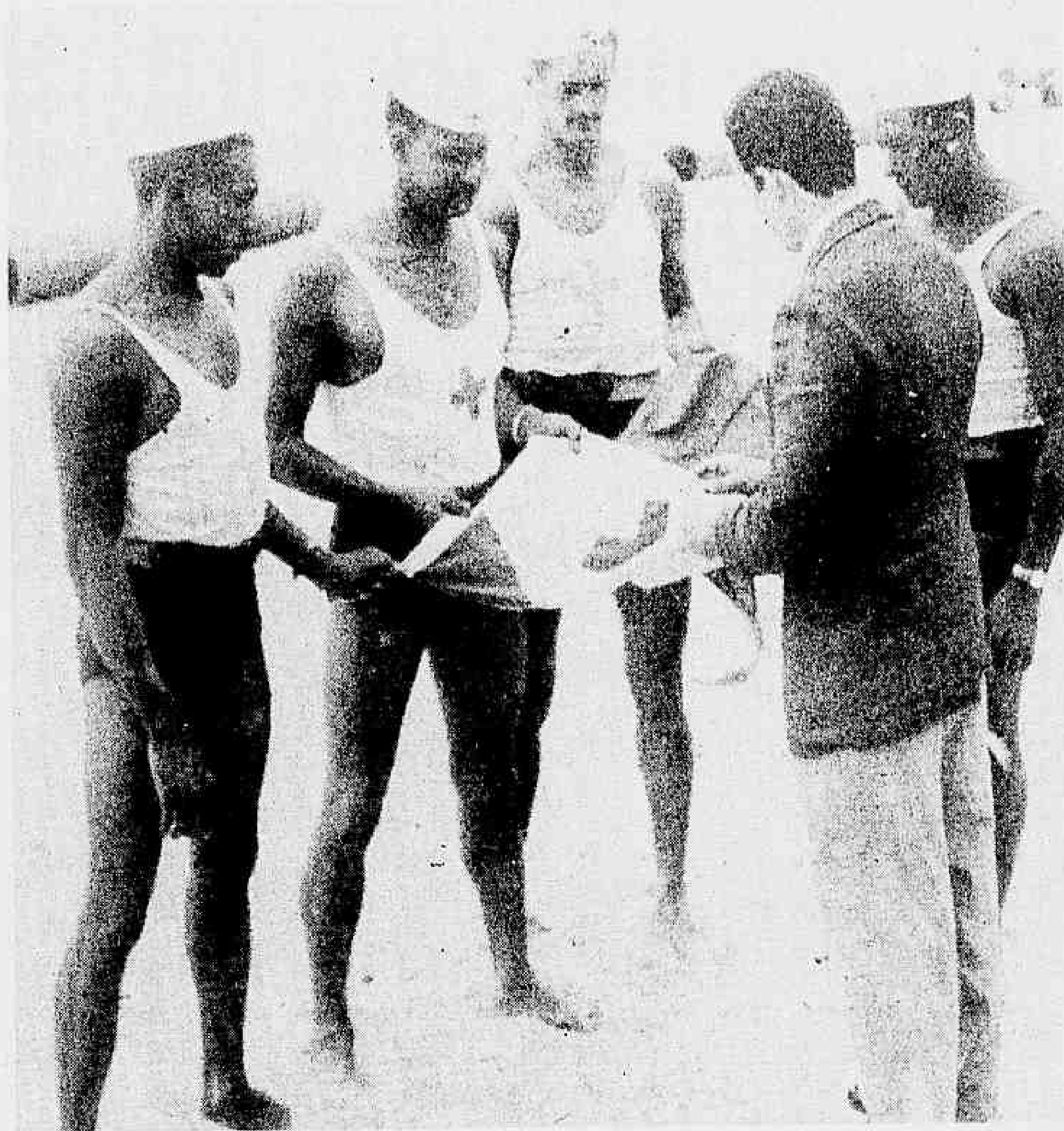
O MAIS ANTIGO MORADOR

O mais antigo morador de Copacabana, de que se

Copacabana



Walfrido C. Conceição, Francisco de Oliveira Lopes, Eliseu Moura de Oliveira e Mário Barbosa, 4 dos mais antigos «salva-vidas» de Copacabana.



Walfrido Carvalho Conceição conta ao repórter o significado das bandeirolas. «Bandeira vermelha, perigo de vida para os banhistas», — diz êle.

tem notícias, foi M. N. de Sá, que ali montou o primeiro cinema, na praça Serzedelo Correia, esquina de Siqueira Campos, num primeiro andar, sôbre a Confeitaria «Aubon Marché» também de sua propriedade. A praça chamava-se então Malvino Reis e a rua, Barroso.

O PRIMEIRO JORNAL

O primeiro jornal que circulou em Copacabana foi um semanário muito lido chamado o «Beira-Mar», dirigido por Théo Filho. O jornal era também propriedade de M. N. de Sá que o manteve por mais de 20 anos.

Depois da morte de M. N. de Sá, «Beira-Mar» que era exclusivamente dedicado as coisas de Copacabana, passou a ser propriedade de Faustino Nascimento, hoje Presidente do Tribunal do Júri, que lhe deu amplitude mas acabou desistindo da tarefa, por demais árdua.

As coleções de «Beira-Mar» são hoje raridades bibliográficas.

A PRIMEIRA PENSÃO

A primeira pensão que existiu em Copacabana foi a «Pensão das Janelas Verdes», depois «Pensão Beira-Mar» e por fim «Hotel Beira Mar». Era um imenso casarão caiado de branco, de dois pavimentos, cinco janelas verdes sôbre a praia, em cada andar, oitões compridos cravejados de janelas também verdes. A casa ficava no centro de um terreno ajardinado, e coqueiros farfalhavam ao longo de um campo, cercados de ficus. Pendiam do teto do terraço vasos de samambaias e cactus. A «Pensão das Janelas Verdes» foi a primeira que construiu banheiros de madeira para mudança de roupa. Havia uma tabuleta na porta do lado que dizia: «Dois mil réis a hora, por pessoa. Cinco mil réis por meio dia. A «Pensão das Janelas Verdes» é a única que aluga cabines em tôda esta redondeza».

Seus primeiros proprietários foram José Caetano e D. Brites.

OUTROS FATOS HISTÓRICOS

Antes de 1746 existia (propriedade dos Carmelitas) uma igrejinha que depois de 1918 foi desapropriada para a construção da Fortaleza de Copacabana. Em 1885 «A Luva» publicava uma crônica escrita ao pé da igrejinha. Da crônica o repórter anotou o seguinte trecho: «Em baixo, com curva cimitarra, rutila a areia alvíssima da praia, aos lampejos de um sol primaveril — fero dragão de aguda garra — estruje



Aspecto atual da Praça Sérzedelo Correia, a mais antiga de Copacabana. Aqui funcionou o 1º colégio e funcionou o primeiro jornal: «Beira Mar».



Aspecto atual da rua Siqueira Campos, a mais antiga de Copacabana, fica ao lado direito da Praça S. Correia e seu 1º nome foi Barroso.

ao largo, mas depois se espraia, enviando a terra uma canção gentil».

Em 1918, quando o Rio era sacudido pela epidemia da gripe espanhola, Copacabana foi o bairro que menos constatou mortalidade de gripados. Na «Pensão das Janelas Verdes», principalmente, ninguém morreu vitimado pela epidemia.

No começo do Século XVII existia, segundo Vieira Fazenda, uma imagem de Nossa Senhora de Copacabana na igreja de Santa Luzia. Essa imagem foi transferida, no fim daquele século, para a praia das Pescarias, sendo instalada uma ermida no alto do promontório, depois ocupado pela Fortaleza de Copacabana que ficou tendo muitas terras que lhe foram doadas: «100 braças de chãos largos e 200 de comprido em Sacopenqpan a B. S. de Copacabana» — afirma a doação de João Gomes de Pinna, feita em 1746.

A praia das Pescarias é hoje a nesga de terra do Pôsto 6.

Aliás convém explicar nesta reportagem retrospectiva, que, ante da praia ser batizada de Copacabana, compunha a zona conhecida por Sacopenupan ou Sacupenovan, corrutela, segundo Teodoro Sampaio e Vieira Fazenda, de Coco-apê-nupan, ou seja, «caminho batido dos socós». A etimologia era perfeitamente explicável: nas vizinhanças da Lagoa Rodrigo de Freitas existira, durante o tempo colonial o Engenho Nossa Senhora da Cabeça, todo cercado de canaviais.

A CIDADE MAIS COSMOPOLITA DO MUNDO

Hoje, Copacabana está transformada na cidade mais cosmopolita do mundo. Dakar, nas costas da África, muito fica devendo à nossa cidade praiana. Em Dakar não existe beleza, não existe honestidade, não existe trabalho. Conforme estatística que consultamos, Copacabana, de 5 anos para cá, se transformou na cidade mais cosmopolita de todo o mundo. Quase todos os estrangeiros de posses e posição, procuram o Brasil e vão se hospedar em Copacabana colaborando (por que não dizer?) assim para reforçar a cultura do povo local e fazendo progredir espantosamente o comércio. Mas não é sòmente o elemento estrangeiro que procura Copacabana para fixar residência. Os elementos nacionais também a procuram por uma «questão de vaidade». Procurando se alojar (bem ou mal) nos apartamentos da praia mais bonita do mundo, êles gozam o prazer de dizer para os amigos da província que residem ali.

Existem milhares e milhares de apartamentos em Copacabana e, como é natural, o valor locativo sobe de 5 em 5 anos de 80%. Eis porque se explica que Copacabana não é uma cidade de perdição, muito pelo contrário, é uma cidade onde residem famílias tradicionais (a família do romancista Théo Filho, por exemplo, que forneceu os dados para esta reportagem) e outras de grande respeito que levam a vida esportivamente, seguindo as conveniências e as modificações radicais do século XX.

A maioria dos moradores de Copacabana é influênciada pelos americanos que, em massa, procuram se alojar no recanto mais belo e mais saudável do Brasil. Segundo conseguimos apurar, 70% da população local fala corretamente, ou quase, o inglês americano (o inglês americano é completamente diferente do inglês de Londres). Qualquer menina colegial ou rapaz de escola primária conversa na praia, corretamente, o idioma de Franklin, o que vem provar cabalmente a influência americana sôbre os habitantes da praia mais bonita do mundo. E como Copacabana fala dia e noite o idioma de Tio Sam, veste, come e vive também à moda dêle.

Copacabana de nossos dias, bairro cosmopolita, cidade de pedra que nasceu sôbre uma faixa de areia branca, caravansará de tôdas as raças, adquiriu por tudo isso, e pelo surto de seus rasga-céus, uma significação universal. Nela o repórter vê Ulisses legendários que choram, vencidos, com saúdade da pátria e vê também um denso conglomerado de criaturas alegres que não sabem o que hão de inventar para melhor fruir os prazeres balneários. Nela tudo é novo, é gritante, é intencional.

Assim como o Mediterrâneo, no dizer de Ludwig, é a pátria da Humanidade, para onde o homem torna sempre, como ao ventre materno, assim como o Oeste brasileiro é o caminho do desbravamento das riquezas sonhadas pelos bandeirantes — assim Copacabana revela-se um imã oceânico: os entes que a povoam fixam o mar, com melancólica ansiedade, porque vieram de outros continentes, sejam africanos, latinos ou nórdicos, descendentes do homem de Neandertal ou do homem da Rodésia.

Os olhos da nacionalidade volvem-se sempre para o horizonte oriental porque o Brasil veio ao mundo de um milagre do mar. Copacabana e o sentido brasileiro voltado para as audácias da aventura marítima...

FALAM OS INTELECTUAIS:





● **JOSÉ LINS DO RÊGO (escritor nascido na Paraíba): «Tenho andado por muitas partes do mundo, mas tôdas as vêzes que regresso ao Rio de Janeiro e vejo Copacabana, tenho a impressão que remoço 10 anos, tal é a minha satisfação e a minha alegria».**



● **GASTÃO CRULS (escritor nascido no Rio de Janeiro): «Sou carioca e embora assassinando mortalmente a modéstia devo confessar que não troco a minha terra por terra nenhuma do mundo. Copacabana cresceu, cresce e crescerá sempre, a despeito de muitos dizerem ao contrário».**

● **EDMAR MOREL (repórter nascido no Ceará): «Se resido na Zona Sul é porque eu realmente gosto daquele lado. Viajei pela Europa, estive na Rússia, mas incontestàvelmente Copacabana é a praia mais bonita que conheço no mundo».**



● **R. MAGALHÃES JÚNIOR (jornalista nascido no Ceará): «Deus quando estêve no mundo passou por Copacabana e foi embora».**



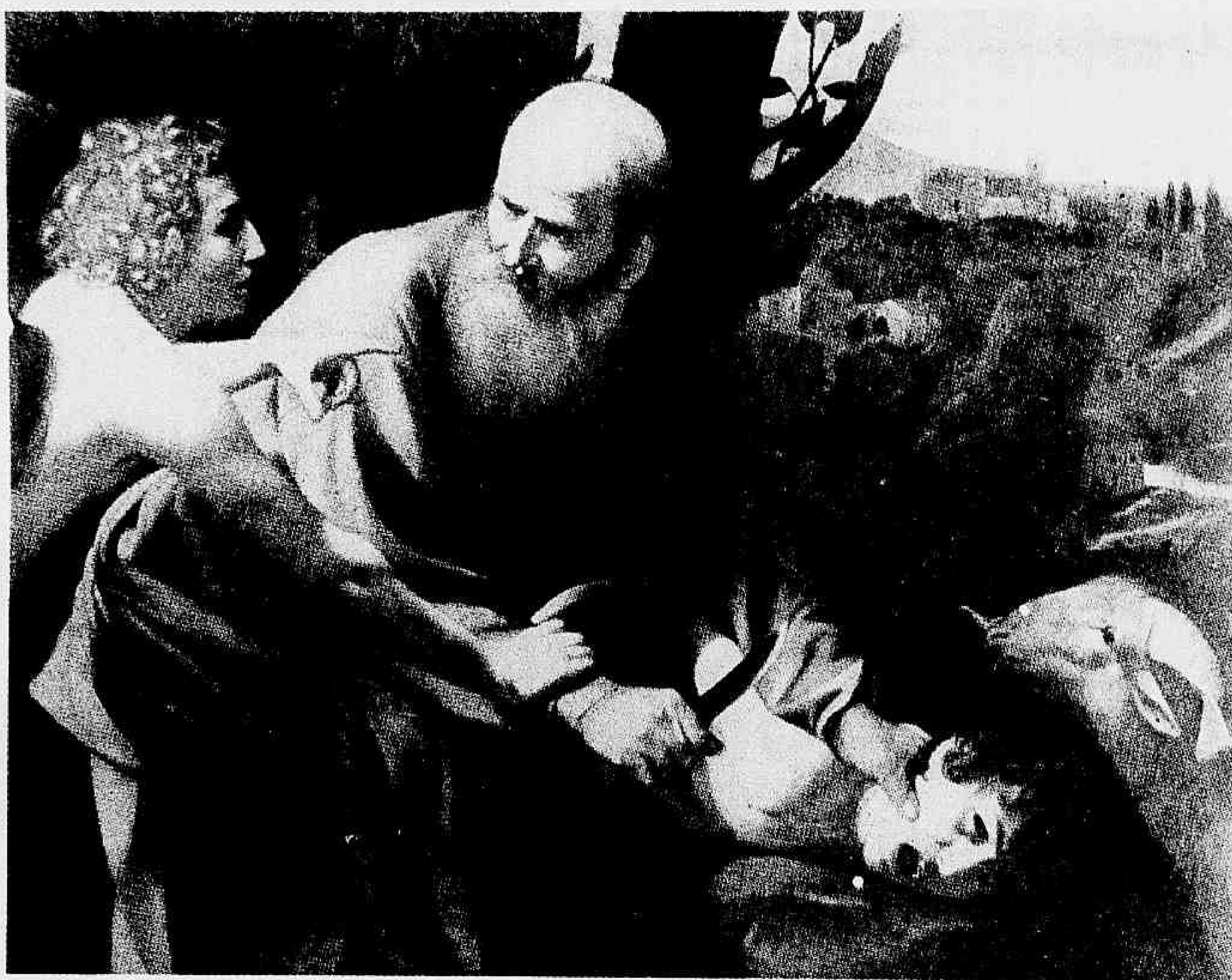
● **HERMAN LIMA (escritor nascido no Ceará): «Moro na rua Peri e sou do norte, mas vejo em Copacabana o retrato de um mundo encantado que às vêzes a gente põe dúvida sôbre a sua existência».**



● **FAUSTINO NASCIMENTO (escritor nascido no Ceará): «Copacabana progrediu violentamente, tornou-se uma praia frequentada por franceses, inglêses, italianos, alemães, americanos, etc., mas não há perigo, ela pertence ao Brasil e existe no Rio de Janeiro».**



● **THÉO-FILHO (romancista nascido no norte, mora em Copacabana a 40 anos): «Copacabana é um pecado do céu, um reflexo babilônico, um espelho de Ninive; uma miniatura de tôdas as metrópoles, o refúgio de todos os criminosos, a alegria e a tristeza de tambores, reco-recos, violas, cuícas, pandeiros, tantans. O banho de Copacabana é o batismo da civilização à beira de uma caverna de 40 mil ladrões».**



MICHELANGELO MERISI DA CARAVAGGIO — SACRIFÍCIO DE ISAAC

TEXTO DE
BERNARDO LUDEMIR

O SÉCULO XVII NO RIO

GRANDE EXPOSIÇÃO DE ARTISTAS BARROCOS ITALIANOS INAUGURADA NO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES ★ A IRRADIAÇÃO DO BARROCO NO MUNDO ★ O DUELO REALISMO-ABSTRACIONISMO ★ ATUALIDADE DO REALISMO

Flagrantes da inauguração da Exposição, quando falava o ministro da Educação, vendo-se, ainda, o embaixador da Itália e o diretor do M.N.B.A..





FOI inaugurada, no Rio, uma das mais importantes exposições de pintura já realizadas na Capital da República. Cnclui 115 obras, de pintores italianos do século XVII, que marcaram uma fase nova nas artes plásticas no mundo, introduzindo e consolidando a tendência do barroco. São seus representantes principais, Caravaggio e Tiepollo. Os outros artistas expostos são Matia, Preti, Caracciolo, Carracci, Lanfranco, Pietro da Cortona, Bacicio, Luca Giordano, Giuseppe Maria Crespi, Solimena, Piazetta, Guardi, Canaletto, Rici Bazzani e Belotto. A exposição veio ao Brasil, num esfôrço de cooperação do Govêrno italiano com o movimento de intensificação artística que se desenvolve entre nós. Foi apresentada, antes, em São Paulo e só cariocas e paulistas terão a oportunidade de ver obras tão importantes para compreensão da arte do século XVII.

Tem ela registrado, em presença, no Rio, o «record» de mais de 1.000 pessoas por dia, ou sejam, mais de 100 visitantes por hora.

Foi o barroco um movimento que surgiu depois da Renascença, visando abafar o maneirismo academisante, cujas tendências se arraizavam, depois da grande revolução introduzida pelos mestres renascentistas. A revolução transformava-se em academia e desligava-se, a arte, cada vez mais, da realidade.

Os artistas que se chamaram barrocos, tendo como principal representante Caravaggio, trouxeram uma renovação na forma, na técnica e na idealização do quadro. Sairam do formalismo idealista da Renascença para se ligar ao povo, através da representação de temas populares e da representação realista da figura humana.

Queriam, os barrocos, de um certo modo, a execução de uma pintura que tivesse a harmonia de Rafael, o dinamismo de Miguel Ângelo, a pureza de Corregio, o movimento de côr dos venezianos. Ao lado disso, uma ligação com a realidade. Caravaggio tomou como modêlo de muitos dos seus quadros, homens do povo. Os barrocos tiveram, ainda, uma ligação profunda com as escolas realistas dos séculos XV e XVI.

IRRADIAÇÃO NO BRASIL

Grande influência teve sôbre o mundo e irradiou-se, principalmente, o barroco italiano, não só por tôda a Itália, o que não aconteceu com a Renascença, mas, principalmente, por vários países da Europa, onde sua integração foi mais autêntica, como na Espanha, onde surgiram El Greco, Murilo e Velasquez. Na Holanda, com Rubens e Rembrandt. Na Arquitetura, criou um estilo que se expandiu pelo mundo.

● No Brasil, a arquitetura colonial foi barroca e pela sua concepção, adaptada a novas condições da realidade social, projetou-se em grande importância, no mundo. Das melhores coisas barrocas, são nossas igrejas e outros edifícios, da Bahia, de Ouro Prêto, de Pernambuco. O estilo colonial brasileiro foi da melhor qualidade



GUIUSEPPE MARIA CRESPI (Lo Spagnolo) — FAMÍIA

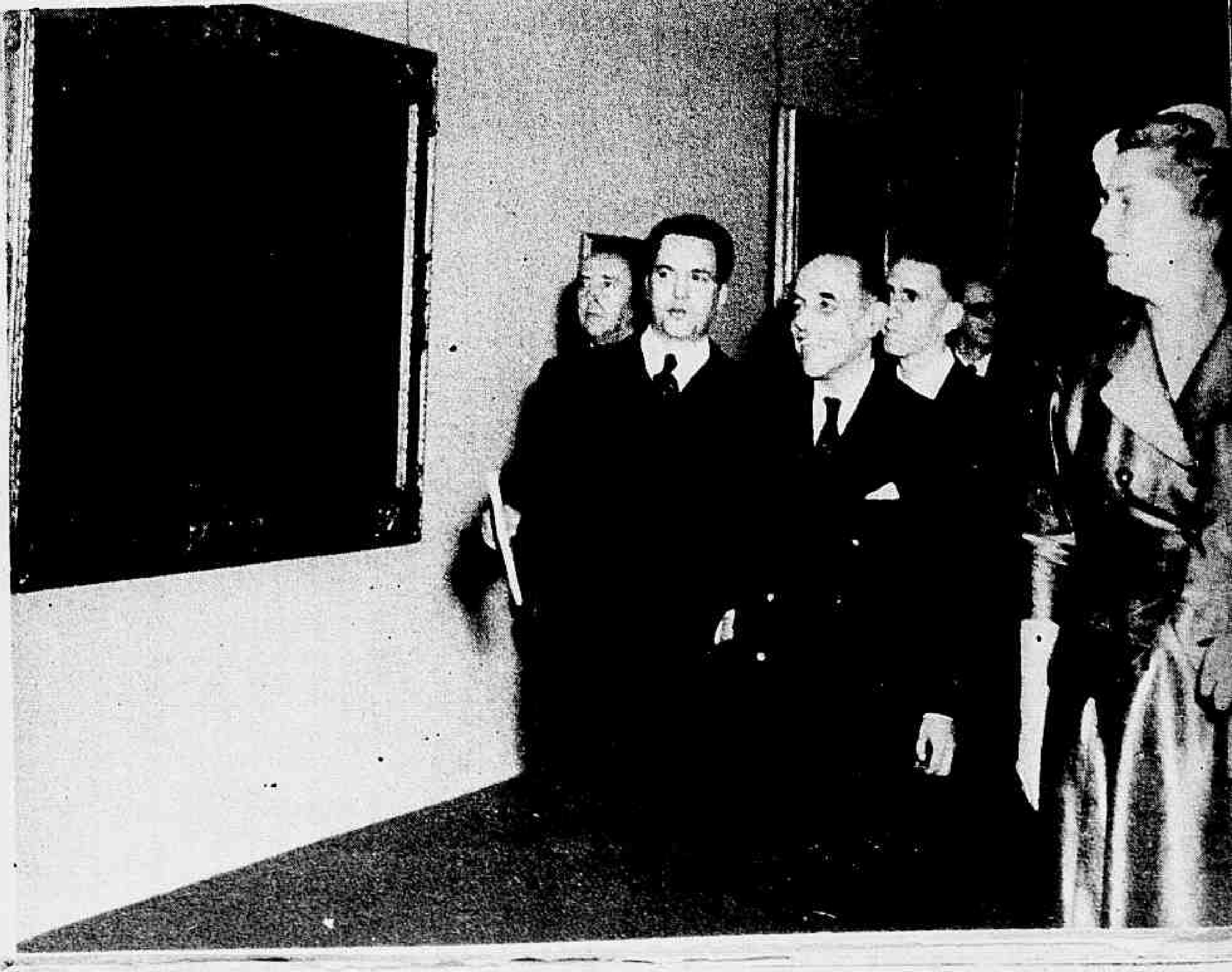
ATUALIDADE DO REALISMO

Sendo o barroco uma escola essencialmente realista, atribui-se uma importância ainda maior à exposição de «Carravaggio e Tiepollo». No momento atual, surge em todo o mundo uma reação contra o abstracionismo, no sentido de volta da arte à realidade social e à figura. Entre nós, quando os jovens pintores criam-se com uma tendência forte para o abstracionismo, a exposição barroca poderá significar uma pedra de choque e parada na revolução tão defendida pelo sr. Mário Pedrosa. Por isso, tem tido a maior repercussão, como confronte de idéias depois da tendência inversa revelada na última bienal de São Paulo.

Seus resultados, surgirão, certamente, depois, tentando ressurgir no Brasil, a atualidade do realismo nas artes plásticas.

entre outras pessoas que compareceram ao ato. O mundo elegante e artístico compareceu ao «vernissage» da mais importante mostra de pintura do Rio.





BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME........................

RUA.................. Nº.....

CIDADE......................

ESTADO......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

CABELOS BRANCOS só tem quem quer

JUVENTUDE ALEXANDRE

USA E NÃO MUDA, quem os não quer



WINDSOR HOTEL

RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Endereço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

Veja páginas 20 e 21

VOCÊ ME CONHECE ?



1) Greta Garbo



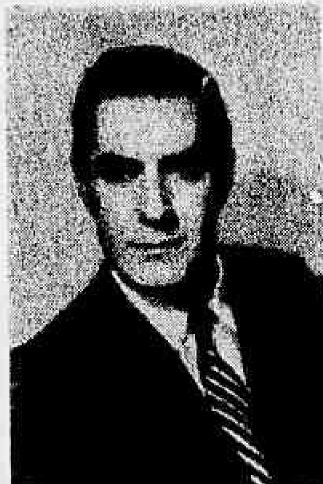
2) Annabella



3) Rita Hayworth



4) Gary Cooper



5) Tyrone Power



6) Gregory Peck



7) Danielle Darrieux



8) Michèle Morgan



9) Veronica Lake



10) Marlene Dietrich



11) Marina Vlady

MARIA

(Cont. da página 33)

— Queremos que seja daqui a oito dias. Se fôr bem pensado, será assim. Em casa madrugaremos, e não parando, chegaremos ao povoado assim que nascer o sol. Saindo daqui às cinco, nos alcançarão chegando. E como o senhor cura terá tudo pronto, despacharemos cedo. Luísa é inimiga de festas, e as moças não dançam. Passaremos pois, um domingo como os outros, com a diferença que vocês nos farão uma visita. E na segunda-feira, cada um no seu serviço. Não é melhor assim?

— Sim, disse eu, e Transito irá a pé ao povoado?

— Eh, exclamou José.

— Então como? — perguntou ela admirada.

— A cavalo. Os meus não estão aí?

— Sim, e eu acho melhor ir a pé. Quanto a Lúcia, tem até mêdo dos animais...

— Mas por quê?

— Na província, só os brancos andam a cavalo, não é pai?

— Sim, e os que não são brancos, só quando ficam velhos.

— Quem disse que você não é branca? — perguntei a Transito. E branca como poucas

A moça ficou muito corada e respondeu:

— Refiro-me às pessoas ricas, às senhoras.

José, assim que foi cumprimentar meu pai, despediu-se, prometendo voltar à tarde, apesar de nossa insistência para que ficasse a fim de jantar.

Às cinco, como a família saísse para acompanhar Transito até a beira da montanha, Maria, que ia ao meu lado, dizia:

— Se tivesses visto minha afilhada com o traje de noiva que eu lhe fiz, certamente a acharias linda.

— E por que você não me chamou?

— Porque Transito se opôs. Tivemos que perguntar a mamãe o que dizem e o que fazem os padrinhos nas cerimônias.

— Realmente, e os afilhados nos ensinarão o que respodem aquêles que se casam.

Nem os olhares e nem os lábios de Maria responderam a esta alusão a nossa futura felicidade; permaneceu pensativa enquanto andávamos o curto trecho que nos faltava para chegar à margem da montanha.

Ali se achava esperando Bráulio por sua noiva, adiantando-se risonho e respeitoso para saudar-nos.

— A noite já vem chegando, disse Transito.

Os montanheses despediram-se de nós carinhosamente. Há já algum tempo que haviam se internado pela selva, quando ouvimos algumas cantigas cantadas pela boa voz de Bráulio.

Depois de nosso diálogo, Maria não havia voltado a se mostrar risonha. Inùtilmente tratava eu de ocultar-me a causa — bem a sabia, para meu mal. Ela pensava, ao ver a felicidade de Transito e de Bráulio, em que logo iríamos nós dois nos separarmos, e que talvez não nos voltássemos a ver. E tudo, possìvelmente, por causa da enfermidade que havia matado sua mãe. Eu não me atrevia a perturbar seu silêncio.

Descendo as últimas colinas, Juan, a quem ela levava pela mão, disse-me:

— Maria quer que eu seja guapo caminhando, e no entanto ela está cansada.

Ofereci a ela, então, meu braço, o que até agora não tinha podido fazer por atenção a Ema e minha mãe.

Estávamos já a pouca distância da casa. Iam-se apagando as luzes da tarde, e o sol declinava no ocidente. A lua, levantando-se em nossas espáduas, à medida que nos afastávamos da montanha, projetava as inquietas sombras dos salgueiros no jardim pàlidamente iluminado.

(Cont. no próximo número)

CRÔNICA

O QUADRO NEGRO

● A Livraria José Olímpio Editôra acaba de publicar o romance «O Quadro-Negro», de Ernani Satiro, com que o autor paraibano marca a sua estréia no livro e no romance. Escolhendo embora para cenário de seu livro o ambiente provinciano em que se formou, Ernani Satiro, entretanto, não realizou pròpriamente um romance de costumes, ou de sentido regionalista, mas uma história humana carregada de paixões, sentimentos contraditórios, conflitos e desenganos. O espaço, o meio físico e paisagístico são elementos relativos para o autor de «O Quadro-Negro». Sua preocupação maior é a sondagem psicológica e emocional, o delineamento artístico dos personagens mais em evidência, o estudo meticuloso de suas reações, gestos ou atitudes. Daí o valor maior de seu livro, a profundidade mais intensa de vida que se observa em suas páginas, a superação do transitório dos costumes pela constante psicológica dos sentimentos elementares. Escrito na primeira pessoa, sob a forma de um diário, «O Quadro-Negro», entretanto, não revela apenas um romancista nato. O escritor, o manejador da língua também sai engrandecido dessa tarefa de criação artística. Um estilo sóbrio, espontâneo e conduzido pelo bom gôsto, serve a um romancista que estréia senhor de todos os segredos e recursos do ofício, capaz por isso mesmo de ir ainda muito além do que já demonstrou nessa primeira obra. Por tôdas essas razões, não será difícil prever uma acolhida vitoriosa para o novo romancista que nos chega do nordeste, que ainda não se cansou, ao que parece, de oferecer-nos dessas felizes e reconfortadoras surprêsas literárias

ANTÃO PEDROSO

NOTICIÁRIO

Da Editôra Vecchi, mais dois livros destinados a grande sucesso popular: «Umbigo de Adão», de Pitigrilli e «Aventuras do vaqueiro brigão», de Joscelyn.

★

Adalzira Bittencourt, num bem editado volume de «Livros de Portugal», apresenta um estudo completo sôbre as «Mulheres paulistas na História». Há conhecidas e desconhecidas.

★

Anuncia-se que Mário Quintana publicará um novo livro de poesias.

★

João Cabral de Melo Neto teve sua obra reunida num só volume em bela edição «Orfeu».

★

«As amargas, não», é o título do livro de lembranças e memórias com que Álvaro Moreira retorna ao seu público.

«Quando os deuses amam» é uma peça do sr. Licurgo Cardoso. Começo da fala de um dos personagens: «Como aluna universitária do Curso de Filosofia e seguidora dos reformadores do pensamento humano, não poderia concluir de outra maneira o teu pensamento sôbre a origem de Deus e das religiões, Maria Alice». E por aí vai...

★

O sr. Campos de Carvalho publica «Tribo». Logo à primeira página afirma: «Meus irmãos são Nietzsche, Sthendal, Lautreamont, César Borgia e Gilles de Rais. (O Marquês de Sade era meu tio). São vários meus primos: Leautaud, Casanova, Byron, Fernando Pessoa, Montaigne, Andreiev, Aloysius Bertrand e tantos outros cuja lista é maior do que eu mesmo quisera». E' ver para crer, como diria maciamente o «primo» Leautaud.

★

Elisa Lispector publica um novo romance, que recebemos e sôbre que diremos oportunamente nossa opinião.

Entrevista Imaginária com

ÉRICO VERISSIMO



— Encontramos o escritor por acaso, numa Livraria de Washington.

— Que faz agora? — perguntamos.

— Trabalho num vasto painel em cinco volumes.

— Assunto?

— A História Americana desde os tempos de Buffalo Bill.

— Técnica nova?

— Retomo o ponto de partida de "Caminhos Cruzados". São vários destinos através do tempo.

— ...

— E a "Paramount" já está em estudos para filmá-lo. O diretor, sem dúvida, será Cecil B. de Mille.

O QUE ÊLES DIZEM...

● **NO BRASIL:**

Octávio de Faria: «O que Lawrence prega, na verdade, não é senão um evangelho de «libertação sexual, um completo abandono ao erotismo — coisa de há muito praticada e consagrada pelo mundo moderno».

Eneida: «Se há um título para coroar a cabeça de Alvaro Moreira, eu proporia êste: um homem».



E Alvaro Moreira: «Creio sem nehuma presunção que sou o homem mais amigo que existe debaixo do sol e da lua e de tôdas as estrêlas».

Cecília Meireles: «O mundo é pequeno para os encontros, mas longos para as viagens».

Raimundo Magalhães Júnior, afirma, na aliança político-teatral que exerce: «Artur Azevedo — Não tenho dúvida que estaria conosco, na defesa da exploração do petróleo pelo Brasil e para os brasileiros».

● **NO ESTRANGEIRO:**

Kinsey, a uma dama que lhe perguntava: «Como explica o número elevado de divórcios? E êle: «Muito simplesmente, pelo número elevado de casamentos».

André Roussin foi ver sua peça «Helena» representada na Grécia. Chegando, indagou ao diretor se já havia lugares encomendados. «Sim, um só». «Quem?» O diretor informou: «Um francês chamado Marcel Achard».

Alguém interrou a Braque: «Aprecia a arte concreta?» E êle: «Aprecio mais a arte discreta».

Jean Paulhan cumprimentado Charles Duits, autor do «Máu marido»: «Você espera — e isto é muito bom — ver seu livro comprado por tôdas as espôsas francesas que se aborrecem em casa. Li num jornal que elas representam 88% das pessoas que lêem. Gosto de que jovens romancistas se preocupem de vez em quando em arranjar leitores — isto está se tornando tão raro».

François Brigneau sôbre o livro de Moravia, «A provinciana»: «Êle passa de Kafka a Vittorio de Sica sem deixar de ser êle próprio».

De 1920 a 1954

A MATURIDADE DO "TENENTISMO"

Comemoração de 35 anos — Lições da História — O fracasso da revolução — Continuidade de Vargas — A turma de 1919 — Dados e outros detalhes — Concluindo

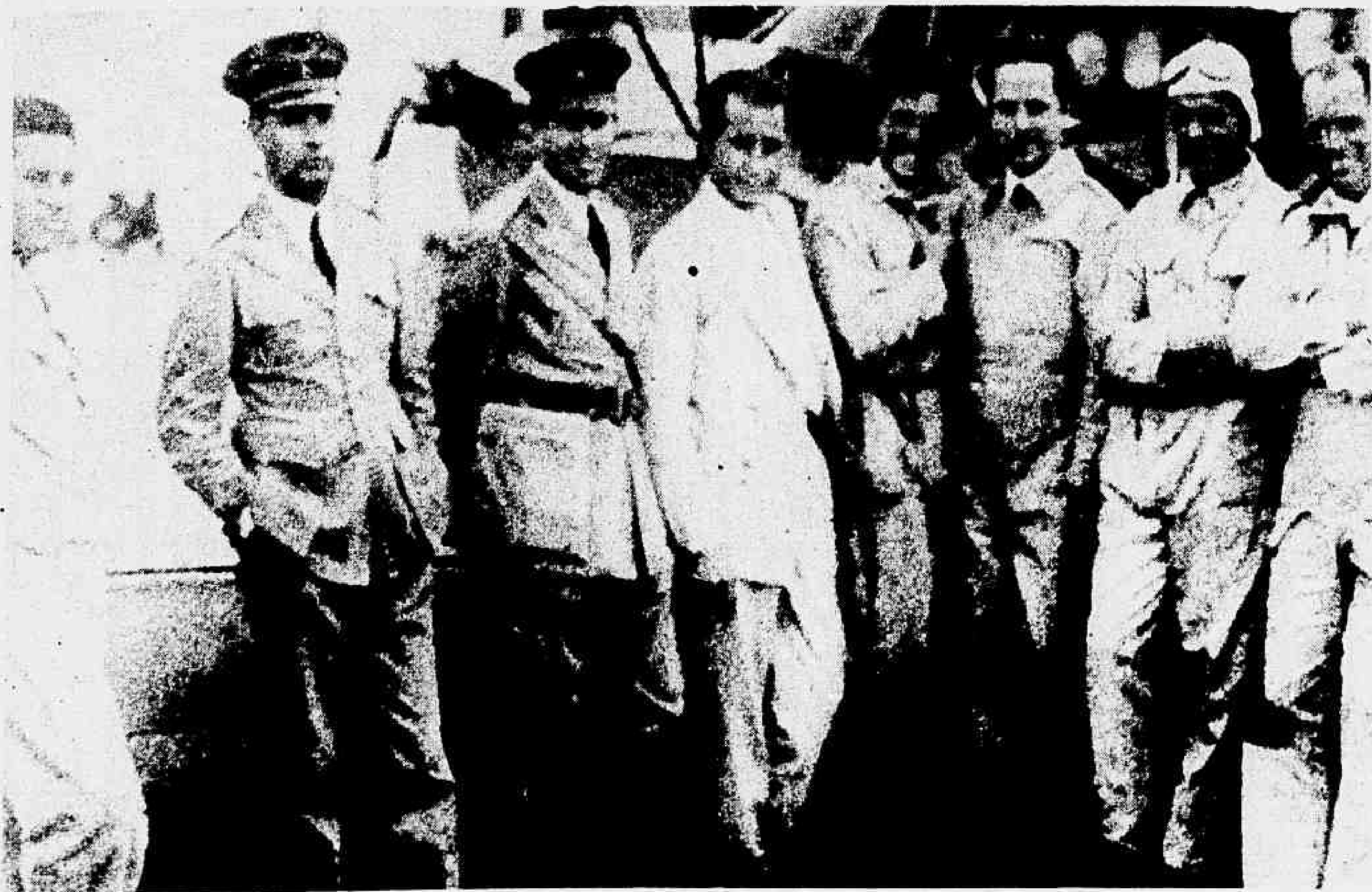
Por BERNARDO LUDEMIR

DENTRO em pouco reunir-se-ão numa festa comemorativa, aquêles que integraram a turma de aspirantes do Exército durante o ano de 1919. Acreditamos que isto é um motivo para relembrar não só os de 19 como os de 20, todos êles dos mais altos representantes que a vida militar já deu à vida pública do país.

*

Para muita gente, e especialmente para quem se recorda do livro básico de Virgílio de Melo Franco, «Outubro, 1930», a revolução que então cristalizava-se na figura ainda moça e surpreendente de Vargas, vinha de mais longe; vinha dos primórdios de 1919, de 20 com aquela turma de «tenentes», cujo movimento, verdadeiramente ascencional, recebeu desde logo o nome de «tenentismo». Foi a época em que o «tenentismo» se viu discutido de todos os modos, sintetizado no episódio ímpar dos Dezoito do Forte, ponto de explosão, que para muita gente podia ter encerrado apenas um período subversivo, um movimento militar sem importância, como tantos outros pequenos movimentos militares da nossa História, mas que na verdade, e para os que sabiam distinguir através da névoa dos fatos a lição do futuro, um ponto de partida, o nascimento de qualquer coisa, uma visão nova que talvez viesse enquadrar o Brasil, nos seus justos destinos políticos.

Rememoremos um pouco. Estamos exatamente no instante de pausa que foi o govêrno Washington Luís, quando tudo na atmosfera reclamava a anistia. Os tenentes dispersos, não pareciam representar mais uma fôrça ativa. Ora, a anistia não veio. Em lugar dela, com todo o ímpeto de uma idéia nova, surgiu a Aliança Liberal, e como tôda idéia nova e de oposição, congregou em seu bojo todos os valores e elementos dispersos pelo govêrno. Assim é que vieram se encontrar em seu vortice aquilo a que poderíamos chamar de elementos antagônicos — Epitácio Pessoa e os «tenentes», João Pessoa e Antônio Carlos — e



Eduardo Gomes no tempo em que tudo começou. Ainda era bem moço, mas já se destacava entre seus companheiros. E' fácil reconhecê-lo, um pouco aparte, com ar indefectível que ainda conserva.



Juarez na aurora dos acontecimentos. Sem dúvida estava longe de prever a preponderância que teria em tantos acontecimentos decisivos.

até mesmo, porque não, Getúlio Vargas. Aos «tenentes» desorientados, premidos pela experiência do cárcere ou pelo fragor dos ideais fracassados, qualquer revolução servia, desde que fôsse a revolução. Não sabemos hoje, passados tantos anos, se foi realmente a arremetida de Getúlio Vargas quem o trouxe às portas do Catete — ou se então êsse outro poder obscuro e sempre latente nas veias de nossa vida política, o poder vigilante do espírito militar que mais do que um espírito guerreiro, tem sido, ao contrário do que sucede com outros povos, um espírito medianeiro e de previdência, um escopo da manutenção de nossas melhores qualidades cívicas e morais.

● O FRACASSO DA REVOLUÇÃO

Levada até o poder por essa imensa onda de prestígio que a revolução havia conquistado em todo o Brasil, não teve ela porém o dom de continuar catalisando o entusiasmo geral. Talvez porque em seu bôjo já se delineasse a figura de Getúlio Vargas, desde os primórdios, tentando centralizar em tôrno de sua pessoa, os interêsses e as lutas políticas dos partidos. Ou talvez, para não sermos taxados de injustos, por um golpe de excessiva boa fé — porque, por exemplo, julgassem os «tenentes», que conduzido a termo, também estivesse pràticamente levado a efeito a obra de saneamento. Ou ainda por um dêsses mil intricados motivos que não nos é possível analisar no teor de uma simples reportagem, mas que condicionam todos os elementos fortuitos ou positivos da vida de então. A verdade é que os «tenentes» desapareciam. Vislumbramos desde já alguns dêsses destinos, consumados ou tão comprometidos que pràticamente poderiam ser dados como consumados, Carpenter por exemplo, tombado na arrancada inicial dos Dezoito, Luís Carlos Prestes, abraçando-se à bandeira do comunismo — alguns outros — e entre todos êles, como um símbolo dessa fôrça que deixava simplesmente de ser militar para ser civil e nacional, João Pessoa, figura de mártir e de profeta.

● CONTINUIDADE DE VARGAS

Poder-se-á verificar um fenômeno hoje, já que a relativa distância nos garante uma visão mais perfeita dos fatos. Pouco a pouco, e denunciando a origem de onde



Alencastro Guimarães é da turma de 20. Depois de 30, andou algo desviado do espírito do «tenentismo». Agora, terá voltado à sua origem?

tinha vindo (o espírito político caldeado nas lutas de Epitácio, de Bernardes, de Washington Luís, todos êles com seus altos e baixos, mas representando nitidamente a decadência das fôrças democráticas do Brasil) Vargas ia regressando ao seu ambiente, próprio politicando, estabelecendo conchavos, continuando. A política do continuismo estabelecer-se-ia como sua única política. Qualquer movimento no interior das fronteiras, qualquer agitação exterior, comunismo em nosas esferas íntimas, primórdios de guerra no cenário mundial, tudo serviria a êste homem para fazer girar os ponteiros de sua balança de continuidade. Enquanto isto, os «tenentes» recolhiam-se à sombra, dispersavam-se. Os que não se ocultavam num significativo silêncio, aderiam à vida pública, aturdidos ou não, mas deformados pelo espírito de Vargas. Os nomes não valem a pena ser relembrados senão em conjunto. Não queremos tirar dessas rápidas conclusões um julgamento, nem uma condenação de ninguém. Nosso intuito é fazer sobresair êsse espírito do «tenentismo» que representou o impulso inicial, a fôrça desvirtualizada pela sugestão da presença de Vargas. Em conjunto, os leitores poderão avaliar melhor do que nós — e só aí julgar se estamos ou não com a razão.

● A TURMA DE 1919

Os 51 oficiais da turma de 1919 que ainda estão na ativa, oscilam hoje do Exército para a Aeronáutica. Se vários se transferiram do Exército para a nova arma do Ar, muitos permaneceram na carreira primitiva. De qualquer modo, são êles:

Generais: Cordeiro de Farias, Juarez Távora, Danto Teixeira, Fernando Távora, Adalberto Albuquerque, Eduardo de Carvalho Chaves, Rômulo Colonia, Aurélio Ferreira, Oscar Rosa. Nestor S. de Oliveira, Floriano Peixoto Keller, Sadi Folch, Jandir Galvão, Nelson Sena Dias, Pery Fonseca, Joaquim Alves Bastos, Nestor Penha Brasil, Augusto Correia Lima e Bandeira de Melo. Brigadeiros: Ajalmar Mascarenhas, Vasco Alves Sêco, Armando Ararigboia e Carlos Brasil.

Coronéis: Nelson Marinho, Osvaldo Melchiades de Almeida, Maurilo Monteiro Pereira da Cunha, Frederico Augusto Rondon, Alcebíades do Amaral Braga, Ivano Gomes, Armando Pereira de Andrade, Altamiro da Fonseca Braga, Aristóteles de Lima Câmara, Nabor Augusto Ribeiro, Pedro Luís Monteiro de Barros, Júlio Teles de Menezes, Valdemar Pio dos Santos, Elias Americano Freire, Felinto Abaeté Cavalcânti, Wicar Parente de Paula Pessoa, Wladmir Aranha Meira Vasconcelos, Archimino Pereira, Paulo Joaquim Lopes, Fernando de Carvalho Nunes e Djalma Ribeiro Cintra.

● OS GENERAIS

Por arma, são atualmente generais: Infantaria, 5 de 27 aspirantes; Cavalaria, 4 de 11; Artilharia, 13 de 90, sendo que 4 estão na Aeronáutica; Engenharia, 4 de 16. Ao todo, 26 generais.

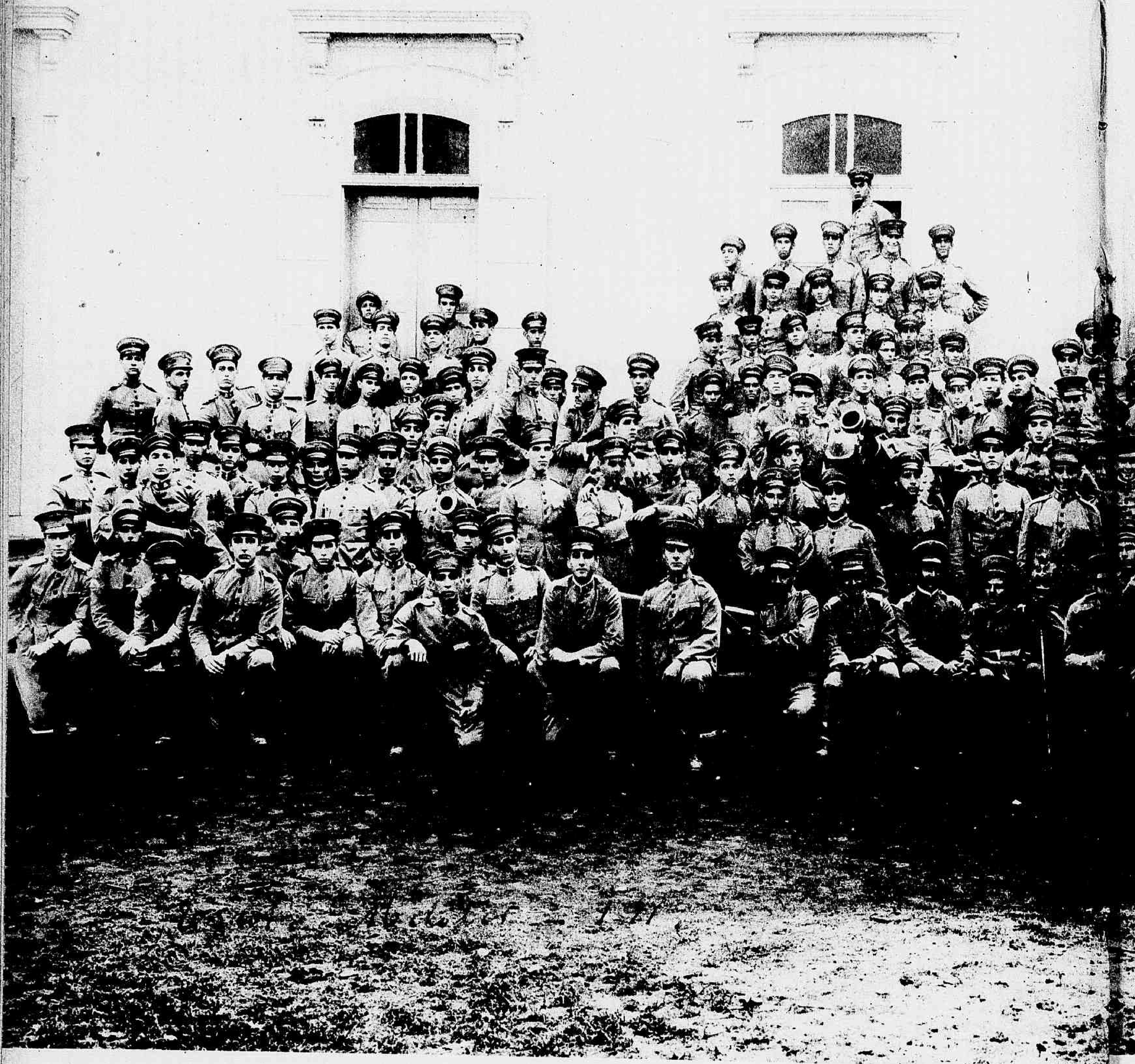
● RESERVA

Estão na reserva:

Da Infantaria: Domingos Neto Velasco, hoje senador da República; Carlos Menna Barreto Monclaro; João Gomes Monteiro; Laureano Gomes Monteiro; Juarez Rabelo Sampaio; Heitor Lobato Vale; Rinaldo Pereira da Câmara; Sabino Maciel Monteiro de Matos; João Maciel Monteiro de Matos; Benjamim Constant de Magalhães Almeida; Albino Gonçalves Carneiro; Berzelius Veloso Figueira; Florêncio José Carneiro Monteiro.

Cavalaria: Osmar Palissant; José Thomé Xavier de Brito; Oscar Furtado de Azambuja; Arthur Carnauba; Aderbal de Campos Silva; João Pedro Gay.

Artilharia: Heraldo Filgueiras; Luís Celso Uchoa Cavalcânti; Leo Henrique Cavalcânti de Albuquerque; Amauri Gentil de Araujo; Henrique de Castro Neves Terra; Adir Guimarães; Carlos Amoreti Osório; Fernando Bruce; João Evangelista de Carvalho Saião Lobato; Pedro Marques da Costa; Valdemar da Costa Seixas; Alexandrino Pereira da Mota; Geraldo da Camino; Heitor Bianco de Almeida Pedroso; Aureliano Luiz de Faria; Alcides Paulino de Franca Veloso; Edgard Baena; Ciro Nole de Ataíde; Edgar de Albuquerque Alves Maia; Roberto Ramos de Oliveira; Carlos Fabrício Silva; Otávio Coelho da Silva; José Liberato da Cruz.

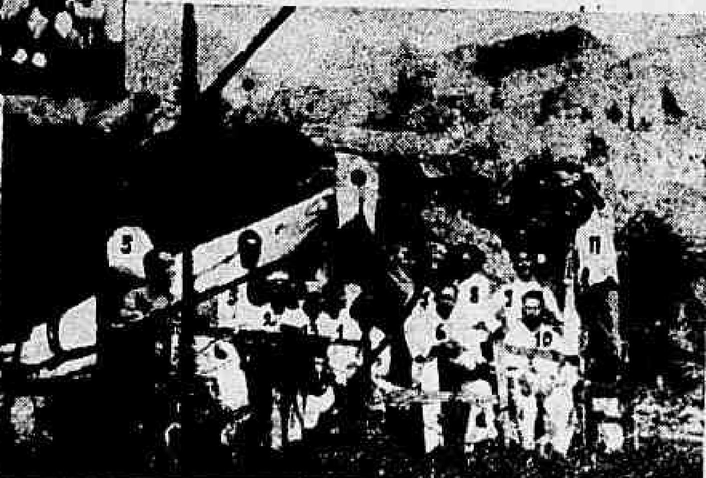


O «tenentismo» foi gerado na Escola Militar nas turmas de 1918-1919 e 1920. A foto mostra essas três turmas (Artilharia) reunidas. Nela, figura



O Exílio de JUAREZ TAVORA





Barroso; Rogério de Albuquerque Lima; Adalberto Araripe da Rocha Lima; Euclides Sarmento; Moacir da Costa Seixas; Paulo Rosas Pinto Pessoa; Canrobert Benn Lopes Costa; Antônio Tibúrcio A. E. Souza; Floriano Peixoto Torres Homem; Eduardo de Souza Mendes; Luís Braga Muri; Oscar Palmério de Escobar; Caetano Horizontino Cotrim Duarte Silva; Francisco Pereira da Silva; José de Souza Carvalho; Samuel Ribeiro Gomes Pereira; Francisco Cavalcânti de Albuquerque; José Brito e Silva; Uriel Sérgio Cardim; Gilberto Duque Estrada Maia.

Engenharia: Lodargiro Martins de Oliveira; Euripes Teófilo de Serpa; João Tavares de Melo; Herculano Gomes; Raul Miranda Leal; Hercílio Bitting de Campos; Luiz Felipe de Albuquerque.

● OS PRIMEIROS COLOCADOS

Foram os seguintes os primeiros colocados nas turmas: Infantaria, Eduardo de Carvalho Chaves, atualmente general de Brigada, comandante da 6ª Região Militar; Cavalaria, Floriano Peixoto Keller, general de brigada; Artilharia,

quase todos os próceres que viriam ocupar posição de relêvo na política.

Paulo Joaquim Lopes, coronel, comandante do 1º Grupo de Artilharia de Costa; Engenharia, Juarez Nascimento Fernandes Távora, general de Divisão, chefe da Casa Militar da Presidência da República.

● OS MORTOS

Os aspirantes de 1919 falecidos são os seguintes:

Infantaria: Alexandre José Gomes da Silva Chaves; Mário Tamarindo Carpenter, (no ataque dos 18 do Forte); Homero da Silva Guimarães; Levino Guimarães Leite.

Cavalaria: Nelson Palmeiro Pinto Dias.

Artilharia: Leoni de Oliveira Machado; Jairo Jair de Albuquerque Lima; Sadi Aidos; Guaraci Salgado Freire; Raimundo Antônio Bastos de Campos; Átila Silveira de Oliveira; Renato José de Freitas; Aníbal Gomes Ribeiro; Rafael Vileron França; Raimundo da Costa Lima; Augusto Imbassahy; Dulcídio Schimpelpheng Pereira; Augusto Franco Neto; Jonatans Morais Correia; Domingos Kiribah Cavalcânti; Júlio Tavares; Mário Lopes de Mendonça.

Engenharia: Rubens de Melo e Souza; Valentim Coelho Porta Júnior; João Masson Jacques.

A MATURIDADE DO "TENENTISMO"



Em 30 de dezembro de 1919, êles foram declarados aspirantes. Hoje, os que ainda estão na ativa são generais e coronéis.

● REPERCUSSÃO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL — A FORMAÇÃO DO ESPÍRITO DA TURMA

O Exército Brasileiro, na segunda metade da década 1910-1920 era dirigido, ainda, pelos oficiais que proclamaram a República. Êles tinham ainda a fibra e o espírito republicano. Mas, a ação estava esmaecida pela idade e pela acomodação dos cargos, enquanto no mundo se sucediam as guerras.



Fotografia histórica: Juarez Távora desembarca no Rio como comandante das fôrças revolucionárias do Norte, em 1930. Fato a observar: naquela ocasião, um movimento plebiscitário solicitou ao sr. Getúlio Vargas que elevasse Juarez por decreto ao pôsto de general. Vargas se achava disposto, mas Juarez Távora, é claro, não aceitou...

A MATURIDADE DO "TENENTISMO"







NA ESQUERDA — Domingos Velasco e Artur Carnaúba foram dois dos «tenentes» de 1919 que tenderam politicamente para a esquerda. Velasco, hoje, é senador socialista e Carnaúba, como general reformado está ligado aos comunistas.

BRIGADEIRO ARARIGBOIA — Foi êle um dos que, na aurora da nossa Aeronáutica, abandonaram o Exército para se integrar na nova Arma.

Estavam os russos com os japonêses, lutava-se nos Balcans, debatiam-se turcos e italianos, até que veio o colapso geral, com a guerra 1914-1918. O mundo inteiro estava absorvido pela guerra.

Fatalmente, deveria surgir no seio de nossas fôrças armadas uma nova mentalidade. O desenrolar dos acontecimentos no mundo deveria ter seu eco no Brasil. Os novos métodos de guerra, as novas guerras, as novas organizações das fôrças armadas, uma nova chama de idealismo militar — tudo isso deveria repercutir entre nós.

Oficiais brasileiros foram estagiar na Alemanha. Veio para o Brasil a Missão Militar Francesa.

O Exército, tinha pois, que evoluir. E evoluiu de fato, com as turmas de 1918, 1919 e 1920.

● **1918 - 1920**

Sairam da Escola militar, entre outros, em 1918, Siqueira Campos, Costa Leite, Eduardo Gomes, Bina Machado e Luís Carlos Prestes. Em 1919 e 1920 saíram outros oficiais, que foram integrar a vanguarda do «tenentismo».

De 1920, destacamos Cleto Campelo Filho, Caiado de Castro, Alencastro Guimarães, Alcides Etchgoyen, Amauri Kruel, Orlando Leite Ribeiro.

Atualmente, dêsses 144, 26 estão mortos, 67 na reserva e 51 na ativa. Alguns se transferiram para a Aeronáutica e são brigadeiros. Os do Exército são generais e coronéis.

Tem a turma, de 1919, no momento, nas suas mãos, a chefia do Estado Maior da Aeronáutica, a Casa Militar da Presidência da República, o Govêrno de Pernambuco, o comando da 1ª Região Militar, a Diretoria do Pessoal do Exército, a Divisão de Pára-quedistas e os cargos mais importantes dêsses dois ramos das Fôrças Armadas.







OS LÍDERES — Juarez Távora e Osvaldo Cordeiro de Farias foram dos que mais se destacaram em suas respectivas armas: Juarez ocupando o 1º lugar, Cordeiro o 3º. Depois de comandar a Escola Superior de Guerra, Juarez foi convocado pelo atual Govêrno para a chefia da Casa Militar. Cordeiro de Farias vem de ser eleito no pleito de outubro, Governador de Pernambuco.

EDUARDO GOMES — Encarnou nestes últimos anos tôda a resistência das correntes democráticas contra a política de Getúlio Vargas.

● O CLIMA DAQUELA ÉPOCA

Êsse clima novo se esboçava, quando foram declarados aspirantes, os concludentes da Escola Militar, no ano de 1919. Cordeiro de Farias, Juarez Távora, Ajalmar Mascarenhas, Danton Teixeira, Vasco Alves Sêco, Peri Constant Bevilaqua, Aristóteles Lima Câmara, Floriano Peixoto Keller, foram dos 144 que saíram embuídos da nova mentalidade do Exército.

● A REVOLUÇÃO DE 1922

Depois de 1920, a atmosfera do país era de inquietação completa. As eleições que deveriam se processar em 1922, da qual saiu vitorioso o sr. Artur Bernardes, como candidato à Presidência da República, tinham um caráter anti-militarista e houve, durante a campanha eleitoral, muita provocação às fôrças armadas.

Atribui-se, então, ao sr. Artur Bernardes uma carta (falsificada perfeitamente a caligrafia), publicada no «Correio da Manhã», contra as fôrças armadas. Intrigavam o presidente com os militares por todos os modos.

Na imprensa, dizia-se, até, que êles deveriam trocar calças por saias, se permitissem que o sr. Artur Bernardes se empossasse na Presidência da República.

● EM 1924 E NA «COLUNA PRESTES»

O govêrno Bernardes empossou-se, mas continuou antipático às classes armadas. Segundo o general Juarez Távora, no seu livro «À guisa de um depoimento», criou «um tufão brutal de ódios e vinganças» que «passados, exatamente dois anos, culminou na explosão revolucionária de 5 de julho de 1924, na capital do Estado de São Paulo».

O Poder Executivo se imiscuía excessivamente na vida do país e o Exército conspirava contra o govêrno. Bernardes não podia continuar movendo sua campanha de ódios pessoais contra aquêles que se atreviam a discordar do govêrno.

Ficaram divididas as Fôrças Armadas. A revolução foi pressentida e o contra-golpe preparado pelo govêrno. Mas o movimento eclodiu, comandado pelo general Isidoro Dias Lopes, com os «tenentes» de 1919 presentes, representados, entre outros, por Juarez Távora, Cordeiro de Farias e Luís Braga Mury, que depois correram todo o país, na Coluna Prestes.

A turma continuava unida pelos mesmos ideais de liberdade, que os acompanharam, através de tôda sua carreira.

● CONCLUINDO

Examinados esses detalhes, continuemos nosso exame de História, e chegaremos afinal aos dias lutuosos e cabalísticos de 1954. Passemos de relance sôbre o 24 de outubro de 1954, que não foi pròpriamente o deflagrar de um movimento revolucionário, mas a solução de uma crise. Não tardaríamos muito e veríamos Getúlio Vargas regressar nos braços do povo. Para isto, havia êle usado até a desmoralização os dois fatores que poderiam ter sido os fatores básicos da antiga revolução: a legislação social e a previdência. Nenhuma delas foi criada por Getúlio Vargas, mas uma necessidade imposta pelas condições e pelo tempo. Não foi um fenômeno de criação, como tantos gostam de sugerir, mas a imposição de uma época. Mas estabelecendo-as, Vargas usou delas como demagogia até sua exaustão — mais tarde, iria transformar-se não mais num poder sadio e razoável, mas numa fôrça mística apoiada na credulidade e na ingenuidade do povo.

Vimos como Getúlio Vargas pròpriamente não abandonou o poder — mas explodiu nêle. E vamos desde logo ao fim, desvendando até o âmago nosso pensamento. A morte de Vargas, foi uma conseqüência dessa revolução que êle não soube conter: o espírito latente, mantido pela luta silenciosa do antigo «tenentismo», foi buscá-lo no poder, e o suicídio selou todos os anos de compromisso irrealizado. Podemos dizer que nos achamos sòzinhos, de novo, ante o espírito jovem de 30. Poderíamos adiantar que numa vasta curva, essas águas que a presença tremenda de Vargas desvirtuou e forçou a escorrer mais longe, agora se reúnem e se fecham de novo num combate por ideais que sem Vargas ou com Vargas, jamais deixaram de existir. É fácil apontar quais os dois homens que lideram, apesar de militares, essa imensa corrente de restabelecimento das fôrças democráticas em nosso país. Não há muito, um dêles, saudando a bandeira, afirmou que ela jamais tremularia sôbre outro regime que não o da legalidade. São dois, mas um dêles apenas bastaria para manter vivo todo o espírito dessa velha revolução ainda em marcha.

Flash carioca

PAULO DE ANDRADE LIMA


Chateaubriand


José Américo


Morinigo

● JANGO ARREDIO — Confidência de Jango Goulart a um jornalista (seu amigo) que o visitou em São Borja: «Estou enojado da política, e ansioso por passar todos os compromissos ao pretendente mais próximo».

● LEANDRO VITORIOSO — Leandro Maciel, o comandante da heróica UDN sergipana, recém-eleito governador do Estado, enfrentou e venceu uma oligarquia rica e feroz que dominava a pequena terra há já quase cinqüenta anos. Para a sua posse, no dia 31 de janeiro próximo, Leandro está convidando jornalistas e amigos aqui do Rio. Um avião os levará a todos, e entre os que irão se incluem os jornalistas Rubem Braga, Joel Silveira, Milor Fernandes, o escultor Alfredo Ceschiatti e, possìvelmente, os escritores Luís Jardim e José Lins do Rêgo.

● RECONDUZIDO — Josaphat Carlos Borges, o engenheiro que arrancou a Leste Brasileiro do caos em que se encontrava, e que eletrificou o primeiro trecho da ferrovia, foi demitido logo que o engenheiro Lucas Lopes assumiu o Ministério da Viação. Soubemos, no entanto, que, impressionado com a soma de serviços do engenheiro Carlos Borges à frente da Leste Brasileiro, o ministro Lucas Lopes está disposto a repô-lo no cargo.

● PRESENTE DE ANÍSIO — Anísio Teixeira, diretor do INEP, acaba de dar um magnífico presente à biblioteca do Serviço de Documentação do Ministério do Trabalho: uma coleção de livros didáticos, de tôdas as séries, num total de 1.300 volumes.

● CANDIDATOS — Candidatos mais prováveis à direção do PTB, no lugar de Jango Goulart: José Américo, Osvaldo Aranha, Danton Coelho e Alberto Pasqualini.

● LIVRO — José Américo entregará em princípios de dezembro, ao editor José Olímpio, os originais do seu livro, «Ocasos de Sangue», que é um depoimento retrospectivo da vida política brasileira de 1930 até o suicídio de Vargas. O livro que, sem dúvida alguma, constituirá um «best seller», terá uma edição inicial de 15 mil volumes.

● CONVIDADO — O jornalista Pedro Gomes foi realmente convidado pelo governador Antônio Balbino para dirigir uma secretaria (a da Educação) no seu govêrno. O jornalista não aceitou, mas provàvelmente acompanhará o ex-ministro da Educação na sua próxima viagem à Europa.

● COMIDAS — Comenta-se: o Chatô, a quem, até agora, o Café não teria proporcionado comidas, anda preocupado com os que eventualmente participam do menu presidencial e com a composição dêste. Conta-se, aliás, que a última visita de Chatô ao Catete (a 3ª) terminou num «gole» cordial. E quando o «senateur», transpondo o portão central do Palácio, pisou no asfalto resmungando coisas. E fêz um gesto muito brasileiro, que tem o nome de uma fruta muito brasileira... Êsse negócio de austeridade em discurso é coisa boa; na prática... «Que mágica bêsta»!...

● MORINIGO — Todos se lembram do general Higino Morinigo, Presidente do Paraguai, em visita ao Brasil, recebendo homenagens e continências do povo e dos soldados brasileiros. Hoje, êle transita anônimo pelas ruas do Rio, precisamente porque está, agora, radicado à nossa pátria: o simpático general é presidente de grande indústria de plásticos (Plastin), cuja fabricação foi festivamente inaugurada na Rodovia Presidente Dutra, há poucos dias, entre grandes aplausos de autoridades e povo.

● VASCONCELOS — Interessante o caso de João Vasconcelos: não é magnata no mundo dos negócios, embora seja conceituado comerciante; não controla nenhuma potência econômica; não é dono de trustes; é filho de Estado pequeno — Paraíba; sòmente há poucos anos se radicou no Rio e vai à Presidência da Confederação Nacional do Comércio para ocupar o lugar que foi de João Daudt (Rio Grande do Sul) e Brasílio Machado Neto (S. Paulo). E que discurso substancioso fêz êle, na solenidade da posse, com aplausos gerais!



ÚLTIMO FLASH



UMA TRAGÉDIA ENCOBERTA



• O espantoso episódio ocorrido com o sr. Edgar Estrêla não revela um simples ato de violência, mas desnuda de maneira precisa e impressionante, um drama que até agora, literalmente, ainda não veio à tona da publicidade. Possìvelmente, como tantos outros gerados na vida das criaturas, não se desvendará nunca integralmente. Mas para avaliarmos de sua brutalidade, bastam essas duas fotos lancinantes, batidas assim que explodiu a crise. Numa delas vemos o filho mais velho do sr. Estrêla abater-se num acesso de dor — noutra, assistimos sua espôsa, d. Julieta Estrêla expor nuamente a mágoa que a corrói. "De qualquer modo, dois aspectos de um "Último flash" sombrio e problemático, que condensa um dos mais cruéis dramas de nossa atual vida social e pública. **(Fotos Tribuna da Imprensa)**

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO

Sucursal: Av. Ipiranga, 879 - 3º andar, conjunto 35. Telefone: 35-0351.
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

REVISTA DA SEMANA

ANO 54 — Nº 49 ★ RÍO DE JANEIRO ★ 4-12-54

Assistente de Publicidade..........**J. M. Costa Júnior**
Redatores e corretores...**S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega**

ENDERÊÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

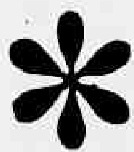
O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.



A maior e mais moderna fábrica de conservas alimentícias do BRASIL



VISTA AÉREA DA FÁBRICA CENTRAL NA CIDADE DE JUNDIAÍ



A CICA POSSUI MAIS 3 FABRICAS REGIONAIS EM DELFIM MOREIRA, MONTE ALTO E MOGI MIRIM



★ SE A MARCA É "CICA" BONS PRODUTOS INDICA ★

ANUNCIE no matutino de maior penetração em tôdas as camadas sociais do Distrito Federal

Diario de Noticias

APRESENTA



...e ampla secção de propaganda comercial

Diario de Noticias

RUA DA CONSTITUIÇÃO, 11 — TEL.: 42-2910

O MATUTINO DE MAIOR TIRAGEM DO DISTRITO FEDERAL